

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**A VIDA COMO VIAGEM: A NAVEGAÇÃO DE SÃO BRANDÃO E A
BUSCA DO PARAÍSO**

MANAUS
2012

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

RACHEL MEYRELLES GONÇALVES LIMA

**A VIDA COMO VIAGEM: A NAVEGAÇÃO DE SÃO BRANDÃO E A
BUSCA DO PARAÍSO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História. Área de Concentração História Social. Linha de Pesquisa Cultura e Representação.

Orientador: Prof. Dr. Sinval Carlos Mello Gonçalves

MANAUS
2012

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

L732v Lima, Rachel Meyrelles Gonçalves
A vida como viagem : A Navegação de São Brandão e a busca do
Paraíso / Rachel Meyrelles Gonçalves Lima. 2012
119 f.: il.; 31 cm.

Orientador: Prof. Dr. Síval Carlos Mello Gonçalves
Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do
Amazonas.

1. Narrativa. 2. Paraíso. 3. Viagem. 4. Além. I. Gonçalves, Prof.
Dr. Síval Carlos Mello II. Universidade Federal do Amazonas III.
Título

RACHEL MEYRELLES GONÇALVES LIMA

**A VIDA COMO VIAGEM: A NAVEGAÇÃO DE SÃO BRANDÃO E A
BUSCA DO PARAÍSO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História. Área de Concentração História Social. Linha de Pesquisa Cultura e Representação.

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Síval Carlos Mello Gonçalves, Orientador
Universidade Federal do Amazonas

Profa. Dra. Vânia Leite Fróes, Membro
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Auxiliomar Silva Ugarte
Universidade Federal do Amazonas, Membro

Manaus, 02 de Agosto de 2012

A Cristiano Lima, meu amor,
amigo e companheiro.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por sua fidelidade.

Ao meu esposo, Cristiano Lima, que me apoia e incentiva na realização de todos meus sonhos.

A minha filha, Letícia Meyrelles, que me acompanhou desde o ventre até este momento.
Vocês dois são minha inspiração.

A minha mãe, Débora Gonçalves, que abdicou de seu tempo para me ajudar.

Ao meu orientador, professor Dr. Síval Carlos Mello Gonçalves, cuja ajuda e dedicação foram essenciais para realização desse trabalho.

A Universidade Federal do Amazonas e ao Programa de Pós-Graduação em História, por esta grande oportunidade.

A Capes pela bolsa de estudos.

RESUMO

A Navegação de São Brandão é como ficou conhecido um ramo de textos latinos medievais, que trazem o relato da viagem marítima de São Brandão e seus monges em busca da “*terra repromissionis*”, um paraíso insular perdido. Na narrativa, Brandão e seus companheiros viajam durante sete anos num espaço maravilhoso, onde conhecem várias ilhas maravilhosas. Durante o percurso, eles festejam as principais festas do calendário litúrgico (Páscoa e Natal), revivendo anualmente a vida e morte de Jesus. A viagem é marcada por inúmeras maravilhas, como também por vários perigos e percalços, devendo ser inserida no contexto medieval de crença no Além e de representação da vida terrestre como uma peregrinação. Assim, todo homem era fundamentalmente um peregrino caminhando em meio a este mundo até atingir sua morada eterna. Dessa forma, a busca de São Brandão pelo Paraíso pode ser vista como uma representação do percurso do cristão medieval em busca da salvação. Esse percurso culmina com sua entrada no Paraíso, o lugar onde todos os justos poderiam enfim gozar de uma felicidade plena e desfrutar das recompensas de uma vida virtuosa.

Palavras-chave: Narrativa. Paraíso. Viagem. Além.

ABSTRACT

The Navigation of St. Brendan is known as a branch of medieval Latin texts, which bring the story of the sea voyage of St. Brendan and his monks in search of "terra repromissionis", an lost paradise insular. In the narrative, Brendan and his companions traveling for seven years in a wonderful space, where they meet many wonderful islands. Along the way, they celebrate the major feasts of the liturgical calendar (Easter and Christmas), annually reliving the life and death of Jesus. The journey is marked by numerous wonders, but also by many dangers and difficulties, and should be placed within the context of medieval belief in the afterlife and representation of earthly life as a pilgrimage. Thus, every man was basically a stranger walking through this world to reach their eternal abode. Thus, the search for Paradise by St. Brendan can be seen as a representation of the medieval Christian journey in search of salvation. This journey culminates with their entry into Paradise, where all the righteous could finally enjoy a full happiness and enjoy the rewards of a virtuous life.

Keywords: Narrative. Paradise. Travel. Beyond.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1 NAVEGAÇÃO DE SÃO BRANDÃO: TEXTO E CONTEXTO	09
2 O PERCURSO DE SÃO BRANDÃO	37
3 A NOÇÃO DO PARAÍSO	68
3.1 O Paraíso Reencontrado	71
3.2 O Lugar do Paraíso na Geografia Medieval	76
3.3 O Paraíso de Brandão e suas Características	79
4 O CAMINHO DO PARAÍSO: O CAMINHO DA SALVAÇÃO	84
4.1 O Percurso de Brandão	89
4.2 A Estrutura da Narrativa	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	115
APÊNDICE	
APÊNDICE A – Quadro do Percurso da Viagem	117
APÊNDICE B – Percurso Fixo-Anual	118

INTRODUÇÃO

Há muito tempo, a viagem revelou-se uma prática humana de grande importância. Isoladamente, ou, sobretudo, em grupo, o homem já percorreu toda a superfície terrestre, indo, inclusive, além dela, chegando até vários lugares do universo. Ao que parece, a viagem, ou melhor, o desejo de descolar-se, seja por necessidade ou por prazer, faz parte do próprio homem.

Na Idade Média não foi diferente. Atualmente, a historiografia medieval tem revelado que o homem desse período viajou muito e por motivos diversos: os religiosos e monges viajam por vários lugares em suas missões de evangelização, frades mendicantes eram enviados de um convento a outro, os mercadores viajam a lugares distantes. Dentre essas e outras viagens, havia também a prática da peregrinação, que motivou o deslocamento dentro (e fora) do mundo medieval. A peregrinação é uma prática importante não só pelo deslocamento físico que ela obriga, mas, principalmente, por representar a metáfora fundamental da sociedade medieval, que concebiam a vida terrestre como uma viagem. Nesta perspectiva, o homem como um viajante (o *homo viator*, um tema muito corrente), um peregrino, caminhando em meio a este mundo até atingir sua morada eterna.

Esta dimensão da vida medieval me levou à ideia deste trabalho: A vida como viagem, a Navegação de São Brandão e a busca do Paraíso. Entendo que a viagem ao Paraíso de São Brandão ilustra a viagem de todo cristão em busca de sua salvação, que é caracterizada por sua entrada no Paraíso, sua pátria celeste. Portanto, o nosso objeto de estudo é a viagem, especificamente, a viagem de Brandão ao Paraíso, e não o Paraíso propriamente. Contudo, como a viagem tem por destino o Paraíso, faremos uma breve reflexão sobre o tema, a fim de possibilitar uma melhor compreensão da narrativa e da viagem que ela relata.

Assim, dividi este trabalho em quatro capítulos. No primeiro capítulo, “*Navegação de São Brandão: texto e contexto*”, apresento informações sobre o personagem principal do texto, São Brandão, e também sobre a narrativa da Navegação, analisando o pano de fundo no qual a narrativa foi forjada. O segundo capítulo, “*O Percurso de Brandão*”, é a uma síntese da narrativa, onde descrevo passo a passo todo percurso de Brandão e seus companheiros. O terceiro capítulo, “*A Noção de Paraíso*”, trata sobre o tema do Paraíso no Ocidente, tão importante para a compreensão da narrativa. Neste capítulo, resalto rapidamente as transformações e as heranças desse Paraíso, analisando também a imagem de Paraíso encontrada na Navegação. Por último, o quarto capítulo, “*O Caminho do Paraíso como Caminho de Salvação*”, mostra como a viagem de Brandão ao Paraíso ilustra a viagem de

cada cristão. Para tanto, analiso seis elementos essenciais na narrativa: tempo, espaço, liturgia, eucaristia, elementos simbólicos (animais, cores e números) e peregrinação.

A análise de uma obra como a “Navegação” não é uma tarefa fácil. Esse tipo de narrativa de viagem orienta-nos para domínios e estruturas de pensamento que não são contemporâneos a nós. E, por isso, precisam ser tratados com cautela. Essas narrativas de viagens aproximaram a sociedade medieval de seus sonhos, funcionando como intermediários entre o mundo do imaginário e o mundo real. Elas revelaram aos homens medievais os segredos das coisas e do mundo, tornando acessível à humanidade o mundo maravilhoso do Além. Dessa forma, em geral, as narrativas de viagem, especialmente, as narrativas de viagem ao Além são importantes fontes, revelando-nos, ainda hoje, um outro mundo, o mundo medieval.

Por último, preciso dizer que antes de meu primeiro contato com a obra, não tinha nenhum conhecimento sobre o texto. O que, em parte, foi positivo, pois me possibilitou uma leitura desprovida de qualquer conhecimento inicial sobre a narrativa. Com o passar do tempo, as informações da historiografia medieval e alguns conhecimentos sobre teoria literária me permitiram novas leituras do texto, que me ajudaram em minha análise.

A versão da “Navegação” de que dispomos é uma edição espanhola de Fremiot Hernández González intitulada: *Navegación de San Brendán*. O texto é uma tradução direta do latino seguindo a edição de Carlos Selmer, *Navigatio Sancti Brandani abbatis*, a partir dos “early Latin manuscripts”. Além disso, sempre que necessário, seja para tirar alguma dúvida ou confirmar alguma informação, cotejei com dois textos: *Navigatio Sancti Brendani Abbatis* uma edição digital de Guy Vincent e também com a versão do Arcebispo Benedeit, *Le Voyage de Saint Brendan*.

1. NAVEGAÇÃO DE SÃO BRANDÃO: TEXTO E CONTEXTO

O final do século V¹ marca o início da história de Brendan de Ardfert e Clonfer, mais conhecido como São Brandão, que nasceu no condado de Kerry, Irlanda. Ainda em sua terra natal, Brandão se torna monge, vindo a ingressar posteriormente no mosteiro de Lancavar, no País de Galles, onde foi consagrado abade. Seu contato com o Cristianismo teria começado ainda na infância, primeiramente através de sua madrinha Ita, uma monja que o criou até cinco anos de idade, e depois com um famoso orador irlandês convertido em bispo chamado Erco, que dirigiu a educação de Brandão, ensinando os Salmos, latim, literatura, astronomia, medicina, matemática, etc. Além disso, Erco também teria ordenado Brandão como sacerdote, sendo uma espécie de diretor espiritual de muitos santos de Kerry.

Todas essas informações sobre a vida de Brandão são oriundas de uma tradição oral, que só foi escrita muitos anos depois de sua morte². Isto coloca uma série de dificuldades ao estudo biográfico, na medida em que impossibilita que se tenha certeza quanto aos dados de sua filiação e nascimento. Todavia, destacamos estes pontos, para que, acima de tudo, possamos ter uma ideia, ainda que parcial e incerta, de quem foi o homem que é o personagem principal de uma das narrativas mais conhecidas do período medieval: a *Navigatio Sancti Brendani*, Navegação de São Brandão.

Mas, se os dados biográficos são incertos e incompletos, podemos enriquecer a história individual de Brandão, entendendo melhor o contexto no qual ela se insere, ou seja, através de informações sobre a história da Irlanda e da expansão do Cristianismo naquela região. Ao que tudo indica, Brandão viveu durante um período em que a Irlanda, em seu primeiro fulgor da conversão ao Cristianismo, enviou muitos mensageiros da fé para diversos pontos do continente e regiões do mar. Muitas informações sobre o processo de conversão da Irlanda ao Cristianismo são controversas; no entanto, sabe-se que, no século V, Roma envia o primeiro bispo à Irlanda, Palladius. Em um texto do cronista Próspero de Aquitânia datado no ano 431 d.C, encontramos o seguinte relato: “*Ad Scottos in christum credentes ordinatus a papa Caelestino Palladius primus episcopus mittitur*”³ (Consagrado pelo Papa Celestino, Palladius é enviado como o primeiro bispo aos irlandeses que crêem em Cristo). O texto afirma que antes do envio oficial do primeiro bispo, já havia cristãos na Irlanda, o que, conseqüentemente, levanta a questão de como o cristianismo teria chegado à ilha. A hipótese

¹ As fontes históricas não são unânimes ao definir as datas de nascimento ou de morte de São Brandão. Fremiot Hernández González, em sua tradução do texto latino para o espanhol, diz que Brandão teria nascido no último quartel do século V, por volta do ano de 483 de nossa era.

² Jean Delumeau afirma que Brandão morre no fim século VI.

³ Crônica de Próspero, apud Ó CROÍNÍN, 1995, p.14.

mais provável é que teria vindo via Gales, que também possivelmente teria sido a rota tomada pelo próprio Palladius em 431 d.C. De qualquer forma, esta discussão não constitui o interesse primordial do nosso trabalho, na medida em que não objetivamos um estudo específico do cristianismo na Irlanda. Neste momento, queremos sublinhar apenas a existência de cristãos na Irlanda do século V, século do nascimento de Brandão. Muito provavelmente, São Brandão fazia parte desse grupo de cristãos, que crescerá bastante posteriormente com a chegada de São Patrício, que dá os primeiros passos para a organização da Igreja na Irlanda. Assim ao longo dos séculos VI e VII, a Igreja se estabiliza no território irlandês, chegando a constituir uma força cultural dominante, devido principalmente à rede de mosteiros e ao grande número das fundações eclesiásticas que constrói.

Quanto à importância destes primeiros cristãos irlandeses, sabe-se que tiveram um papel fundamental na propagação da fé cristã. Segundo Lílian Salaber Souza e Silva, “a primeira fase da evangelização parece ter sido levada a cabo por alguns homens tidos como santos, sendo que poucos deles eram bispos”⁴. Estes homens foram responsáveis pela difusão do cristianismo, sendo os primeiros a levarem fé cristã a várias localidades, estabelecendo também contatos importantes com comunidades cristãs de outras regiões, o que inspirou o desenvolvimento de comunidades de monges que se estabeleceram na Irlanda a partir do século VI. Peter Brown fala de uma “época dos santos”⁵, referindo-se ao período desses homens chamados santos que viajavam por diversos pontos da Irlanda e outras localidades. Entre os séculos V e IX, os mosteiros irlandeses foram viveiros de missionários que se espalharam por diversos lugares da Inglaterra e da Escócia. Esses missionários levavam, além de seus costumes, uma paixão por abrir novos mosteiros, ajudando, assim, no combate às práticas pagãs e evangelizando outros lugares. Alguns monges irlandeses chegaram a povoar ilhas e recifes desertos, os chamados eremitas irlandeses, que buscam seu deserto no mar/oceano. Durante os séculos VI e VII, a Irlanda teria exportado centenas de monges para o continente: Alemanha, França, Bélgica, entre outros, onde fundaram mosteiros. Estes monges não apresentavam em seu espírito nada em comum com a moderação beneditina, sendo seu “*modus vivendi*” mais parecido com o ascetismo oriental, onde se juntam: o jejum, o estudo, a oração e as práticas ascéticas. Além disso, entre os séculos VII e VIII, muitos monges irlandeses também participaram do movimento de evangelização da Germânia e regiões limítrofes.

⁴ SILVA, Lílian S. Souza e. O Monaquismo Irlandês no século VI. In: Dissertação em História Social. Curso de Pós-graduação em História da UFF. Niterói: 2010. pp.34.

⁵ BROWN, Peter. Ascensão do Cristianismo no Ocidente. Lisboa: Presença, 1999, pp.169.

A importância desse movimento monástico irlandês pode ser entendida em parte pela peculiaridade da Igreja na Irlanda. Lester K. Little chama nossa atenção para a diferença entre o principal modelo de organização da Igreja ocidental e o modelo irlandês. Segundo ele, “a organização da Igreja do Ocidente reproduziu exatamente os principais elementos da estrutura política imperial que a tinha precedido”⁶. Little afirma que “a continuidade do pessoal e das instituições foi assegurada pela facilidade com a qual os membros da aristocracia senatorial engajaram-se no bispado, a religião não impedia que vivessem ou governassem quase como seus antepassados haviam feito”⁷. Dessa forma, nas regiões mais importantes do antigo império, “a Igreja do Ocidente era governada por bispos que exerciam uma autoridade espiritual e administrativa sobre os cristãos vivendo em suas áreas de jurisdição, que eram definidas com precisão”⁸. Em geral, esta autoridade episcopal conseguiu barrar o monasticismo. Entretanto, na Irlanda as coisas foram diferentes. Little diz que “como o país não possuía a infraestrutura romana comum de cidades, portos, estradas, pontes e unidades geopolíticas de administração e jurisdição, a organização episcopal da Igreja continental foi incapaz de implantar-se”⁹. Assim, a unidade dominante da organização social na Irlanda era o clã, assim em todo lugar que tinha um mosteiro de homens (alguns tinham até um destinado às mulheres), “as funções de abade e abadessa eram colocadas diretamente sob controle da família”¹⁰. Little ainda afirma que só alguns monges irlandeses tornaram-se padres, e dentre estes, até existia em geral um que exercia a função de bispo, mas, por estar dentro do mosteiro, era submisso à autoridade do abade. Dessa forma, a Irlanda constitui-se uma importante exceção ao esquema ocidental, na medida em que, diferentemente de outros, o seu monasticismo não foi um movimento marginal. Segundo Little, “a adaptação do monasticismo irlandês baseado no clã à estrutura da sociedade aristocrática franca produziu uma mistura única e original”¹¹. O desenvolvimento deste novo monasticismo, localizado fora das antigas cidades do império romano que, como dissemos, tornaram-se centros da autoridade episcopal, foi importantíssimo na evangelização do campo, contribuindo também para a transformação da natureza do próprio bispado (no século VII, onze monges de Luxeuil foram nomeados para séis episcopais francas, representando essa “nova raça de bispos”, que não se contentam em fundar novos mosteiros e incentivar uma nova espiritualidade, mas

⁶ LITTLE, K. Lester. *Monges e religiosos*. in: *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Vl. 2. São Paulo: Edusc, 2006, p. 227.

⁷ *Ibidem*. p.227.

⁸ *Ibidem*. p.227.

⁹ *Ibidem*. p.228.

¹⁰ *Ibidem*. p.228.

¹¹ *Ibidem*. P.229.

também que procuraram modernizar vários estabelecimentos antigos como Saint-Martin de Tours, por exemplo).

Desse modo, seguindo o costume de vários monges irlandeses e do País de Gales, São Brandão empreendeu algumas viagens marítimas. E foi, justamente, por essas viagens que ficou conhecido no mundo literário e histórico como “o navegador”. Em suas incursões, na primeira metade do século VI, Brandão fundou vários mosteiros em diversos lugares da Irlanda, especialmente na região de Leinster, realizando também missões na Grã-Bretanha, Escócia, País de Gales e em outras ilhas ocidentais. Suas viagens também contribuíram para sua fama de “santo” por todas as ilhas britânicas, sobretudo pela costa sudoeste da Irlanda, onde se encontram atualmente vestígios de sua devoção: como os inúmeros topônimos (Brandon Hill, baía Brandon, ponta Brandon, cabo Brandon, poço Brandon, etc) que perduram nos arredores de Trallee. Entretanto, a viagem mais famosa de São Brandão é a aventura experimentada na companhia de um grupo de frades em busca do paraíso.

O número de manuscritos que retratam esta história de Brandão é muito grande, não existindo, ainda, um catálogo definitivo que contemple todos os manuscritos. Segundo Fremiot Hernández González, “*haciendo una breve datación por siglos solo de los manuscritos en latín descubiertos hasta ahora, tenemos que tres fueron escritos en el s. X o en paso del X al XI, catorce en el XI, veintitrés en XII, veintinueve en el XIII, diecinueve en el XIV e cuatro en el XVII*”¹². Muito se tem debatido sobre a datação da primeira redação da *Navegatio*¹³, contudo, ainda não se pôde determinar quando exatamente ela foi escrita. Para Fremiot Hernández González, “*la primera redacción de la legenda se sitúa en una banda amplísima que va desde mediados del siglo VII hasta mediados del XI*”¹⁴. Considerando que Brandão tenha morrido no século VI, podemos afirmar que levou, no mínimo, um ou dois séculos para que a história de sua viagem ao Paraíso tomasse uma forma textual.

Dentro desse imenso corpus documental, encontramos duas tradições de textos distintos: a *Vita Sancti Brendani* e a *Navegatio Sancti Brendani*. Segundo Wanessa C. Asfora, “a primeira constituía um ramo de outra tradição já existente, a dos textos hagiográficos medievais que tratavam da vida de santos até os acontecimentos pós-morte, incluindo todos os

¹² GONZÁLEZ, Fremiot Hernández. Algunas diferencias entre La Vita Sancti Brendani y la Navigatio Sancti Brendani. p. 294. Disponível em < <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=163847>>. Acesso em 21 maio 2011.

¹³ Para esta datação da obra, os pesquisadores utilizam três principais critérios: o estudo comparativo de fontes literárias, o cotejo de manuscritos distintos, e a relação com obras da literatura vernácula irlandesa. Estes estudos não são unânimes, variam a data da primeira redação da *Navegação* desde o século VII até XI, como dizemos acima.

¹⁴ GONZÁLEZ, Fremiot Hernández (edição). *Navegación de San Brendán*. Madrid: AKAL, 2006, p.11.

seus feitos e milagres”¹⁵. Assim, dentre o conteúdo da *Vita* encontramos, principalmente, dados sobre a vida de Brandão, do seu nascimento a sua morte (sua linhagem, seus feitos e suas viagens). A segunda tradição, da *Navegatio*, difere-se das *Vitae*, na medida em que, apresenta um tom menos biográfico, “concentrando-se na narração de apenas uma das viagens realizadas pelo santo, foi o episódio que ficou mais conhecido como ‘lenda de São Brandão’ ou ‘Navegações de São Brandão’ e cuja denominação latina é *Navigatio Sancti Brendani*”¹⁶.

Fremiot Hernández Gonzalez fala que os estudos sobre esses dois textos revelam que a *Vita* seria anterior à *Navegatio*, sendo muito possível que a confecção da *Navegatio* tenha sido realizada sobre o conteúdo da primeira. De acordo com Hernández González, “*no existe, sin embargo, de momento, ningún texto manuscrito de la Vita que no esté abreviado que este libre de la contaminación de la Navegatio*”¹⁷. O autor menciona cinco códices onde podemos encontrar os dados que correspondem ao conteúdo da *Vita*: o Codex Salamanticensis, Codex Kilkenniensis, Codex Insulensis, a Vida de Capgrave e o Libro de Lismore. González também descreve rapidamente o conteúdo da *Vita*, que, segundo ele, “*comenzaría la Vita dando noticias sobre el nacimiento de Brendán, su educación por santa Ita y san Erco, sus primeros milagros, su ordenación como sacerdote, su deseo de peregrinación y la súplica a Dios que le concediera una tierra secreta a donde poder retirarse*”¹⁸. Na continuação, o relato *Vita* diz que súplica de Brandão é ouvida e seu desejo atendido, quando se mostra a ele um monte, uma ilha que ele iria alcançar. Segundo a *Vita*, são construídos três barcos cobertos de couro, onde embarcam um grupo de homens que se lançam ao mar. Eles navegam por cinco anos, durante os quais vêem e visitam muitas ilhas, mas nenhuma delas é a que procuram. Depois de cinco anos de viagem, nos quais acontecem várias vicissitudes (tempestades, visões, etc.), regressam à sua pátria. Brandão, então, vai visitar Santa Ita e São Erco. Nesta visita, Ita lhe diz que não encontraria a terra prometida por Deus em barcos construídos com peles de animais mortos, sendo mais apropriados os barcos de madeira. O texto segue contando sobre a construção do barco e o pedido dos artesões responsáveis pelo barco para acompanharem Brandão. Segundo a *Vita*, sessenta homens viajam nesta segunda viagem que dura dois anos repletos de grandes perigos e inúmeras peripécias, até que eles alcancem seu destino: a terra prometida.

¹⁵ ASFORA, Wanessa C. A ideia de *Peregrinatio* na *Navigatio Sacti Brendani Abbatis*.in: ASFORA, Wanessa vC. *Navigatio Sancti Brendani Abbatis: tempo, espaço, Outro mundo e peregrinação no relato de São Brandão à terra repromissis*. 2002. Dissertação (mestrado em História Social). FFLCH – USP, São Paulo.

¹⁶ Ibidem. p.4.

¹⁷ Ibidem. p.295.

¹⁸ Ibidem. p.299.

Já quanto aos manuscritos da *Navegatio*, Hernández menciona a existência atual de cento e vinte manuscritos do texto. Segundo ele, “*podemos decir que no existe país de cierta solera en el ámbito de la cultura medieval que no tenga uno en alguna de sus bibliotecas*”¹⁹. O que demonstra a grande difusão da narrativa que alcançou vários lugares no período medieval e até mesmo depois dele, pois, no século XIX ainda encontramos uma edição da lenda, a chamada *La legende latine de Saint Brandaines*, uma tradução inédita em prosa e poesia publicada em 1836. No relato da *Navegatio*, Brandão, após receber uma visita de Barinto, que lhe relata a viagem que havia feito a uma terra de promessa, decide viajar, imitando o exemplo do próprio Barinto. Nesta aventura juntam-se a ele quatorze monges. Grupo que é aumentado para dezessete, com a chegada de outros três monges que pedem para ir com Brandão. Para esta viagem, Brandão e seus companheiros constroem um navio coberto com couro e navegam durante sete anos, durante os quais visitam várias ilhas, regressando sempre a quatro lugares nas festas do ano litúrgico (Natal, Páscoa, Pentecostes e Quaresma). No final dos sete anos chegam a seu alvo, regressando, depois disso, à Irlanda onde relatam suas aventuras aos outros monges. A *Navegatio* relata, ainda, a morte de Brandão pouco tempo depois de sua chegada. Como podemos notar, há diferenças no conteúdo dos relatos da *Vita* e da *Navegatio*. Dentre as diferenças entre os dois textos, González assinala algumas: os incidentes de viagem são muitos mais numerosos, a ausência na *Navegatio* da primeira etapa da vida de Brandão (nascimento, filiação, educação, etc), o número de barcos utilizados na viagem, o número de companheiros que fazem a viagem junto com São Brandão, a duração da viagem e o motivo da viagem.

A existência dessas duas tradições de manuscritos demonstra ainda mais a grande difusão da narrativa de Brandão na Idade Média. Muito provavelmente, a lenda de Brandão surge na oralidade, provavelmente durante o século VI, levando alguns séculos, possivelmente dois ou três séculos, para ganhar sua primeira forma escrita. Como outros textos medievais, o texto da *Navegatio* tem um longo percurso cultural que passa por um período de oralidade, para depois ganhar a forma escrita em várias versões. Esse percurso cultural forneceu à Navegação não só a forma, mas também os elementos que a constituem e que revelam sua herança cultural diversa. Segundo González, “*La Navegatio tiene detrás una tradición de literatura monástica de unos trescientos años. Es muy posible que en la creación de esta leyenda haya elementos orales, pero no propios del folclore, sino que más bien se trataría de ideas y anécdotas que circulaban de boca en los monasterios*”²⁰.

¹⁹ Ibidem. p.301.

²⁰ GONZÁLEZ, 2006, pp.9-10.

Um levantamento que dê conta de cada fonte da Navegação não é uma tarefa fácil, na medida em que não é possível seguir em detalhe a origem de cada elemento presente no texto. E isto, sobretudo, porque há em muitos elementos mesclas de temas que pertencem ou aparecem em várias culturas. Desse modo, destacamos as principais fontes e principais tradições culturais presentes na Navegação.

As fontes da narrativa de Brandão são oriundas de três principais tradições culturais: o mundo celta, através dos mitos irlandeses; a tradição judaico-cristã, com suas visões do céu e do inferno baseadas nas histórias bíblicas (as visões de Esdras e Isaías, a Nova Jerusalém, por exemplo) e alguns livros apócrifos (o livro de Enoque, por exemplo); e a cultura greco-latina, com alguns autores antigos como Virgílio, que relata na *Eneida* a viagem que o herói troiano Enéias fez ao Inferno, e Cícero, que se utiliza, em seu *Sono do Escorpião*, do mundo dos mortos para expor suas ideias sobre determinados temas filosóficos.

A importância da cultura céltica na Navegação pode ser percebida na relação existente entre o tema da narrativa de São Brandão e de outros relatos e sagas irlandesas. Ana Donnard assinala duas especificidades na matéria brendaniana: “primeiro a inserção da narrativa de navegação dentro do contexto hagiográfico. Em segundo lugar, a premissa de uma terra prometida a se descobrir antes dos fins dos tempos”²¹. Segundo Donnard, “o Outro Mundo se revela na matéria brendaniana, como passível de reconhecimento pela alma cristã que o reconhece como Paraíso terrestre e ao qual se pode chegar através de uma peregrinação pelas águas de um mar desconhecido”²². Para a autora, essa perspectiva vai ao encontro com os temas presentes nos relatos de viagens dos celtas (como El viaje de Bran, no século VIII, El viaje de Mael Dúin, no século IX ou XI, El viaje de Snédgus, no século IX ou X, e El viaje de Uí chorra, no século XI). De modo geral, essas sagas de viagens irlandesas relatam a busca pelo “Outro Mundo”, o lugar onde habita a divindade ou onde está às almas dos “bem-aventurados” ou, ainda, simplesmente, uma ante-sala do Paraíso. Nessas narrativas de viagens chamadas *immrama* (singular *imram*) encontramos histórias onde o “Outro Mundo se revela ao herói através de manifestações intermediadas quase sempre pelas águas brumosas e por ilhas que surgem e desaparecem”²³.

Dentre estas sagas, destacamos quatro relatos que apresentam dados semelhantes com a narrativa de São Brandão: *El viaje de Bran* (século VIII), *El viaje de Mael Dúin* (século IX

²¹ DONNARD, Ana. O Outro Mundo dos celtas atlânticos e a mítica Brasil, ilha dos afortunados: primeiras abordagens. Nuntius antiquus: Belo Horizonte, n. 3, Agosto de 2009, p.17. Disponível em: <<http://www.misteriosantigos.com/acervo/Outro%20Mundo%20dos%20celtas.pdf>>. Acesso em 10 maio 2011.

²² Ibidem. p.17.

²³ Ibidem. p. 18.

ou XI), *El viaje de Snédgus* (século IX ou X), e *El viaje de Uí chorra* (século XI). Nestas narrativas, o “Outro Mundo” é relacionado, na maioria das vezes, com uma ilha ou um conjunto de ilhas, que são o alvo dessas viagens realizadas por indivíduos mortais que, ao regressarem de sua busca, relatam suas experiências e os feitos maravilhosos contemplados e vividos durante a viagem. As semelhanças entre os elementos contidos nestes textos levantam questões sobre a primazia entre os textos. González destaca que, enquanto alguns estudos evidenciam a primazia dessas quatro sagas de viagens sobre a Navegação de Brandão, outros afirmam que a Navegação seria uma das principais fontes da narrativa de Mael Dúin. Existem, ainda, aqueles que falam que *El viaje Mael Dúin* seria, na verdade, uma imitação laica da *Navegatio*. Há, ainda, outras opiniões que abrem possibilidades diversas em relação aos textos em questão, entretanto, podemos afirmar categoricamente que há em ambos os textos muito mais que elementos similares. Segundo Fremiot Hernández González, “*en la versión del Viaje que hemos resumido se cuenta que Mael Dúin y sus compañeros se encuentran con un grupo de quince monjes que después de Brendán se habían lanzado a peregrinar por el oceano, e incluso tenían un baúl que decían que había pertenecido al santo*”²⁴. Este fragmento do texto de Mael Dúin faz uma referência direta a Brandão e sua narrativa, o que poderia revelar a primazia da Navegação. Porém, não dispomos de dados necessários para essa afirmação. Podemos, no máximo, dizer que o autor do texto de Mael Dúin conhecia ou pelo menos tinha ouvido histórias sobre Brandão e suas viagens.

Portanto, a Navegação seria o resultado escrito de uma tradição oral céltica antiga, que revela vários paralelos com a literatura clássica, especialmente com a *Odisseia* e a *Eneida*, sobre o tema do “Outro Mundo”. Entretanto, Donnard nos adverte que este material céltico, particularmente o irlandês se sobrepõe consideravelmente, “revelando um ‘Outro Mundo’, é claro, com vários paralelos clássicos, mas advindos de uma outra esfera de ‘comércio mitológico’, anterior ao momento medieval das hagiografias e das composições nos mosteiros do oeste europeu”²⁵. Para Donnard, tanto gregos e celtas teriam utilizado, em suas literaturas, de um “estoque mitológico” comum, oriundo de um “extenso painel mítico-literário pré-cristão” constituído em tempos remotos.

Somado aos elementos da tradição céltica antiga, encontramos na Navegação uma forte influência de outros elementos culturais, principalmente, da tradição judaico-cristã. Jacques Le Goff, ao estudar este processo de transmissão de algumas viagens ao além, das

²⁴ GONZÁLEZ, Fremiot Hernández. Algunas diferencias entre La Vita Sancti Brendani y la Navigatio Sancti Brendani. p. 292. Disponível em: < <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=163847>>. Acesso em 21 maio 2011.

²⁵ DONNARD, Ana. op. cit. pp.

quais a Navegação faz parte, constata a existência de um esquema de transmissão dividido em quatro partes: 1) a tradição oral “folclórica”; 2) um *litteratus*, um clérigo erudito; 3) um *illiteratus*; e, finalmente, 4) um escritor, um *scriptor* anônimo. As três primeiras estão no domínio da oralidade e a última passa à narração escrita, feita geralmente por um escriba erudito que, na maioria das vezes, modifica a narrativa do iletrado, substituindo as concepções e os elementos pagãos por temas cristãos. Todavia, mesmo parecendo simples, este processo de transmissão é complexo e cheio de nuances. Jacques Le Goff nos alerta para uma característica que não deve ser despercebida, quando estudamos a história da época medieval, em que “a realidade cultural raramente foi a de uma oposição nítida entre popular e o erudito, oral e o escrito, mas a de uma interação entre atores e atos culturais mais ou menos eruditos ou mais ou menos populares”²⁶.

É neste contexto medieval que se proliferaram inúmeras histórias, relatos de visitas ao “outro mundo” por homens, religiosos ou não, que ainda em vida tinham a oportunidade de conhecer e descrever o Além. Muitas dessas histórias, denominadas posteriormente como “viagens ao além”, ganharam gradativamente sucesso. Le Goff faz o esboço de uma história sociocultural dessas viagens ao Além na Idade Média, fornecendo a seguinte periodização²⁷: 1) Até o século VII, a atitude da Igreja de destruir ou ocultar a cultura “folclórica”, assimilada ao paganismo, fez praticamente desaparecer as viagens ao Além; 2) Do século VII até ao século X, constitui-se a grande época das visões ao Além, e isto graças especialmente ao movimento do monaquismo e a uma filtração dos elementos populares restantes; 3) Nos séculos XI e XII, principalmente no último, nota-se o grande ímpeto do folclore, ligado à promoção dos leigos; 4) Nos séculos seguintes houve um chamado contra-ataque da cultura erudita, acarretando entre outras coisas na racionalização do Além.

Conciliando as informações da datação da Navegação com a periodização das viagens ao Além descrita acima, podemos verificar que a primeira redação da narrativa de Brandão acontece exatamente na época das visões ao Além (do século VII até o X), um período em que aparecem inúmeras histórias de viagens ao Além. O texto mais antigo da legenda de Brandão disponível atualmente, a *Navigatio Sancti Brendanni Abbatis*, escrito em latim por um monge do grupo dos Scotti Literarti, é do século X. Depois dele, temos uma versão do arcebispo Benedeit, *El viaje de San Brandán*, dedicada a Rainha Matilde, esposa de Enrique I, que é datada no século XII, um período em que o “folclore” ganha força. Dessa forma, a Navegação passa por três períodos: primeiro, um período de escrita do texto, possivelmente

²⁶ LE GOFF, Jacques. O imaginário medieval. Lisboa: Estampa, 1994. p.137.

²⁷ Ibidem. p. 142.

entre o século IX e X (podendo ter existido anteriormente); um segundo período, de grande difusão nos séculos XI e XII, e uma fase de certa estagnação ou ao menos enfraquecimento na difusão, muito provavelmente do século XIII em diante com a chamada racionalização do Além. É verdade que o estabelecimento dessas marcações temporais não podem nos prender, mas nos possibilitar uma melhor reflexão no sentido de se recuperar, ao menos em parte, o trajeto cultural do texto.

González²⁸ destaca ainda outra questão importante. Ele fala de três posições principais que os estudiosos têm sobre o relato da Navegação: aqueles que pensaram que se tratava de um “livro de bordo”, no qual tudo que estava escrito deveria ser identificado inclusive geograficamente (como mostram várias representações geográficas que deram lugar à ilha de São Brandão); os que acreditam que se trata de uma ficção literária, afirmando que tudo que aparece nele tem um precedente nas literaturas anteriores; e, por último, existem os que misturam as duas posições anteriores, defendendo que há um fundo de realidade na Navegação, que, por sua vez, foi acrescido de toda uma influência literária. Atualmente, a grande parte dos estudos se divide entre os dois últimos posicionamentos. Porém, não é possível defender uma única posição. Seguramente, qualquer leitor que tenha acesso a esta narrativa hoje, não vai acreditar que um monge chamado Brandão navegou até o Paraíso, o que, certamente, não invalida a força da narrativa, nem mesmo sua importância para o período medieval.

Até agora, apresentei informações sobre a narrativa da Navegação. Resta, ainda, falar do contexto que possibilitou o aparecimento e o sucesso desse tipo de narrativa, ou seja, o universo cultural que possibilitou a construção dessas histórias, conhecidas, posteriormente, como “viagens ao além”, dentre as quais está a Navegação de São Brandão. Acredito que as pistas para a compreensão desse pano de fundo podem ser fornecidas pela cosmovisão medieval, isto é, o modo como a Civilização do Ocidente Medieval via o mundo. Para tanto, seguimos, principalmente, as reflexões de Alistair Crombie, John North, Michel Pastoureau e Tullio Gregory, todas encontradas no Dicionário Temático do Ocidente Medieval²⁹.

Segundo Crombie e North, a significação medieval de *universum*, como a soma das coisas existentes, “é fruto da interação entre a teologia hebraica da Criação, incluindo a

²⁸ GONZÁLEZ, Fremiot Hernández. Algunas diferencias entre La Vita Sancti Brendani y la Navigatio Sancti Brendani. pp. 287-288. Disponível em: < <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=163847>>. Acesso em 21 maio 2011.

²⁹ LE GOFF, Jacques; SHIMITT, Jean-Claude (coord) Dicionário Temático do Ocidente Medieval. v. 2. São Paulo: Edusc, 2006.

criação do homem à imagem de Deus, e teorias filosóficas gregas sobre as origens e a natureza do *Kosmos*, sistema harmonioso e ordenado”³⁰. Essas duas influências, teologia hebraica e teorias filosóficas gregas, estão na base da concepção de universo no período medieval.

A concepção cristã medieval da Criação, oriunda da teologia hebraica, apresenta o mundo como criação de Deus, que o criou *ex nihilo*. Segundo o relato bíblico do Gênesis (Gn.1:1-2), “No princípio, Deus criou o céu e a terra. Ora, a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, e um vento de Deus pairava sobre as águas”³¹. Vemos, assim, que antes da criação do mundo e da humanidade, não existia nada além do próprio Deus, que cria com seu poder os céus e a terra. O livro do Gênesis descreve com detalhes a criação do mundo e do homem em sete dias, ou melhor, em seis, pois no sétimo dia Deus, tendo completado seu obra, descansa. Nos dois primeiros dias da criação, Deus cria a base do mundo: céu, terra e água, dando forma ao mundo e estabelecendo o dia (a luz) e a noite (a escuridão). No terceiro dia, Deus reúne as águas em uma só porção fazendo aparecer, assim, a parte seca, o continente, que em seguida ganha vegetação e árvores de toda espécie. No quarto dia, são criados o sol, a lua e as estrelas. O sol para “governar o dia” e a lua “governar a noite”, ambos com a função de iluminar a terra e separarem a luz (o dia) e as trevas (a noite). No quinto e no sexto dia, Deus começa a povoar a terra, criando toda espécie de animais terrestres, aquáticos e aéreos. Logo depois, Deus resolve criar o homem, e, para tanto, apresenta duas características peculiares para esse ser: deveria ser criado à imagem de Deus e também iria dominar a terra e todos os demais seres vivos. Segundo o relato do Gênesis (1:27-30),

Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou. Deus os abençoou e lhes disse: ‘Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que rastejam sobre a terra’. Deus disse: ‘Eu vos dou todas as ervas que dão semente, que estão sobre toda superfície da terra, e todas as árvores que dão frutos que dão semente: isso será vosso alimento. A todas as feras, a todas as aves do céu, a tudo que rasteja sobre a terra e que é animado de vida, eu dou como alimento toda a verdura das plantas’ e assim se fez. Deus viu o que tinha feito: e era muito bom.³²

Com a criação do homem, Deus concluiu a sua obra. Constatando que tudo que tinha feito era bom, Ele descansa no sétimo dia. Dessa forma termina a descrição bíblica da criação relatada no primeiro capítulo do livro do Gênesis. Entretanto, no mesmo livro encontramos

³⁰ CROMBIE, A; North, J. Universo. in: Dicionário Temático do Ocidente Medieval. v. 2. São Paulo: Edusc, 2006, p. 589.

³¹ BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1985, pp.31.

³² BÍBLIA DE JERUSALÉM. op.cit. p.32.

uma segunda descrição da criação que fornece informações que não constam no primeiro relato. Nesta segunda descrição da criação, Deus também cria o mundo *ex-nihilo*, fazendo a terra e o céu, como também toda a vegetação. Este segundo relato não traz, como no primeiro, uma descrição minuciosa da criação do mundo, se preocupando mais em descrever o chamado jardim do Éden e a criação do primeiro casal. Segundo as informações fornecidas no segundo capítulo de Gênesis, Deus haveria criado o homem modelando-o do barro e posteriormente soprando em suas narinas o sopro de vida, que o tornou um ser vivente. Depois disso, Deus colocou o homem no Jardim do Éden com a função de cultivar e guardar o jardim. Segundo este relato, Deus constata a solidão do homem e resolve fazer “uma auxiliar que lhe corresponda” (Gn. 2,18). Assim, Deus cria toda espécie de animais e leva ao homem, porém este, diz o texto, “não encontrou a auxiliar que lhe correspondesse” (Gn. 2,20). Então, Deus fez o homem adormecer e tomando uma de suas costelas fez a mulher. Enquanto no capítulo primeiro o relato da criação termina bem e harmonioso, o capítulo segundo de Gênesis culmina com o relato da queda do homem e da mulher, descrito no terceiro capítulo do livro do Gênesis (3, 1-24), e na conseqüente expulsão de ambos do Jardim Éden. A desobediência e a conseqüente expulsão do primeiro casal dá a esta segunda descrição um tom dramático, influência no destino de toda humanidade.

A outra herança da cosmovisão medieval é a cosmologia grega (repleta de ideias originárias do Oriente Próximo, particularmente da Babilônia), que juntamente com a concepção cristã da criação, alicerçada na teologia hebraica da criação, formam as bases do universo medieval. Para a cosmologia grega, sendo Deus puro, como poderia ter contato com a matéria? Platão e Aristóteles apresentaram suas análises: o Deus que Aristóteles apresenta na *Metafísica* não é criador, mas a primeira causa racional da qual emana o mundo; já Platão afirma que “a obra de Criação pode ter sido criada por um princípio formador distinto do próprio criador”³³. Para Platão, o demiurgo não criou o mundo, ele impôs sua vontade aos materiais já anteriormente formados, ordenando o mundo.

A importante influência das ideias de Platão no período medieval vem, especialmente, de obra *Timeu*³⁴. Segundo Alistair Crombie e John North, “o *Timeu* era conhecido pelo Ocidente medieval, graças à tradução e ao comentário em latim que Cálcidio havia feito no

³³ CROMBIE, A; North, J. Universo, op.cit.p.589.

³⁴ NUNES, Carlos Alberto (edição). Platão Diálogos: *Timeu*, *Crítias*, o *Segundo Alcibiades*, *Hípias Menor*. 3 ed. Pará: EUFPA, 2001, pp.51-151.

século IV”³⁵. Além disso, a influência direta e indireta de Platão no período medieval deve-se a Santo Agostinho e aos filósofos do século XII, que usaram o *Timeu* em muitas de suas análises sobre as causas naturais da Criação, indo além das razões divinas.

O *Timeu*, importante obra da literatura grega, faz parte dos chamados diálogos de Platão. Desde muito cedo, o texto foi atribuído a Platão, não havendo praticamente nenhuma questão relevante ou problemática quando à sua autenticidade. Não se sabe ao certo quando Platão teria escrito o *Timeu*, mas a maioria dos estudiosos o situa nos últimos anos de sua vida (juntamente com o *Sofista*, o *Político*, o *Filebo* e as *Leis*). Contudo, as variedades de opiniões demonstram a impossibilidade de determinar com certeza seu lugar nesta secção, pois, segundo Rodolfo Lopes, “os dados disponíveis são todos eles bastante discutíveis e passíveis de múltiplas interpretações”³⁶. Não obstante, muitos estudos defendem que, para um melhor sentido ao desenvolvimento da noção de alma nos escritos de Platão, o *Timeu* deve ser visto como seguindo de perto a *República*.

A obra tem como eixo temático a constituição do mundo sensível e dos seus habitantes, com particular ênfase no homem. No texto, Platão utiliza a linguagem do mito para falar tanto do “mundo das ideias”, sede da existência autêntica, quanto do mundo sensível, o que, segundo Robinson, revela a “natureza não-dogmática de seu relato”. A obra fala do mundo como uma criatura viva modelada por um arquiteto/artesão divino, chamado demiurgo (designado também pelos nomes *théos*, *pathér*). Este utiliza para seu trabalho um modelo, uma ideia conglomerada chamada “criatura viva perfeita e eterna”. Para a ordenação do universo, o demiurgo segue um método (*Timeu* 29e-30c): ele coloca a inteligência na alma e a alma no corpo, buscando, com isso, que sua obra fosse, por natureza, a mais bela e perfeita que se poderia imaginar (*Timeu* 30c). No relato temos as seguintes informações sobre a formação do universo: o arquiteto do mundo é o demiurgo, o modelo é a criatura viva, perfeita e eterna, e o método de ordenação do mundo segue a sequência inteligência-alma-corpo. Além disso, o texto traz também a descrição da composição, estrutura e forma do mundo sensível (o corpo e a alma do mundo), da constituição do homem (a alma e o corpo do homem), além de explicações sobre as sensações e impressões humanas (tato, o prazer, a dor, os sabores, os odores, os sons e as cores).

O *Timeu* é um diálogo entre quatro personagens (além de outro que é apenas referido na primeira frase do diálogo, mas que não é mencionado o nome), são eles: Sócrates, Timeu,

³⁵ CROMBRIE, A; NORTH, J. Universo. op. cit. p.594.

³⁶ LOPES, Rodolfo Pais Nunes. O *Timeu* de Platão: mito e texto. Estudo teórico sobre o papel do mito-narrativa funcional e tradução anotada do texto. 2009. Dissertação (mestrado em Cultura Clássica). Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal, p.13.

Hermócrates e Crítias. Timeu, que dá nome a obra, é o responsável pela apresentação do relato, sua intervenção ocupa a maior parte do diálogo. É ele que apresenta o demiurgo, responsável pela ordenação do universo, descrito com as seguintes atividades: ele reúne, (*sunthéntos*), ordena (*katakosmoúmenos*), produz um argumento harmonioso (*sumarmósantoz*) e engendra (*genésantos*). Durante sua fala, Timeu discorre sobre assuntos como a distinção ontológica entre *ser* e *dever*, passando depois para uma minuciosa explicação sobre a constituição do universo. Segundo Timeu, cumprida a ordenação do universo, o demiurgo decide então que o mundo deveria ser dotado de quatro tipos ou gêneros de animais distintos: a raça dos deuses, a raça dotada de asas que cortam os ares, a espécie aquática e a que marcha na terra firme. Porém, apenas a raça dos deuses (os visíveis e outras divindades) é gerada pelo demiurgo, que delega a formação das outras três raças às divindades. Para tanto, estas recebem do demiurgo uma semente (a alma, mais especificamente a parte racional da alma), “alguma coisa que se chamará divino e que dentre eles comandará os que se dispuserem a seguir a justiça e a vós mesmos: essa parte, como semente e princípio, eu mesmo vo-la entregarei”³⁷. Demiurgo dá também as determinações para a formação dos seres humanos, “tecendo o imortal com o mortal, fabricai seres vivos a que dareis nascimento, permitindo que cresçam por meio da alimentação, para os receber de novo, quando se extinguirem”³⁸. Depois disso, demiurgo retorna ao seu trabalho e forma a alma do ser humano, que é constituída no mesmo lugar e seguindo a mesma mistura de elementos que constituem a alma do mundo (Existência, Identidade e Diferença intermediárias), contudo, com um grau de pureza inferior.

Ao formar alma do homem com a mesma constituição da alma do mundo, o texto cria uma ligação entre as duas, “uma indicação da afinidade que Platão deseja que vejamos entre a Alma do Mundo, que é totalmente racional, e a parte racional da alma humana”³⁹, afirma Thomas Robinson. Depois de formadas as almas, o demiurgo distribui cada uma em um astro, onde lhes ensinou a natureza do cosmo, lhes comunicando também as leis inevitáveis ou leis do Destino⁴⁰. Em seguida é dito que cada alma é semeada em um “instrumento do tempo”, isto é, em um planeta, mais apropriado para cada uma delas (*Timeu* 42a). Para Thomas Robinson, “talvez devêssemos compreender cada planeta particular é associado a um temperamento diferente, do mesmo modo como, no mito de *Fedro*, cada alma recebe seu

³⁷ *Timeu* 41 c, pp.79.

³⁸ *Timeu* 41 d, pp.79.

³⁹ ROBINSON, Thomas. op.cit. p. 125.

⁴⁰ O relato não descreve quais seriam essas leis. Sobre este assunto, ver ROBINSON, Thomas. *A Psicologia de Platão*. São Paulo: Ed. Loyola, 2007, pp. 127-129.

temperamento daquele deus que ela teve como guia em sua vida prévia”⁴¹. Logo depois de semeada nos planetas, a parte racional da alma, de natureza imortal, formada pelo demiurgo, é dada aos deuses que implantam nos corpos dos seres humanos, juntamente com outra espécie de alma, de natureza mortal, e cheia de paixões terríveis e fatais (o prazer, as dores, a coragem e o medo, a cólera, etc). Segundo o texto, aqueles que durante a vida dominassem tais paixões viveriam na justiça, e os que se deixassem dominar pelas paixões viveriam na injustiça (*Timeu* 42b).

Esta descrição da formação da alma dos seres humanos nos fornece algumas informações importantes sobre a questão do destino da alma no *Timeu*. Segundo o relato, a alma humana é composta de duas partes, uma divina e outra mortal, que foram separadas para que a primeira não fosse poluída pela segunda. *Timeu* também fala de uma parte nobre e outra mais baixa da alma, que foram igualmente separadas. Desse modo, o Platão subdivide a alma do homem em três partes: a parte divina, localizada na cabeça; a parte da alma que participa da coragem e da cólera e ambiciona a vitória, localizada entre o diafragma e o pescoço; e, a parte que apetece comer e beber e tudo mais que necessita para a preservação da natureza do corpo, localizada entre o diafragma e o umbigo. Cada porção da alma tem sua uma atribuição e finalidade, cabendo a parte divina o comando das demais, tendo em vista ser a parte dotada de raciocínio, isto é, de inteligência.

Além disso, de acordo com *Timeu*, existem duas alternativas possíveis para a alma humana, cada uma com a sua respectiva consequência: os que dominassem as paixões viveriam na justiça e vivendo bem todo o seu tempo na terra, poderiam voltar e morar em sua estrela nativa, onde passariam uma existência feliz e congenial; e, os que se deixassem dominar pelas paixões viveriam na injustiça, vivendo mal durante sua vida estariam destinados à reencarnação, presos na chamada Roda de Nascimento. Segundo Robinson, a alma estava presa nesta roda “até que a alma permita que o seu círculo do Mesmo controle, por meio da razão, o tumulto irracional introduzido nela por terra, ar, fogo e água (isto é, o corpóreo ou o material em geral)”⁴². Só depois disso, a alma poderia retornar à sua primitiva condição. Desse modo, *Timeu* nos impele a fazer todo o esforço para deixar a parte destinada a governar, a parte divina e racional da alma, mais bela e boa possível, para que possa governar bem o restante, fortalecendo as outras partes.

⁴¹ ROBINSON, Thomas. op.cit. p. 127.

⁴² ROBINSON, Thomas. op.cit. p. 129.

Conforme o relato, esta parte racional da alma, dada pelo demiurgo a nós e que preside o vértice do corpo humano, é a responsável pelo nosso transporte da terra para o que ele chama de “afinidade celestial”.

Quando à espécie de alma de maior autoridade em nós, devemos aceitar a ideia de que ela foi dada por Deus à guisa de gênio protetor: exatamente o princípio que apresentamos como presidindo no vértice do corpo, e que nos transporta da terra para nossa afinidade celestial, por não sermos planta de raízes terrenas, porém celestes, o que afirmamos com a maior convicção, por haver a divindade ligado nossa cabeça e nossa raiz à sede primitiva da alma, deixando, assim, o corpo em posição ereta.⁴³

Fazendo uma analogia entre o corpo do ser humano e uma planta, Timeu afirma que somos “plantas de raízes celestes”, pois a divindade ligou nossa cabeça e nossa raiz à sede primitiva da alma. Portanto, o ser humano carrega dentro de si algo de divino, que por sua vez liga-o a um lugar que não está na terra. Sendo também responsável pelo transporte do homem, ao final da vida, da terra para a sua primitiva morada. Timeu prossegue afirmando que,

Quando alguém se abandona aos apetites e ambições, e só cuida de satisfazê-los, todos os seus pensamentos se tornam excessivamente mortais, nada faltando para que ele também fique, tanto quanto possível, de todo em todo mortal, pois outra coisa não fez na vida senão alimentar sua mortalidade. Mas, quem só se dedicou ao amor da sabedoria e ao verdadeiro conhecimento e exercitou de preferência essa porção de si mesmo, por força terá que formular pensamentos imortais e divinos, e, se tiver de alcançar a verdade, é certeza vir a participar da imortalidade, dentro dos limites da natureza humana em sua maior amplitude; e como ele cuida permanentemente da parte divina e de conservar em boas condições o gênio que mora dentro dele, terá de ser extremamente feliz.⁴⁴

O texto mostra claramente que o modo como o homem vive determina seu destino após a morte. Se durante sua vida o homem se entrega aos apetites e ambições, ele alimenta sua mortalidade e, logo, seus pensamentos se tornam excessivamente mortais. Mas, se durante sua vida o homem se dedica ao amor da sabedoria e ao verdadeiro conhecimento, ele alimenta sua imortalidade, e deverá por força formular pensamentos imortais e divinos. Desse modo, para Platão o homem é um ser composto de uma parte imortal, a porção racional da alma, e outra mortal, as duas porções da alma ligadas às paixões e necessidades do corpo. Tendo em sua composição tanto uma porção mortal e outra imortal, o homem pode, através de suas escolhas, viver de dois modos: alimentando sua mortalidade ou alimentando sua imortalidade. Aqueles que optam por alimentar sua mortalidade têm uma vida infeliz, destinados no final à

⁴³ *Timeu* 90 a e b (pp.143-144)

⁴⁴ *Timeu* 90 b e c. (p.144)

Roda do Nascimento, ao processo de metempsicose. Enquanto os que alimentam sua imortalidade têm uma vida feliz, e no final da vida, retornarão à sua primeira morada.

O primeiro confronto entre essas duas fontes, hebraica e grega, se deu no século I com Fílon de Alexandria⁴⁵, que tentou fazer uma associação entre a filosofia grega racional e a teologia hebraica revelada. O pensamento de Fílon afetou profundamente o pensamento cristão, mulçumano e judeu sobre a relação de Deus com o mundo e o homem. Para Fílon, “Deus não tinha feito o mundo, como pretendia Platão, como um ato necessário emanado da perfeição de sua divindade, nem impondo uma ordem racional ao caos material preexistente”⁴⁶. Para Fílon, Deus agiu com uma onipotência perfeitamente livre criando *ex nihilo* um mundo distinto dele. Fílon também contraria a ideia aristotélica de que Deus seria simplesmente razão divina eterna, da qual o mundo emanou, também eternamente, como consequência necessária, a partir de causas que são possíveis de apreensão por parte da razão humana. Segundo Fílon, Deus não procede de nenhuma necessidade, as razões que o levaram a criar o mundo só podem ser conhecidas pelo homem através da revelação divina.

Essas ideias influenciaram fortemente o pensamento do ocidente medieval, particularmente, no campo da astronomia, com Ptolomeu, e da filosofia, com Santo Agostinho. O sistema ptolomaico descrevia o universo onde a terra, esférica e imóvel, estava no centro do universo, em torno dela girando sem parar estavam esferas cristalinas encaixadas umas nas outras, do interior para o exterior (as esferas da Lua, de Mercúrio, de Vênus, do Sol, de Marte, de Júpiter e de Saturno). Estas sete esferas giravam em velocidades diferentes, de acordo com a distância que estavam da terra. Acima das sete esferas dos planetas encontra-se uma oitava esfera: a esfera das estrelas fixas, que cumpria sua rotação em 24 horas. Posteriormente, a Antiguidade tardia e a Idade Média acrescentaram mais duas esferas ao sistema de Ptolomeu: a do “primeiro motor” (também chamada de “céu cristalino”), que circundava e punha em movimento as oito esferas inferiores, e a do empíreo, transformado pela cosmografia cristã na morada imóvel de Deus, dos anjos e dos eleitos. A cosmografia ptolomaica, herdada das concepções de Aristóteles em seu *Tratado do céu*, foi, assim, cristianizada, prevalecendo durante toda Idade Média.

⁴⁵ Fílon foi um dos mais renomados filósofos do judaísmo helênico, interpretou a bíblia utilizando elementos da filosofia de Platão, buscando uma conciliação entre a filosofia grega e o judaísmo. Estudou os textos bíblicos exegeticamente, vendo neles muito mais do que os significados textuais. Seu modo de interpretação vai ser muito utilizado pela Patrística.

⁴⁶ CROMBIE, A; North, J. Universo. op.cit. pp. 591.

A influência de Santo Agostinho no período medieval é bem mais conhecida que a de Fílon. Segundo Jean Delumeau, “Santo Agostinho manifestou pouco interesse pela cosmologia. Em seu Comentário do Gênesis, ele declara que as afirmações sobre os céus, as estrelas e o movimento do Sol e da Lua não são parte integrante da doutrina cristã”⁴⁷. Contudo, posteriormente, em sua celebre obra *Confissões*, encontramos uma passagem em que evoca a visão de Óstia, na qual parece adotar de fato a cosmografia alexandrina, ainda que implicitamente, dizendo: “percorremos uma a uma todas as coisas corporais, até o próprio céu, de onde o sol, a lua e as estrelas iluminam a terra”⁴⁸.

As ideias filosóficas agostinianas sobre o cosmos tiveram grande peso para o pensamento do ocidente medieval. Agostinho demonstra, no início, ter sido seduzido por uma semelhança enganosa entre a cosmologia do *Gênesis* e a do *Timeu* de Platão; porém, diferente de Platão, Agostinho entendia a criação *ex nihilo*. Para Crombie e John North, “Agostinho oferece, então, um modelo aos pensadores medievais, ligando a imposição da ordem geométrica sobre o caos, do *Timeu*, ao mandamento de Deus quando da criação do céu e da terra amorfos, do Gênesis: *fiat lux*”⁴⁹. Com isso, ele não só encorajou o pensamento platônico através da mediação de Plotino, diferenciando em seus textos o platonismo do cristianismo, como também propôs à cosmologia medieval um modelo que possibilitava uma exegese racional do *Gênesis*, fornecendo, ao mesmo tempo, uma concepção particular da criação do Universo e de tudo que este contém por meio da revelação das leis da natureza, que foram estabelecidas por Deus. Agostinho defende uma concepção de uma criação racional e providencial do Universo natural e também do homem. A cosmologia de Santo Agostino foi posteriormente acrescida e levada a um alto grau de refinamento. Primeiro, com os filósofos do início do século XII, que acrescentaram uma nova aplicação do *Timeu* à exegese do *Gênesis*, e depois, no começo do século XIII, com Roberto Grosseteste, pensador da tradição crítica cristã de Lactâncio, que propôs uma teologia da revelação desenvolvida através da exegese das Escrituras juntamente com a análise de ideias seculares de filósofos.

Assim, até o século XII, a base da concepção medieval de Universo encontra-se fortemente ligada com essas reflexões. Para a civilização do ocidente medieval, o universo foi criado *ex nihilo*, sendo inteiramente distinto de seu criador que, por sua vez, é uma divindade onipotente e inteiramente livre, impenetrável para o homem; este mundo era um

⁴⁷ DELUMEAU, Jean. O que sobrou do Paraíso? São Paulo: Companhia das Letras, 2003, pp.48.

⁴⁸ Agostinho, *Confissões*. trad. Pietro Nasseti, São Paulo: Editora Martin Claret, 2002, p. 203.

⁴⁹ CROMBIE, A; North, J. Universo. in: Dicionário Temático do Ocidente Medieval. v. 2. op.cit. pp. 593.

sistema de leis naturais bem ordenadas, que dependia de Deus para existir, mas que também era movido por seus próprios poderes reguladores, sem intervenção de Deus. Os escritos medievais sobre o universo são inúmeros e, em sua maioria, tratam mais sobre a estrutura interna do universo do que de seu caráter de entidade em si. Apenas a partir do século XVII, com Descartes, Boyle e Isaac Newton, é que as análises sobre o universo ganham um novo programa de pesquisa.

Em linhas gerais, a concepção medieval acreditava na ideia esférica da terra, sendo esta o centro do universo. O mundo e tudo que nele há, ou seja, o mundo físico e seus habitantes são concebidos como obra de Deus, obra esta que se encontra acabada e na qual Deus só intervém com milagres. O que confere à realidade um caráter sagrado, caráter esse que é uma das marcas mais singulares da civilização do ocidente medieval. O mundo físico, nesta perspectiva ganha um sentido simbólico, que transforma a natureza em um livro escrito por Deus. A natureza é um texto de sentido próprio, e não figurado, ela é, assim como as Escrituras, a expressão direta da vontade divina. Nesse sentido, a natureza e seus habitantes são imagens de um desígnio divino. Para Tullio Gregory, “o mundo criado é, portanto, objeto privilegiado de uma inteligência e de uma leitura que se realizam conforme uma alegoria espiritual, ‘segundo um símbolo místico’, ‘de maneira profética’”⁵⁰. Dessa forma, afirma Paul Zumthor, “*hablar del mundo es hacer teología, filosofía; no es un ejercicio ‘científico’, en el sentido que damos ahora a esta palabra*”⁵¹.

No pensamento medieval, o símbolo tem grande importância, ele “constitui a realidade e que oferece dela uma interpretação autêntica”⁵². Nesse contexto, podemos compreender o desabrochar de inúmeros animais que julgamos fantásticos (sereias e monstros, por exemplo), mas que para esta mentalidade tem sua razão de ser. Toda natureza está cheia de símbolos sagrados, sinais de uma ordem e de desígnio divinos. Todavia, não podemos restringir a interpretação simbólica medieval da natureza ao plano do imaginário; ela abrange toda realidade, através de uma lógica simbólica que se utiliza dos instrumentos e das técnicas da tradição exegética, buscando atingir a verdade do discurso revelado de Deus em sua criação.

Assim, o símbolo estava em toda parte na sociedade medieval, ele é algo extremamente natural para os homens desse período. Os autores medievais não se preocupam e nem sentem necessidade de alertar seus leitores quanto aos termos que utilizam, pois é algo que faz parte da forma de pensar, sentir e agir desse período. Segundo Michel Pastoureau,

⁵⁰ GREGORY, Tullio. “Natureza”. in: Dicionário Temático do Ocidente Medieval. v. 2. São Paulo: Edusc, 2006, p. 265.

⁵¹ ZUMTHOR, Paul. *La medida del mundo*. Madrid: Catedra, 1994, pp. 213.

⁵² GREGORY, Tullio. *op.cit.* p.265.

“mesmo sendo polimorfo e polivalente, o símbolo quase sempre se constrói, na Idade Média, em torno de uma relação do tipo analógico, isto é, apoiada na semelhança (mais ou menos vaga) entre dois objetos, duas palavras, duas noções, ou então, na correspondência entre uma coisa e uma ideia”⁵³. Pastoureau demonstra que a principal característica do pensamento medieval é a analogia, ou seja, a tentativa em estabelecer vínculos entre duas importantes dimensões: material e a imaterial, criando uma relação entre esses dois pontos. Como afirma Pastoureau, “o pensamento analógico medieval esforça-se especialmente para estabelecer um vínculo entre alguma coisa aparente e alguma coisa oculta; e, mais particularmente ainda, entre o que está presente no mundo terreno e o que tem seu lugar entre as verdades eternas do Além”⁵⁴.

Aqui, mais uma vez, as ideias de Platão encontram uma forte ligação com o contexto medieval. Tendo em vista que tanto Platão, com seu “mundo das ideias”, como o pensamento analógico medieval, com suas correspondências, defendem a existência de dois espaços distintos e indissociáveis, que estão de alguma forma vinculados um ao outro. Platão apresenta: “mundo das ideias”, o lugar onde as coisas realmente existem; e o “mundo sensível”, uma cópia do primeiro. Já para o pensamento analógico medieval existiria uma relação entre o aparente e o oculto, o material e o imaterial, existindo um vínculo entre essas duas realidades. Segundo Pastoureau, “para o pensamento medieval, tanto o mais especulativo quanto o mais comum, cada objeto, cada elemento, cada ser vivo, é figuração de outra coisa que lhe corresponde em um plano superior ou eterno e da qual ele é símbolo”⁵⁵.

Esta simbolização medieval é muito rica de significados e sentidos, um campo de reflexão sempre muito vasto e nuançado. Pastoureau afirma que “o símbolo é sempre mais vigoroso do que a pessoa ou a coisa real que ele tem por função representar, porque na Idade Média a verdade situa-se sempre fora da realidade, em um nível que lhe é superior”⁵⁶. Este símbolo medieval é uma construção, e como tal, é oriunda de um amplo universo de elementos que em conjunto formam o pensamento e a forma de apreensão da realidade. Portanto, este pensamento e esta sensibilidade só funcionam dentro do contexto que as alimentam e que é, ao mesmo tempo, alimentado por elas. Esta dinâmica entre pensamento medieval e contexto não pode ser esquecida, pois é ela que confere lógica e sentido a toda sociedade, seja no passado ou no presente. Dessa maneira, a simbólica medieval deve ser

⁵³ PASTOUREAU, Michel. “Símbolo”. in: Dicionário Temático do Ocidente Medieval. v. 2. São Paulo: Edusc, 2006, p. 497.

⁵⁴ Ibidem. p.497.

⁵⁵ Ibidem. p.498.

⁵⁶ Ibidem. p.504.

entendida em seu contexto, visto que é ela que revela os modos de significação dos diferentes elementos encontrados nas diversas fontes medievais. Este sistema de valores e de correspondências é a base do pensamento simbólico medieval, onde “um animal, um vegetal, um número, uma cor adquire todo seu sentido apenas quando associado ou oposto a um ou vários outros animais, vegetais, números, cores”⁵⁷, afirma Pastoureau. Outra característica deste universo simbólico medieval são os modos de intervenção de cada símbolo, que demonstram a ambivalência e a ambiguidade do símbolo (por exemplo, as cores que podem expressar vários sentidos, às vezes até opostos). Estamos, portanto, frente a um universo amplo, onde cada palavra, forma, matéria, animal, vegetal, cor, número, gesto e pessoa ganham uma função simbólica, que o transforma fazendo evocar, representar e significar outra coisa.

Este pensamento simbólico cria significado o mundo, dando sentido a cada coisa que existe no mundo. Neste sentido, é mais fácil entender a visão medieval da natureza como indício, que reveste cada coisa física de um sentido sagrado, que liga este mundo ao outro mundo, o aqui ao Além. Neste cosmo cristão, que ligado intimamente o mundo à esfera do sagrado, o universo e a natureza são um discurso divino que confere sentido sagrado à realidade e transforma o mundo físico em um indício de seu autor. Apenas nos séculos XII e XIII, com o novo contexto econômico e político, é que a atitude com o mundo físico começa a apresentar pequenas e graduais alterações, especialmente nas zonas de fronteiras da Europa onde começaram a fluir traduções de textos científicos e filosóficos gregos e árabes. Contudo, durante a Alta Idade Média o predomínio é da concepção simbólica da natureza, que transforma o mundo físico num objeto de contemplação, onde é possível, pelo menos a alguns homens aproximar-se e conhecer em parte a vontade divina. Nessa ótica, a natureza, isto é, o mundo físico, é o local onde os homens podem ver as verdades que ouviam nas Escrituras, revelando o forte paralelismo entre a Natureza e a Bíblia.

Esta simbólica medieval explicava tanto o mundo natural como o sobrenatural, reforçando a já estreita ligação entre o Aqui (mundo dos vivos) e o Além (mundos dos mortos), na medida em que estabelece um vínculo entre alguma coisa aparente e alguma coisa oculta, entre o que está presente no mundo terreno e o que tem seu lugar entre as verdades do outro mundo. Não pretendemos, contudo, escrever uma história do “além”, pois uma história desse tipo é uma matéria vasta e complexa, e, mesmo que se pretenda discorrer sobre a

⁵⁷ PASTOUREAU, Michel, op.cit. p.505.

história do Além no Ocidente, tal empreitada exigiria um espaço maior, muito mais amplo que o desse capítulo. Todavia, para que possamos continuar a entender o plano de fundo por trás do relato da Navegação de São Brandão, temos que analisar um pouco mais o tema do “além” no período medieval.

Segundo Le Goff, a crença no Além, “confere a vida dos cristãos medievais características particulares”⁵⁸. Igualmente, Jérôme Baschet, dirá que “não se pode compreender o homem medieval, sua vida em sociedade, suas crenças e os seus atos sem se considerar o inverso do mundo dos vivos: o domínio dos mortos, onde cada um deve, finalmente, receber uma retribuição à sua altura, danação eterna ou beatitude paradisíaca”⁵⁹. Assim, não podemos apresentar a civilização medieval sem levar em consideração essas duas realidades, pois “na Idade Média, o aqui embaixo não é concebido sem o além”⁶⁰. Tal oposição entre o aqui e o além, juntamente com a oposição entre bem e o mal, são elementos representantes de uma dualidade moral que estrutura o pensamento cristão, submetendo o universo medieval a uma polaridade característica e legitimando a própria organização da sociedade (por exemplo, a posição superior dos clérigos é justificada, entre outros fatores, por sua missão de conduzir os fiéis até a salvação.).

O Além, portanto, ordena o mundo, fornecendo-lhe um modelo perfeito e regendo a sociedade dos homens. Dessa forma, muitos buscaram conhecer ainda durante a vida este Além, seus relatos de viagem ao Além serviam, assim, para informar os vivos sobre as características do Além (seja do Inferno ou do Paraíso). Segundo Le Goff,

Tais relatos, cuja origem encontra-se na literatura apocalíptica judaica e cristã do início da era cristã, desenvolveram-se no Ocidente latino sobretudo a partir do século VI. Tratam-se de relatos feitos por homens a quem Deus havia dado a graça de visitar, em geral conduzidos por um anjo ou um arcanjo, o Inferno e o Paraíso, com exceção do santuário paradisíaco no qual Ele próprio residia, furtando-se à visita de todos (menos dos anjos e talvez dos santos) até a eternidade que começava após o Juízo final⁶¹.

Le Goff⁶² ainda afirma que, de modo geral, essas narrativas de viagens ao Além da Idade Média são oriundas de três tradições: a tradição antiga de descrição de descida aos infernos, como na célebre descida de Enéias narrada no VIº livro da *Eneida* de Virgílio; das

⁵⁸ LE GOFF, Jacques. “Além”. in: Dicionário Temático do Ocidente Medieval. v. 1. São Paulo: Edusc, 2006, p. 22.

⁵⁹ BASCHET, Jérôme. A Civilização Feudal: do ano mil à colonização da América. São Paulo: Globo, 2006.p. 374.

⁶⁰ Ibidem. p. 374.

⁶¹ LE GOFF, Jacques. “Além”. in: Dicionário Temático do Ocidente Medieval. op.cit. p.26.

⁶² LE GOFF, Jacques. O Imaginário Medieval. Lisboa: Estampa, 1994.

narrativas de viagens ao Além da apocalíptica judaica e cristã que se desenvolveram no Ocidente latino, sobretudo a partir do século VII; e, por último, de certas narrativas chamadas “bárbaras”, especialmente as celtas e irlandesas (desse último grupo faz parte a Navegação de Brandão).

Assim, para a concepção dominante no período medieval, o mundo (natural e sobrenatural) e o homem são obras de Deus. Logo, a natureza, a história e o destino dos homens são conhecidos, primeiramente, na Bíblia. No relato bíblico do Gênesis vimos que o homem foi criado por Deus, recebendo deste o poder de dominar a natureza (fauna e flora). Contudo, este homem, Adão, é instigado por Eva, que havia sido corrompida pela serpente, a comer do fruto proibido por Deus, o que acarreta na expulsão de ambos do Paraíso terrestre. Segundo Le Goff, “a partir daí, dois seres habitam nele (no homem): o que é feito à imagem e semelhança de Deus e o que, tendo cometido o pecado original, foi expulso do Paraíso terrestre e condenado ao sofrimento”⁶³. Dessa forma, o homem medieval terá duas imagens, uma positiva e outra negativa. De acordo com Le Goff,

Conforme a época, a cristandade medieval insistia ou na imagem positiva do homem, ser divino, criado por Deus à sua semelhança, associado à sua criação, chamado a encontrar de novo o paraíso perdido por sua culpa, ou na imagem negativa, a do pecador, sempre pronto a sucumbir à tentação, a renegar Deus e, por conseguinte, a perder o paraíso para sempre, a mergulhar na morte eterna.⁶⁴

Dessa antropologia cristã medieval nascem duas concepções do homem que, no decorrer de toda Idade Média se transformam numa concepção propriamente dita: a primeira é o *homo viator* e a segunda é do homem penitente. Segundo a primeira concepção, o *homo viator*, isto é, o homem em marcha, o homem está em viagem permanente nesta terra e na sua vida, “que são o espaço/tempo efêmeros do seu destino e onde ele caminha, segundo as suas opções, para a vida ou para a morte – para a eternidade”⁶⁵. Já na segunda concepção, o homem penitente, acredita que o homem, mesmo não sendo monge (que é o penitente por excelência), deve procurar na penitência “o meio de assegurar a sua salvação”⁶⁶.

Em ambas as concepções, percebemos que a salvação do homem está ligada à ideia de viagem. Tanto o homem em marcha, quanto o penitente realizam uma viagem e, ao cumpri-la, alcançam sua salvação. Segundo Adriana Zierer, “o conceito de salvação na Idade Média era

⁶³ LE GOFF, Jacques (coordenação). Introdução. O Homem Medieval. Lisboa: Editorial Presença, 1989, pp.11.

⁶⁴ Ibidem. p.11.

⁶⁵ Ibidem. p.13.

⁶⁶ Ibidem. p.13.

vinculado à ideia de viagem. Imprensado entre dois mundos, o da carne pecadora e o da alma, entre o mundo terrestre efêmero e a eternidade do mundo celeste, o homem medieval se via como um viajante, um caminhante entre dois mundos”⁶⁷. A vida aqui em baixo e a vida eterna, o mundo físico ou natural e o sobrenatural, esses são as duas realidades que fazem parte da vida do homem do ocidente medieval. De acordo com Le Goff, “a vida aqui em baixo é um combate, um combate pela salvação, por uma vida eterna; o mundo é um campo de batalha onde o homem se bate contra o diabo, que dizer, em realidade contra ele mesmo. Pois, herdeiro do Pecado Original, o homem está arriscado a se deixar tentar, a cometer o mal e a se danar”⁶⁸.

Todavia, nesta batalha o homem medieval não está sozinho, ele conta com aliados (Deus, os santos, a Igreja, a fé, a virtude, etc.). Mas, também terá que enfrentar inimigos, dentre eles estão os vícios e a sua própria vulnerabilidade advinda do Pecado Original. Aqueles que vencem, podem no final da vida restabelecer a antiga proximidade com Deus, que foi perdida com o pecado, gozando de todas as riquezas do Paraíso, alcançando assim a salvação. Sobre o tema do Paraíso, muito importante para a sociedade medieval, é trabalho no capítulo três, onde mostramos resumidamente como as ideias e percepções do lugar de felicidade ideal sofreram transformações durante toda Idade Média. Para o momento, bastanos dizer que, de modo geral, quando falamos de Paraíso na Idade Média, podemos nos referir tanto ao Paraíso celeste, como ao Paraíso terrestre, de onde o primeiro casal é expulso, o Jardim do Éden.

Na Navegação, Brandão e seus companheiros viajam com objetivo claro de encontrar o Paraíso terrestre, “a terra prometida aos santos”, lugar onde os bem-aventurados gozariam de uma felicidade plena. Este tipo de visita e permanências temporárias no outro mundo é um tema antigo. Como vimos nas fontes da Navegação, outras culturas relatam vários exemplos desse tipo. A ideia de um campo paradisíaco tem uma longa história, pois encontramos nos relatos de visões antigas inúmeras referências a um *locus amoenus*. Segundo Delumeau, “na origem, evidentemente, encontra-se o ‘jardim do éden’ do Gênesis (2:8-9)”⁶⁹. Esta crença na existência do jardim do Éden permanece na imaginação medieval, ganhando ao longo dos tempos novos elementos e influências de outras culturas. Porém, para a geografia medieval do Além, o Paraíso foi sempre um lugar. Segundo Zumthor, “*ésta es la concepción transmitida*

⁶⁷ ZIERER, Adriana. Paraíso versus Inferno: a Visão de Túndalo e a Viagem Medieval em busca da salvação da alma (século XII). In: *Mirabilia: Revista Eletrônica de História Antiga e Medieval*, ISSN 1676-5818, n. 2, 2002, p.2.

⁶⁸ LE GOFF, Jacques;SCHMITT, Jean-Claude (coordenação). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. v. 1. Bauru, SP: EDUSC, 2006, p.22.

⁶⁹ DELUMEAU, Jean. op.cit. p122.

por las Escrituras .Un lugar, no un tiempo, como para los paganos la Edad de Oro”⁷⁰. Da mesma forma, a Navegação também apresenta o Paraíso como um lugar, situando este Paraíso em uma ilha, “*uma tierra amplia, cubierta de plantas y llena de árboles frutales como en otoño*”⁷¹. Há também no texto da navegação uma descrição do Inferno. Este é descrito como um lugar de sofrimento, uma ilha com características árida e sem vida, “*muy agreste, rocosa e llena de escoria, sin árboles e sin hierba, llena de fábricas de artesanos*”⁷². Esta descrição do inferno como lugar de sofrimento, dor, de trabalhos duros e penosos, é bastante conhecida e difundida no pensamento medieval.

Depois de refletir sobre os principais conceitos e concepções que nos ajudam na compreensão dos elementos presentes na lenda de Brandão, passaremos, neste momento, a analisar rapidamente o papel do “Além” na noção cristã medieval, presente na Navegação, e no diálogo platônico do *Timeu*, e também como ambos apresentam o acesso ao “outro mundo”. Já vimos que muitos elementos contidos no *Timeu* se assemelham bastante a elementos da noção cristã: a existência de uma realidade além do mundo sensível, a relação entre destino da alma e estilo de vida, por exemplo. Porém, não faremos uma comparação forçada dos elementos da obra de Platão com qualquer outra tradição, especialmente com a cristã. Tal procedimento seria um engano tremendo, na medida em que ambas se inferem em um contexto cultural diferente. Todavia, analisaremos como tanto a noção cristã, como o texto platônico, ao tratar do tema da alma humana, apresentam o Além.

A geografia medieval do Além sofreu ao longo dos séculos algumas transformações. A maior delas, com certeza, foi o surgimento de um terceiro lugar, o Purgatório. Assim, “o Além cristão bipolar permaneceu sem modificações até o século XII”⁷³. O Além medieval foi composto por muito tempo por dois espaços: o Paraíso Celeste, local definitivo da Salvação, que após o Juízo Final receberia as almas de todos os justos; e o Inferno, lugar de tormentos e sofrimentos infindáveis, é o destino dos infiéis. Posteriormente, acrescentou-se o Purgatório, um lugar intermediário entre o Paraíso e o Inferno. Já no relato do *Timeu*, o Além é um espaço de felicidade, o destino das almas que, durante sua vida terrena, se dedicaram ao estudo da filosofia e o conhecimento do universo. Platão não menciona um espaço de tormentos no Além, as almas que fossem dominadas pelas paixões estavam destinadas a

⁷⁰ ZUMTHOR, Paul. op.cit. p.224.

⁷¹ GONZÁLEZ, 2006, p.83.

⁷² Ibidem. p.75.

⁷³ LE GOFF, Jacques. “Além”. in:LE GOFF, Jacques; SCHIMITT, Jean-Claude(coord). *Dionário Temático do Ocidente Medieval*. op. cit. p. 30.

metempsicose, isto é, presas na chamada Roda do Nascimento. Segundo o texto, estas almas só voltariam a seu estado primitivo quando permitissem, por meio da razão, que o círculo do Mesmo controle o tumulto irracional dentro delas (*Timeu* 42 c-d). Para Platão, “o padrão racional e a atividade de um mundo superior servem de modelo e incentivo para a vida neste mundo”⁷⁴, diz Thomas Robinson.

O paralelismo entre essas duas dimensões platônicas, mundo superior e mundo sensível/material, se expressa de forma explícita entre a alma do mundo e a alma humana ou individual. No *Timeu* a alma durante a encarnação humana é expressa em três partes, cada uma situada numa secção do corpo: a razão imortal na cabeça, a parte irascível entre o pescoço e o diafragma e a parte apetitiva no ventre. A parte racional da alma, superior às demais, deve governar as outras a fim de que o homem viva bem neste mundo, e possa no final da vida retornar a sua primitiva habitação. Desse modo, a justiça em um homem é alcançada por meio do controle da “percepção”, do “amor”, da “raiva” e do “medo”, ou seja, em se conseguir “a harmonia que resulta do controle dos elementos inferiores pelos superiores da alma”⁷⁵.

Essa ideia de retorno da alma individual também pode ser verificada na noção cristã medieval. De acordo com o Gênesis, o homem é criatura de Deus, feito à imagem e semelhança de seu Criador, portador de um elemento que o distingue dos demais seres vivos: a alma. Segundo Schmitt, a concepção cristã do homem entende que:

Cada homem se compõe tanto de um corpo, material, criado e mortal, quanto de uma alma, imaterial, criada e imortal. Só os humanos têm alma: os animais têm somente corpo. Em todos os seres animados, a união sexual de dois corpos permite engendrar um terceiro corpo. A alma, privilégio do homem, é, pelo contrário, a cada vez uma criação singular de Deus, que a infla no feto logo após a concepção⁷⁶.

Para a concepção cristã, como no *Timeu*, o homem é descrito como um ser dotado de alma e corpo. A constituição dessa alma também é facultada a um ser superior, que a cria e coloca no corpo, este por sua vez, após a criação do primeiro casal, é engendrado pelos próprios seres humanos. De acordo com a concepção cristã, o homem foi formado à imagem e semelhança de seu Criador, mas, segundo Schmitt, “embora se diga que cada homem é criado ‘à imagem de Deus, o entendimento mais corrente é que ele não é esta ‘imagem’ nem em seu corpo visível nem na totalidade de sua alma, mas somente na parte superior da alma (a razão:

⁷⁴ ROBINSON, Thomas. op.cit. pp. 127.

⁷⁵ ROBINSON, Thomas. op.cit. pp. 127.

⁷⁶ SCHIMITT, Jean-Claude. “Corpo e Alma”. in: E GOFF, Jacques;SCHMITT, Jean-Claude (coord.).Dicionário Temático do Ocidente Medieval. 1 vl. São Paulo: Edusc, 2006,p.255.

noûs ou *mens*)”⁷⁷. Deste modo, embora sendo pecador, privado pelo pecado original da visão imediata do Criador, o homem carrega em si uma marca do divino.

Essa concepção cristã, que dominou todo o período medieval, obrigou ao homem a viver na dualidade corpo/alma, onde “cada parte do corpo, cada sintoma carnal é um sinal simbólico que remete para a alma”⁷⁸, diz Le Goff. É certo, que o homem medieval não se restringe à dualidade corpo/alma, há também o espírito (*spiritus*) que anima e inspira, e o coração (*cor*), que se insinua entre a alma e o espírito, por exemplo. Porém, a relação corpo/alma é extremamente importante, especialmente porque “é através do corpo que se concretiza a salvação ou a condenação, ou melhor, a alma atinge seu destino através do corpo”⁷⁹. Portanto, privado da intimidade com Deus, da qual se beneficiaram Adão e Eva no Paraíso Terrestre antes da Queda, o ser humano deverá ser restituído à sua condição inicial. Dessa forma, a separação entre homem e Deus só pode ser realizada após a morte, pois é ela que marca a separação da alma e do corpo. Da mesma forma, no *Timeu*, a alma do homem só retorna à sua morada celeste com a morte.

Assim, tanto na noção cristã, presente na narrativa da Navegação, como no *Timeu*, o fim da vida terrestre (da encarnação) é marcado pela morte, que é o momento da separação entre corpo e alma, assim como o nascimento marca a união entre eles. A morte é, dessa maneira, a viagem definitiva da alma até o lugar de felicidade, a morada celeste, o Paraíso. Mas, se a morte é a viagem definitiva da Alma, ela não é a única possibilidade para o homem medieval acessar as realidades do Além. Como vimos no caso de São Brandão, as chamadas narrativas de viagens ao Além foram meios de acesso ao outro mundo.

Verifica-se, assim, tanto no *Timeu* como na noção cristã medieval de Além, a necessidade de se localizar espacialmente o destino da alma no além. Tal como o pensamento cristão, Platão descreve o homem como um composto de corpo e alma, que por sua vez é dividida em partes que estão hierarquizadas. Em ambos os casos, a alma é descrita como responsável pelo transporte do homem ao “além”, o vínculo entre o homem e o mundo superior. A sorte dessa alma após a morte, tanto no *Timeu* como na noção cristã, dependerá de suas próprias ações e do julgamento dos deuses. No *Timeu*, os maus sofrem o processo de metamorfoses; e os bons, os que alcançam o ideal platônico (a filosofia) e que praticam a pureza e a justiça, alcançam a sua morada, na qual têm uma vida congenial. Para a concepção cristã, os justos, aqueles que praticaram as virtudes cristãs e se afastaram dos vícios, entrarão

⁷⁷ Ibidem. p.255.

⁷⁸ LE GOFF, Jacques (coordenação). O Homem Medieval. op.cit. pp.13.

⁷⁹ Ibidem. p.13.

no Paraíso; já os maus, que se afastaram das virtudes e levaram uma vida dominada pelos vícios, estão destinados ao inferno. Assim, tanto no *Timeu*, como na noção medieval de Além, temos a crença em um espaço, no qual as almas humanas encontram, após a morte, sua morada final no “além”. Todavia, este lugar não é o mesmo em ambos os pensamentos, pois ele ganha contornos e particularidades específicas. Não obstante, em ambas as concepções o “além” é apresentado como o lugar da realização da ascese, o lugar onde o homem alcançará sua a condição perfeita que foi perdida, que em Platão é a contemplação perfeita, e para a concepção cristã é o Paraíso Celeste.

A *Navegação de São Brandão* retrata esse tema importantíssimo para a sociedade medieval: o Além. Porém, diferente das Visões do além, nas quais almas humanas, provisoriamente separadas do corpo, atravessam o “Outro Mundo”, na Navegação, como em outras narrativas, temos vivos que se aventuram nos lugares do outro mundo: quinze homens (Brandão e quatorze frades) chegam ao Paraíso terrestre, navegando por um mar desconhecido. No percurso ao Paraíso, a narrativa menciona também a descoberta de inúmeras ilhas, boas e outras demoníacas, onde encontram com Judas. Misturando o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, as paisagens terrestres e os lugares do “Outro Mundo”. Essa característica mostra que, na Idade Média, a fronteira entre real e imaginário não existiam como para nós, pois, para a sociedade medieval, entre aqui e Além, mundo dos mortos e mundo mortos, existe na verdade uma fronteira muito tênue. Uma fronteira que é diversas vezes transgredida através de inúmeras práticas e crenças (como as preces dos vivos para os mortos e a intercessão dos santos pelos vivos). Na sociedade medieval, o além é entendido, então, como “uma realidade presente, contemporânea: mundo dos vivos e mundo dos mortos, coexistem simultaneamente. Mesmo se eles são cuidadosamente separados pela fronteira da morte, as trocas entre eles são intensas e diversas formas de comunicação e de passagem continuam possíveis”⁸⁰.

Acredito que a viagem de Brandão é um desses momentos, onde os dois mundos se encontram. Ao encontrar ao Paraíso a Navegação não só realiza um dos grandes sonhos do cristão medieval, encontrar o Paraíso; ela também aproximou seus contemporâneos desse ambiente maravilhoso. Além disso, a Navegação ilustra o caminho de todo cristão em busca da salvação, caracterizada por sua entrada no Paraíso. Portanto, o percurso de Brandão ao Paraíso pode representar, assim, o percurso de toda sociedade cristã medieval.

⁸⁰ Ibidem. p. 389.

2. O PERCURSO DE SÃO BRANDÃO

O relato da *Navegación* inicia com uma breve apresentação de São Brandão, personagem principal do relato. Nesta apresentação, encontramos informações sobre a filiação e a origem deste personagem, além de algumas características atribuídas a ele: “*San Brendán, hijo de Findlug, que era nieto de Alta, de la familia de Eogen, era oriundo de la región pantanosa de Munster. Fue un hombre muy comedido y famoso por sus virtudes; llegó a ser abad de casi tres mil monjes*”⁸¹. Logo podemos perceber que quem narra a história não é Brandão, mas outra pessoa, que relata toda a história em detalhes, porém não é personagem. Depois dessa breve apresentação, a narrativa dá início propriamente à história da navegação, relatando em detalhes os sete anos de viagem em busca do Paraíso terrestre.

O segundo parágrafo da narrativa nos diz: “*un día, cuando se encontraba en una lucha consigo mismo en un lugar que se llama ‘el bosque de la virtude’, sucedió que a la hora de vísperas vino a donde él estaba un abad, de nombre Barinto, nieto de Neil*”⁸². O narrador está falando de Brandão que, segundo ele, encontrava-se “*en una lucha consigo mismo*”, dando a entender que Brandão encontrava-se em um momento de luta interna ou interior. Porém, o motivo ou os motivos que levaram o santo abade a esta luta interior não são ditos. Neste momento, São Brandão recebe uma visita, trata-se de outro abade, chamado Barinto. Segundo o texto, este vai ao encontro de Brandão que, por sua vez, faz uma série de perguntas a ele. O conteúdo destas questões e as respostas de Barinto não nos são relatadas. O texto diz apenas que Barinto “*depués de haber sido interrogado con muchas preguntas por este santo abad, comenzó a llorar, a postrarse en tierra y a permanecer largo tiempo en oración*”⁸³. Depois de ser interrogado, Barinto chora, prostra-se em terra e ora por um longo tempo. Brandão levanta-o do chão, beija-o e diz: “*Abad, ¿por qué tenemos que estar tristes en tu llegada? ¿Acaso no viniste para nuestro consuelo? Tú debes proporcionar más alegría a tus hermanos. Indícanos la palabra de Dios y reconforta nuestras almas con las diversas maravillas que viste en el oceano*”⁸⁴. O anfitrião tenta, assim, animar o visitante, deixando-o à vontade para falar e relatar suas experiências.

Em seguida, Barinto inicia seu relato falando de um homem chamado Mernoc, a quem chama de “*proveedor de los pobres de Cristo*”. Este Mernoc, filho espiritual de Barinto, teria

⁸¹ GONZÁLEZ, Fremiot Hernández. *Navegación de San Brendán*. Madrid: AKAL, 2006. p.41.

⁸² *Ibidem*. p.41.

⁸³ *Ibidem*. p.41.

⁸⁴ *Ibidem*. p.41.

se afastado da presença de Barinto com a intenção de tornar-se anacoreta⁸⁵. Segundo Barinto, Mernoc encontrou uma ilha rochosa, chamada “Deliciosa”, onde ele morava juntamente com outros monges e onde Deus realizava muitos milagres através dele. De acordo com o relato de Barinto, só depois de muito tempo é que Mernoc teria lhe falado que havia mais monges com ele nesta ilha. Barinto, por sua vez, resolve então visitar seu filho espiritual nesta ilha “Deliciosa”. Após três dias de navegando, Barinto é surpreendido no meio do caminho por Mernoc, que alega ter sido informado da visita de Barinto por revelação divina. Dessa forma, navegam juntos, Barinto e Mernoc, até a ilha Deliciosa, onde se encontram com frades de várias células. Barinto diz que estes frades moravam dispersos um do outro, mas não obstante isso, “*existía unanimidad en la manera de vivir en la fe, en la esperanza y en la caridad, y un solo consuelo espiritual se coadunó siempre para la obra de Dios*”⁸⁶. De acordo com Barinto, estes frades não podiam comer nenhum outro alimento além de frutas, nozes, raízes e outras classes de verduras, e que cada um desses frades, depois de rezarem as completas⁸⁷, permanecia em sua célula até o canto do galo ou o toque da campainha.

Após passar três dias e três noites conhecendo toda a ilha, Barinto é levado por Mernoc à costa oeste da ilha onde havia uma pequena embarcação. Ao chegarem neste local Mernoc lhe faz o seguinte convite: “*Abad, sube a la nave y naveguemos en dirección a la zona occidental hasta la isla que se llama ‘la tierra prometida a los santos’, que Dios ha de otorgar a nuestros sucesores el día del juicio*”⁸⁸. Segundo Barinto, depois de subirem na embarcação e começarem a navegar, uma neblina muito forte cobriu todos os lados do barco, de modo que eles não conseguiam ver nem a proa e nem a popa do barco. O percurso até a ilha não foi demorado, “*transcurrió el espacio casi de una hora, una luz deslumbrante brilló a nuestro alrededor y apareció una tierra amplia, cubierta de plantas y llena de muchas frutas*”⁸⁹. Barinto e Mernoc descem à ilha e percorrem por ela durante 15 dias sem encontrar o seu fim. Segundo Barinto, não tinha na ilha “*ninguna planta sin flores, ni árbol sin fruto*”⁹⁰, além disso, “*sus piedras son de la clase de la piedras preciosas*”⁹¹.

No décimo quinto dia, Barinto e Mernoc se deparam com um rio que corria do oriente ao ocidente, e, em frente a ele, se questionam se deveriam atravessar. Decidem, então, esperar pelo conselho divino. Repentinamente aparece-lhes um homem de grande resplendor, que os

⁸⁵ Penitente que se afasta do convívio humano para viver em solidão, procurando expiar seus pecados pela meditação.

⁸⁶ GONZÁLEZ, Fremiot Hernández. op.cit. pp.42.

⁸⁷ Última parte do ofício divino, com que se terminavam as horas canônicas do dia.

⁸⁸ GONZÁLEZ, Fremiot Hernández. op.cit. pp.42.

⁸⁹ Ibidem. p.42.

⁹⁰ Ibidem. p.42.

⁹¹ Ibidem. p.42.

saúda e explica-os que aquele rio marcava exatamente a metade da terra e que a eles não estava permitido atravessá-lo. O homem orienta aos visitantes que regressem ao lugar de onde haviam partido. Barinto, então, pergunta ao homem de onde ele era e como se chamava. Entretanto, ele é advertido pelo homem, que diz: “*¿Por qué me preguntas de dónde soy o cómo me llamo? ¿Por qué no me preguntas sobre esta isla? Tal como la ves ahora, así ha permanecido desde el origen del mundo*”⁹². O mensageiro continua falando para Barinto: “*¿Necesitas algún alimento o bebida o vestido? Pues llevas un año en esta isla y no has probado comida ni bebida. Nunca fuiste vestido por el sueño ni la noche te cubrió, pues aquí siempre es de día, sin la ceguera que producen las tinieblas*”⁹³. Temos aqui mais algumas características da ilha, além de sua imensa riqueza e beleza natural, a ilha também é um lugar onde não se sente fome, nem sede e nem mesmo sono, isto porque não havia noite, sempre é dia, pois “*nuestro Señor Jesucristo es su luz*”.

Tendo dito isto, o homem acompanha Barinto e Mernoc até seu barco, desaparecendo logo em seguida. Quando Barinto e Mernoc retornam à ilha das Delícias, os frades os esperavam com grande alegria, mas também queixosos pela demora de seu abade Mernoc. Barinto explica aos frades que estavam próximos ao Paraíso, a terra prometida aos santos, e que seu abade se ausentava para estar neste lugar. Barinto questiona aos frades se não reconheciam pelo odor de suas vestes que estavam no Paraíso. Os frades por sua vez respondem que sabiam que haviam estado no Paraíso, que ficava no meio do mar, mas, contudo, desconheciam a localização exata do lugar. Afirmaram também que o perfume que sentiam nas vestes de Mernoc sumia gradativamente após quarenta dias depois de seu regresso do Paraíso. Assim, quarenta dias depois Barinto se despede de Mernoc e seus frades com o objetivo de retornar à sua célula. Entretanto, Barinto vai ao encontro de Brandão e sua congregação.

Assim que Barinto termina seu relato, Brandão e sua congregação “*se postró en tierra, glorificando a Dios*”. Passando a noite e recebida a bênção dos frades pela manhã, Barinto continua em seu caminho e retorna a seu monastério. Porém, as palavras de Barinto foram recebidas por todos com muita alegria, “*porque hoy nos ha alimentado con tal comida espiritual*”⁹⁴, disse Brandão. Depois da partida de Barinto, Brandão elege quatorze frades de sua congregação e se reúne com eles dizendo: “*Mis queridísimos conmlitones, os solicito consejo e ayuda porque mi corazón y todos mis pensamientos se fundem en un solo deseo: me*

⁹² GONZÁLEZ, Fremiot Hernández. op.cit. pp.42

⁹³ Ibidem. p.42.

⁹⁴ Ibidem. p.44.

*he propuesto en mi corazón, pero sólo si es la voluntad de Dios, buscar 'la tierra prometida a los santos', de la que habló el abad Barinto. ¿Qué os parece o qué consejo me quieres dar?"*⁹⁵. Os frades lhes respondem unânimes a Brandão: “*Abad, esse deseo tuyo es también el nuestro. ¿Acaso no dejamos a nuestros padres, acaso no despreciamos nuestra herencia y entregamos nuestros cuerpos en tus manos? Así que estamos dispuestos a ir contigo en busca de la muerte o en busca de la vida. Sólo buscamos una única cosa, la voluntad de Dios*”⁹⁶.

Neste momento, iniciam-se todos os preparativos para a viagem. Começando com um jejum de quarenta dias. Passados estes quarenta dias, e depois de despedirem-se dos outros frades e de confiar tudo ao segundo de seu monastério, partiu Brandão em direção ao ocidente, juntamente com seus quatorzes frades, até a ilha de um abade chamado Enda, onde permaneceram por três dias e três noites. A narrativa não diz o que eles teriam feito neste lugar, menciona apenas “*allí se detuvo tres días y tres noches*”. Depois disso, eles receberam a bênção do abade Enda e de todos os monges que estavam com ele, partindo em seguida para sua comarca natal, onde moravam os pais de Brandão. Neste lugar, estabelecem uma tenda de campanha em uma montanha, onde permanecem por um período indeterminado. É nesse lugar que constroem o barco que utilizam na viagem.

Tendo preparado a embarcação e pegado todo o material necessário para viagem, levando também material para construir mais dois barcos, Brandão convoca seus quatorze companheiros para entrarem no barco. Quando já estavam prontos para partir, aparecem três outros frades vindos do mosteiro de Brandão, eles caem aos pés do abade dizem: “*Abad, déjanos ir contigo a donde tú vayas; de lo contrario moriremos de hambre e de sed en este lugar. Hemos tomado la decisión de peregrinar durante los días de nuestra vida*”⁹⁷. Brandão vendo a angústia dos frades aceita que estes se juntem a eles, mas, advertindo-os de que para cada um deles o Senhor tinha preparado algo específico (para um deles seria um lugar muito apropriado e para os outros dois um juízo muito horroroso). As palavras de Brandão não assustam os três frades que partem com ele, sem saber qual seria ao certo seu fim e nem se retornariam.

Enfim começa a viagem ao Paraíso. Subindo no barco, Brandão, os quatorzes frades eleitos por ele e os três retardatários que pediram para ir junto. Assim, dezoito homens partem navegando em direção ao Ocidente. Durante os quinze primeiros dias não precisaram fazer nenhum esforço físico, pois o vento conduzia a embarcação. Porém, no décimo quinto dia o

⁹⁵ Ibidem. p.44.

⁹⁶ Ibidem. p.44.

⁹⁷ Ibidem. p.46.

vento cessou e tiveram que remar até que faltaram suas forças. Imediatamente São Brandão, vendo o esgotamento de seus frades, os reconforta ordenando que guardassem os remos e despregassem a vela, pois o Senhor era seu auxílio e faria sua vontade. Depois de quarenta dias, e terminado todas as provisões alimentícias, nossos viajantes avistam, enfim, a sua primeira parada: a ilha sem habitantes. Contudo, não encontram nenhum lugar onde pudessem entrar na ilha. Cansados pela viagem, os frades tentam pegar um pouco da água que caía das rochas da ilha, mas, são advertidos por Brandão para não cometerem rapina. O santo abade conforta seus companheiros afirmando que *“el Señor Jesucristo después de tres días mostrará a sus siervos un puerto y un lugar de permanencia para reconfortar los cuepos de los que están cansados”*⁹⁸. Dessa forma, depois de rodear a ilha por três dias, eles encontraram por volta da hora nona (15h) do terceiro dia um porto onde havia apenas uma entrada para uma embarcação. Com efeito, o porto consistia em uma rocha muito alta parecendo um muro, com uma abertura estreita. Assim que atracaram, todos desceram do barco, porém, Brandão ordenou que eles não retirassem nenhum utensílio. Os viajantes estavam caminhando pela costa da ilha, quando são surpreendidos por um cão, que lhes apareceu por um caminho e foi até os pés de São Brandão, *“tal como suelen venir los perros hasta los pies de su amo”*⁹⁹. Brandão diz a seus companheiros: *“¿Acaso no nos ha dado el Señor un buen mensajero? Seguidlo”*¹⁰⁰. Desse modo, eles são conduzidos pelo cão até uma cidade, onde veem uma habitação grande, coberta de almofadas e camas, e também com água para lavarem os pés. Quando todos se acomodaram, Brandão adverte-os: *“Tened cuidado, hermanos, de que Satanás no os haga caer en la tentación, pues lo veo tratando de persuadir a un robo muy malo a uno de los tres hermanos que llegaron después de nosotros procedientes de nuestro monasterio, Orad por su alma, pues su carne ha sido entregada al poder de Satanás”*¹⁰¹.

Logo após as palavras de Brandão, a narrativa prossegue fazendo uma pequena descrição da casa onde eles estavam instalados: um lugar cheio de paredes em circuito com *“vasos colgantes de metal de diverso tipo, también con collares y con cuernos recubiertos de plata”*¹⁰². Uma casa repleta de objetos de valor econômico (metais de diversos tipos, colares e chifres de prata), que poderiam muito bem despertar a cobiça. O que nos ajuda a entender as palavras de advertência de Brandão, que parecia prever que a tentação estava próxima. Em

⁹⁸ Ibidem. p.47.

⁹⁹ Ibidem. p.47.

¹⁰⁰ Ibidem. p.47.

¹⁰¹ Ibidem. p.47.

¹⁰² Ibidem. p.47.

seguida Brandão disse ao ajudante: “*trae la comida que Dios nos ha enviado*”¹⁰³. Neste instante, o ajudante se levantou e encontrou a mesa posta com “*um pan de una blacura maravillosa para cada uno y peces*”¹⁰⁴. Ao ver isso, Brandão agradece pela comida, e diz a seus companheiros que louvem a Deus, pois ele fornece o alimento a toda carne. Dessa forma, seguindo a orientação do abade, todos se acomodaram à mesa e louvam a Deus. Neste lugar, também encontraram quanta bebida quanto queriam. Depois de terminada a refeição, e após completarem o ofício divino, foram descansar.

Porém, quando os frades haviam adormecido, Brandão viu “*la obra del Diablo, a saber niño negro que tenía un collar en una mano y jugaba delante del mencionado fraile*”¹⁰⁵. Brandão levanta-se prontamente e começa a orar, passando toda noite em oração até a manhã do dia seguinte. De manhã, depois que os frades celebraram o ofício divino, todos percorreram o caminho até o barco e lhes apareceu mais uma vez a mesa posta da mesma forma que no dia anterior. Até este momento, todos permanecem na ilha sendo alimentados por Deus, que faz aparecer alimento e bebida suficiente para todos.

Passados três dias naquela ilha, Brandão e seus companheiros começam a se preparar para seguir viagem. É neste momento que Brandão inicia um diálogo que culmina com a morte de um dos frades. O santo abade adverte seus frades: “*Ved que ninguno de vosotros se lleve consigo de esta isla nada de valor*”¹⁰⁶. Prontamente, todos o respondem: “*que se aleje, abad, el que algún robo mancille nuestro caminho*”¹⁰⁷. Então, Brandão revela a todos aquilo que tinha visto em sua visão, mostrando o frade que tinha um colar entregue pelo diabo. O frade em questão acaba confessando, suplicando que rogassem por sua alma. Assim, todos se prostram e suplicam a Deus por sua vida. Ao levantarem, todos veem sair do frade um menino negro gritando em alta voz e dizendo: “*¿Por qué, hombre de Dios, me echas de mi morada, en la que llevo viviendo ya siete años, y haces que me aleje de mi herencia?*”¹⁰⁸. O demônio queixa-se a Brandão de haver sido tirado de sua morada que vivia há sete anos. Porém, Brandão não dá atenção a suas palavras e ordena em nome do Senhor Jesus que ele não moleste a nenhum homem até o dia do juízo. Depois disso, Brandão volta-se novamente para o mencionado frade e diz: “*Toma el cuerpo y la sangre del Señor, porque tu alma saldrá ahora de tu cuerpo, pues aquí tienes el lugar para tu sepultura*”¹⁰⁹. E, depois de receber a

¹⁰³ Ibidem. p. 47.

¹⁰⁴ Ibidem. p.47.

¹⁰⁵ Ibidem. p.48.

¹⁰⁶ Ibidem. p.48.

¹⁰⁷ Ibidem. p.48.

¹⁰⁸ Ibidem. p.49.

¹⁰⁹ Ibidem. p.49.

eucaristia, a alma do frade saiu do corpo, e todos os frades contemplaram como sua alma foi acolhida por anjos de luz. Já seu corpo foi sepultado por São Brandão naquele mesmo lugar.

Brandão juntamente com os outros frades dirigem-se às margens da ilha até o lugar onde se encontrava sua embarcação. Antes que entrassem no barco, lhes aparece um jovem trazendo consigo um cesto cheio de pães e uma vasilha com água. Este jovem lhes diz: *“Tomad comida de la mano de vuestro siervo, pues os que da un largo camino hasta que encontréis sustento. Sin embargo, no os faltará el pan ni el agua desde hoy hasta la Pascua”*¹¹⁰. Pegaram a comida trazida pelo jovem e começaram a navegar pelo mar, comendo sempre a cada dois dias. Desse modo, eles prosseguem a viagem, até que um dia eles avistam uma ilha, chamada de Ilha das Ovelhas. Imediatamente, começam a remar em sua direção, mas, não precisaram de muito esforço, pois logo surgiu um vento que os ajudou, conduzindo-os até a ilha. Ao saírem da embarcação, se deparam com um lugar farto, com larguíssimas correntes de água e distintas fontes cheias de peixes. Brandão diz aos frades: *“Recemos aquí oficio divino. Hagamos el sacrificio a Dios de la hostia inmaculada, porque hoy es la Cena del Señor”*¹¹¹. E ali permaneceram até o sábado da Páscoa.

Nesta ilha também encontram um enorme rebanho de ovelhas muito grandes e branquíssimas. A quantidade de ovelhas era tão grande ao ponto de não conseguirem ver nada além delas. Brandão ordena a seus frades que peguem do rebanho o necessário para o dia da festa. Imediatamente, eles foram até o rebanho pegaram uma ovelha, amarrando-a pelos chifres. Por sua vez, a ovelha não demonstrou resistência e seguiu docilmente o frade que a levava pela corda até o lugar onde estava Brandão. Este ordena a um dos frades que traziam a ovelha, que pegue do rebanho um cordeiro imaculado. O frade fez exatamente como seu abade tinha ordenado. Quando tinham preparado tudo necessário para o ofício do dia seguinte, lhes apareceu um homem trazendo uma cesta cheia de pães brancos e outras coisas que necessitavam. O homem, depois de colocar tudo diante Brandão, inclinou seu rosto em terra por três vezes aos pés do santo abade e disse: *“¿De dónde tengo méritos, oh piedra preciosa de Dios, para que en estos días santos os alimentéis del trabajo de mis manos?”*¹¹². O homem se mostra feliz e honrado por servir Brandão, a quem chama pedra preciosa de Deus. Este homem servirá a Brandão durante toda sua viagem, fornecendo alimentos em várias ocasiões. Depois disto, Brandão fala ao homem que Jesus preparou para eles este lugar para poderem celebrar a Ressurreição. E o homem lhe diz: *“Abad, aquí celebraréis este sábado*

¹¹⁰ Ibidem. p.49.

¹¹¹ Ibidem. p.50.

¹¹² Ibidem. p.50.

santo, pero Dios ha dispuesto que las vigiliias y las missas de su Resurrección las celebréis mañana en aquella isla que estáis viendo”¹¹³. Logo em seguida, o homem prepara as provisões e todas as coisas necessárias para os servos de Deus. Quando todos os preparativos acabaram, o homem os leva até o barco e diz a Brandão que dentre oito dias levaria até eles mais comida. Brandão pergunta ao homem como ele saberia onde estariam em oito dias, por sua vez este o responde dizendo: *“Esta noche y mañana hasta la hora sexta estaréis en aquella isla que estais viendo cerca. Después remaréis hasta otra isla que está no lejos de esta isla en dirección a Occidente, que se llama ‘el paraíso de las aves’, y allí permaneceréis hasta la octava de Penetecostés*”¹¹⁴. O homem demonstra conhecer o percurso que Brandão deveria fazer, como alguém que já conhece o caminho de um determinado lugar. Tendo ouvido estas coisas, Brandão ainda questiona ao homem sobre o tamanho das ovelhas daquele lugar, *“pues eram mayores que bois”*. O homem explica que as ovelhas eram assim porque seu leite não é tirado, além disso, o frio não obriga a colocá-las no estábulo, dessa forma, sempre permanecem nos pastos, seja de dia ou de noite.

Ditas estas coisas, eles partem da ilha das ovelhas e começaram a remar. Quando se aproximavam da costa da próxima ilha, o barco começou a encalhar antes que atracassem no porto. Brandão *“ordenó a los frales que saltaran de nave el mar, y así lo hicieron. Mantenían amarrada la nave de una y otra parte con cabos hasta llegar al puerto*”¹¹⁵. Os viajantes estranham o aspecto daquela ilha: rochosa e sem nenhuma grama, nem tampouco havia madeira e areia em sua margem. Mesmo assim, todos os frades desceram, passando toda noite na ilha com orações e vigílias. Contudo, Brandão permaneceu no barco, pois *“sabía qué clase de isla era aquélla, pero, sin embargo, no quiso decírselo para no se asustaran*”¹¹⁶. Depois que cada um celebrou uma missa, os frades começaram a preparar a carne e o peixe, preparando um caldeirão sobre o fogo. Com o fogo a ilha começou a mover-se, causando pavor nos frades, que correram para o barco onde estava Brandão. Depois do ocorrido, Brandão diz aos frades: *“hijos, no os asustéis, pues Dios me ha revelado esta noche a través de una visión el misterio de este hecho. No es una isla el lugar donde hemos estado, sino un pez, el más grande de todos los que nadan en el mar. Siempre está buscando unir su cola a su cabeza y no puede por el tamaño. Tiene el nombre de Jasconio*”¹¹⁷.

¹¹³ Ibidem. p.51.

¹¹⁴ Ibidem. p.51.

¹¹⁵ Ibidem. p.51.

¹¹⁶ Ibidem. p.51.

¹¹⁷ Ibidem. p.52.

Depois disto, os viajantes remam na intenção de retornarem para a ilha das ovelhas. Entretanto, avistam outra ilha quase unida com a ilha das ovelhas, era o “Paraíso das aves”. Uma ilha coberta inteiramente por vegetação, cheia de bosques e de flores. Os viajantes rodearam a ilha em busca de um porto, mas só encontraram um pequeno rio que desembocava no mar. Adentraram a ilha puxando a barco por esse rio até sua nascente, onde se depararam com uma árvore de surpreendente altura que estava cheia de aves branquíssimas. Ao ver isto, Brandão ficou intrigado e começou a refletir e a suplicar a Deus que o revelasse sobre o motivo do tão grande número de aves. Após suplicar interiormente a Deus, eis que uma das aves sai da árvore e voa até o barco onde estava o abade, ela olha fitamente para Brandão, de tal forma que ele entendeu que a ave era a resposta de sua oração. Em seguida, Brandão se dirige a ave dizendo: *“si eres el mensajero de Dios, cuéntame de dónde son estas aves o por qué motivo está aquí esta bandada”*¹¹⁸. A ave diz a Brandão: *“Nosotras somos de aquella gran caída del antiguo enemigo, aunque sin pecar estuvimos en su grupo. Pero cuando fuimos creadas, juntamente con el derrumbamiento de aquél y sus satélites aconteció también nuestra caída. Con todo, nuestro Dios es justo y veraz. Gracias a su grand juicio nos envió a este lugar”*¹¹⁹. De acordo com a ave, elas não sofriam castigos, Deus havia colocado elas naquele lugar, e ali podiam desfrutar de sua presença. Porém, estavam separados da comunidade dos que se mantiveram firmes. Na maioria do tempo, elas andavam errantes pelo ar, como outros espíritos, porém nas festas do calendário litúrgico e nos domingos tomavam o corpo de uma ave, e permaneciam na ilha louvando a Deus todo o tempo.

Ditas estas coisas, a ave retorna para a árvore onde estavam as outras aves, onde todas passam o resto do dia cantando e entoando Salmos. Brandão contempla tudo, encantado com o canto das aves, que lhe parecia uma espécie de lamentação. Depois de um longo período contemplando as aves em seu ritual, Brandão diz aos frades que alimentem o corpo, porque as almas já tinham sido saciadas com o alimento divino. Terminada a refeição, e depois de celebrarem o ofício divino, os frades descansam até a terceira vigília da noite. Em seguida, Brandão, que estava acordado, convida seus companheiros a despertarem para juntos entoarem cânticos, celebrando a vigília santa. Assim, passaram toda noite, ouvindo o canto dos pássaros que cantavam sempre nas vésperas por um espaço de uma hora. Durante todo tempo as aves louvavam a Deus, cantando e recitando diversos versos do livro de Salmos. Os cantos eram marcados pelas horas canônicas: as matinas, na hora terça, na hora sexta e na hora nona ou noa. Desse modo, as aves tributavam louvores ao Senhor de dia e de noite.

¹¹⁸ Ibidem. p.53.

¹¹⁹ Ibidem. p.53.

Passados os dias festivos, Brandão manda que os frades peguem água do manancial a fim de que lavassem as mãos e os pés. Quando ainda dizia estas coisas apareceu novamente o homem que tinham encontrado na ilha das ovelhas; ele trazia alimento e bebida para os viajantes. Ele diz aos frades que não bebam daquela água do manancial, pois quem beber dela dormiria por vinte e quatro horas. Em seguida, o homem parte novamente para sua ilha. Porém, Brandão e seus companheiros permaneceram naquela ilha até a oitava de Pentecostes, isto porque o canto das aves reconfortava ao santo abade. No dia de Pentecostes, eles recebem pela segunda vez a visita do provedor, levando consigo todo o necessário para o alimento do dia festivo. Quando todos estavam sentados à mesa, o homem diz: “*os queda un largo camino. Llenad vuestras garrafas del água de esta fuente y coged secos que podeis guardar para otro año. Yo os daré todo cuanto pueda llevar vuestra nave*”¹²⁰. Dizendo isto o homem retorna mais uma vez à sua residência.

Brandão e seus companheiros, contudo, ainda passam mais oito dias na ilha preparando tudo para a viagem. Depois de carregarem o barco com todo o que o homem tinha trazido para eles, e de encherem as vasilhas com a água da fonte, eles retornam sua viagem. Quando estavam na margem da ilha, a ave mais uma vez voa até eles e pousa na proa do barco, Brandão entende que ela quer mais uma vez falar com ele. Então, a mencionada ave lhe diz com voz humana:

*con nosotros celebraréis el próximo año el día santo de la Pascua y este tiempo pasado. Y donde hábeis estado este año de la Cena del Señor, allí estaréis esse día el próximo año. Del mismo modo la noche del domingo de Pascoa la celebraréis en donde la celebrasteis antes, sobre el lomo del Jasconio. También encontraréis una isla dentro de ocho meses, que se llama ‘isla de la comunidad de Ailbeo’, y allí celebraréis la Natividad del Señor .*¹²¹

Depois de falar todo o percurso de Brandão e seus companheiros, a ave volta a seu lugar junto com as outras. Segundo a ave, Brandão deveria navegar ainda por mais seis anos, sendo que durante estes anos ele deveria passar a Ceia, a Páscoa, o Pentecostes e o Natal nos mesmos lugares que passou no primeiro ano: a Ceia do Senhor, na ilha sem habitantes; a noite do domingo de Páscoa, no lombo do Jasconio; o dia da Páscoa até o Pentecostes, na ilha das aves; o Natal, na ilha da comunidade de Ailbeo.

Depois disto, os viajantes partiram das ilhas das aves e permaneceram navegando de um lugar para outro durante três meses, podendo ver apenas o céu e o mar e comendo de dois

¹²⁰ Ibidem. p.56.

¹²¹ Ibidem. p.56.

ou três dias. Um dia avistaram uma ilha. Contudo, não puderam aportar, pois um vento apartava o barco, levando-o longe do porto. Passados quarenta dias circulando a ilha, os frades choravam e suplicavam a Deus que os ajudassem, pois estavam muito cansados e sem forças. Depois de três dias de orações e abstinência (jejum), apareceu-lhes um porto onde puderam enfim aportar. Ao mesmo tempo viram duas fontes de água, uma turva e outra clara. Imediatamente, os frades foram pegar um pouco da água, Brandão lhes aconselhou primeiro a pedir permissão dos anciãos que moravam da ilha. Quando desceram do barco, veio até eles um ancião de cabelos brancos e rosto resplandecente. Após prostrar-se três vezes em terra, o ancião beija Brandão e os leva até a frente de um monastério. Brandão tenta interrogar o ancião sobre de quem seria ou quem era o líder do monastério e os seus habitantes, contudo, não obtém nenhuma resposta, apenas um sinal que indicava silêncio. A atitude do ancião revelou a Brandão a regra daquele lugar, e ele admoestou seus frades dizendo: *“apart vuestras bocas de las palabras para que vuestra locuacidad no mancille a estos frailes”*¹²².

Em seguida, vieram ao encontro de Brandão onze frades do monastério, com baús e com hinos dizendo: *“Levantaos, santos de Dios, de vuestras residencias y marchad al encuentro de la verdad. Santificad el lugar, bendecid al pueblo y dignaos guardarnos en paz nosotros vuestros siervos”*¹²³. Ditas estas palavras, o abade do monastério saudou Brandão e seus companheiros com beijo. Da mesma forma, os frades de Brandão também saúdam os outros frades do monastério. Todos entram no monastério em meio de orações. O abade do monastério, junto com seus monges, começa a lavar os pés de seus visitantes, cantando a antífona “um mandamento novo”. Depois os conduziu ao refeitório em silêncio, onde, após lavarem as mãos, com o sinal todos se sentaram. Ali foram servidos por um dos frades, tudo no mais absoluto silêncio. Comeram pão de uma surpreendente brancura e raízes com um sabor incrível. Estavam sentados mezclados, moradores e visitantes, porém por ordem, havendo sempre um pão para cada dois.

O abade do monastério começa a explicar aos seus visitantes a rotina do lugar e como Deus provia a alimentação diária dos moradores. Segundo o abade do monastério, cada uma das fontes vistas pelos visitantes em sua chegada a ilha tem uma finalidade, a fonte clara era utilizada apenas para caridade, enquanto as águas da fonte turva eram usadas para lavarem os pés dos frades todos os dias, pois esta água está sempre quente. A origem dos pães servidos aos visitantes é desconhecida pelos anfitriões. Segundo o abade, os pães são trazidos ao porteiro, mas eles não sabem por quem. Recebem todos os dias doze pães que são divididos

¹²² Ibidem. p.57.

¹²³ Ibidem. p.57.

pelos vinte quatro frades que moram ali, um pão para cada dois. Nos domingos e dias de festas todos recebem um pão inteiro, para que possam jantar com as sobras. Contudo, com a chegada dos visitantes, estavam recebendo ração dobrada. Dessa forma, eram alimentados durante oitenta anos, desde a época de São Patrício e São Ailbeo (Albino) até aquele momento. O abade, ainda, diz que nem a velhice e nem a debilidade se apoderam deles em absoluto, não sentem nem frio e nem calor. Eles também afirmavam não necessitar de nada que seja feito no fogo e que quando chega o momento das missas e das vigílias, “*se enciendem en nuestra iglesia por designio divino las lucernas que trajinos con nosotros de nuestra tierra y están ardiendo hasta que se hace de día, y ninguna de ellas se consume*”¹²⁴. Ditas estas coisas, o abade do monastério deu um sinal e todos se levantaram de uma só vez em grande silêncio, dirigindo-se à Igreja. Na porta da igreja encontram os outros doze frades que moravam no lugar. Eles fazendo uma breve reverência a São Brandão e seguem para o refeitório para comerem. Brandão questiona o abade porque eles não tinham comido junto com eles, e este fala que não tinha na mesa lugares suficiente para todos. O abade chama Brandão para entrar na igreja para cantarem as vésperas, pois depois os outros frades voltariam para cantar depois deles.

Brandão passa a contemplar a construção da igreja. Segundo o texto, a igreja era quadrada tanto na largura como no comprimento e tinha sete lâmpadas, três diante do altar que estava no médio e duas diante de mais dois outros altares. Estes também eram quadrados e feitos de cristal, “*lo mismo que sus vasos, es decir, las patenas, los cálices, los copones y los demás vasos pertenecientes al culto divino; también los veinticuatro siales distribuídos alrededor de la iglesia*”¹²⁵. O abade tinha um lugar especial, ficava no meio de dois coros e somente ele podia começar os versos. No monastério não era pronunciada nenhuma palavra, se qualquer frade tinha necessidade de algo, procurava o abade e ajoelhado pedia interiormente em seu coração a sua necessidade. Por sua vez, “*al instante el santo abade, cogiendo una tablilla y un estilo, escribía por revelación de Dios y se la entregaba al fraile que le había pedido consejo*”¹²⁶

Logo após, voltaram ao refeitório, onde atuaram da mesma maneira que em outra refeição. Concluído os ritos dos Salmos, todos os frades saíram cada um em direção à sua célula levando consigo os hóspedes. Apenas Brandão e o abade do monastério ficaram na Igreja aguardando a chegada da luz que acendia as lâmpadas da igreja. Neste momento

¹²⁴ Ibidem. p.58.

¹²⁵ Ibidem. p.59.

¹²⁶ Ibidem. p.59.

Brandão pergunta ao abade como era possível a homens se entenderem como eles, ou seja, sem o uso das palavras. O abade respondeu que estavam na ilha há oitenta anos, que desde então não ouviam nenhuma voz humana, a não ser quando estavam louvando a Deus. O abade afirma que entre eles *“no suena ninguna voz de los veinticuatro, sino que nos entendemos mediante una señal hecha con los dedos o con los ojos, salvo en el caso de los mayores”*¹²⁷. Não é dito quem seriam estes maiores, se eram os mais velhos ou os que tinham uma posição elevada. O abade, ainda, diz que desde que chegaram à ilha nenhuma enfermidade que anda vagando o homem, seja da carne ou do espírito, os tinha apanhado.

Tendo ouvido as palavras do abade, Brandão pergunta se era permitido que eles ficassem ali. O abade prontamente responde negativamente: *“no se os permite, porque no es la voluntad de Dios.. ¿Por qué me haces esas preguntas, abad? ¿Dios no te reveló a ti antes de que llegaras hasta nosotros lo que tienes que hacer?”*¹²⁸. O abade afirma ser necessário que Brandão continue sua viagem e retorne a seu lugar juntamente com seus quatorze frades, pois o Senhor já tem preparado o lugar para sua sepultura. O abade fala também sobre o destino dos outros dois frades que entraram depois, segundo ele, um ficará como peregrino na ilha chamada “ilhas dos anacoretas” e o outro será castigado nos infernos com uma morte muito torpe.

Quando falavam estas coisas, apareceu uma flecha de fogo lançada através de uma janela e acendeu todas as sete lâmpadas que estavam diante dos altares, indo embora em seguida. Novamente, Brandão questiona o abade, perguntando quem apagava as luzes pela manhã. O abade convida Brandão a ver e contemplar o mistério, diz ele: *“tú ves los pabilos que están ardiendo en medio de los vasos, pero ninguno de ellos se quema, de modo que no disminuyen ni decrecen, y por la mañana no quedará ninguna ceniza, puesto que se trata de una luz espiritual”*¹²⁹. Brandão parece fascinado e interessado com tudo que ouve e vê, e mais uma vez Brandão questiona o abade dizendo: *“¿Cómo puede arder corporalmente en un ser corporal una luz espiritual?”*¹³⁰. O abade por sua vez lhe pergunta se não leu a história da sarça ardente no monte Sinai, e que esta permaneceu intacta mesmo pegando fogo.

Passou a noite e na manhã do dia seguinte Brandão pediu permissão para regressar a sua viagem, contudo, o ancião lhe diz que eles tinham que celebrar o Natal com eles, permanecendo com eles até a oitava de Epifania. Depois que se passaram as festas, Brandão e seus companheiros pegam provisões e retomam seu caminho. Continuaram navegando, umas

¹²⁷ Ibidem. p.59.

¹²⁸ Ibidem. p.60.

¹²⁹ Ibidem. p.61.

¹³⁰ Ibidem. p.61.

vezes remando com suas próprias forças, outras vezes com as velas abertas, sendo levados pelo vento. Assim, eram levados a diversos lugares até o começo da Quaresma.

Certo dia eles avistam uma ilha não muito longe. Logo que os frades a viram, começaram a remar depressa, porque estavam muito cansados, com fome e com sede, pois suas provisões já haviam acabado há três dias. Quando desceram nesta ilha encontraram uma fonte muito transparente, com diversas verduras e raízes a seu redor e diferentes classes de peixes. Brandão diz aos frades que peguem peixes, verduras e raízes para o jantar, pois o Senhor tinha proporcionado para eles consolo, mas era preciso que eles se esforçassem. Os frades fizeram tudo conforme dito por Brandão, porém, quando foram pegar água para beber, o abade lhes disse que usassem aquela água com moderação, para que seus corpos não fiquem danificados. Os frades não levaram em conta as palavras de Brandão. Segundo o texto, cada frade ingeriu uma quantidade diferente da água: alguns beberam um copo, outros beberam dois, e ainda houve os que beberam três copos da referida água. Depois de beberem da água se maneira errada, veio a consequência: os que beberam um copo dormiram por um dia e uma noite, os que beberam dois copos dormiram por dois dias e duas noites, enquanto os que beberam três copos dormiram por três dias e três noites. Durante o sono de seus companheiros, Brandão permaneceu rogando a Deus por eles, pois por ignorância tinham procedido daquela forma.

Passados três dias, Brandão repreende os frades afirmando que tinham feito mau uso do alimento dado por Deus. Logo em seguida, Brandão ordena as frades que peguem o necessário para três dias até a Ceia do Senhor. Tendo preparado tudo, Brandão e seus companheiros partem em direção norte. Segundo o texto, *“tras tres días e tres noches cesó el viento y el mar comenzó a estar como coagulado debido a una calma chicha”*¹³¹. Brandão, então, ordena aos frades para guardarem os remos e abrirem as velas, pois o Senhor é quem iria dirigi-los aonde Ele quisesse. Desde modo, o barco foi levado por vinte dias, até que *“Dios les envió nuevamente un viento favorable dirección este-oeste. Entonces comenzaron a levantar las velas y a navegar. Siempre tomaban alimento cada tres días”*¹³².

O texto não deixa claro quanto tempo exatamente eles navegaram sem saber exatamente onde iam parar. Diz apenas que *“un dia se les presentó una isla a lo lejos”*¹³³. Quanto eles saem de sua última parada, a ilha da água sonífera, Brandão fala a seus companheiros *“salid fuera de esta isla, haced acopio de estos peces y preparad cuanto sea*

¹³¹ Ibidem. p.62.

¹³² Ibidem. p.63.

¹³³ Ibidem. p.63.

necesario para tres días hasta la Cena del Señor”¹³⁴. Brandão acreditava que iriam navegar por três dias até a Ceia do Senhor, ou seja, até chegarem à ilha das ovelhas, local onde deveriam celebrar a Ceia. Contudo, o texto afirma que eles passam três dias navegando até que o vento e mar param; depois disso, ainda navegam mais vinte dias sem remarem, só contando com condução divina. Passados destes vinte dias, ainda continuaram a navegar até avistarem outra ilha.

Após este tempo indeterminado, os viajantes avistam enfim outra ilha. Ao ver a ilha, Brandão pergunta a seus companheiros se eles a reconheciam. Eles respondem que não. São Brandão diz que reconhecia a lugar, se tratava da ilha onde estiveram no ano passado durante a Ceia do Senhor, onde vivia o seu “provedor”, referindo-se ao homem que os serviu neste lugar e que os levava alimentos por diversas vezes. Ouvindo isso, os frades começaram a remar rapidamente e com alegria, tanto quanto suas forças podiam suportar. O santo abade, entretanto, lhes adverte que não fatigassem seus corpos nesciamente, pois o Senhor todo poderoso, timoneiro e marinheiro daquele barco, iria dirigir a rota deles como quisesse.

Quando estavam próximos da costa da ilha, apareceu ao encontro dos viajantes o mencionado homem, que por diversas vezes lhes forneceu provisões. Ele os levou até o porto onde haviam atracado no ano anterior, engrandecendo a Deus, beijando os pés de todos (começando por São Brandão) e dizendo este versículo: “*Eres admirable, Dios, en tu santuario. El Dios de Israel es el que dará a su pueblo poder y fuerza. Bendito sea Dios*”¹³⁵. Terminando de dizer estas coisas, ele tirou todas as coisas do barco e levantou uma tenda, preparando um banho para todos e vestindo a cada um com vestes novas. E, assim, permaneceu, servindo-os durante três dias. Durante este tempo, os frades celebraram a Paixão do Senhor com grande devoção até o sábado santo. Depois de acabados os ofícios de sábado e após haver “*inmolado víctimas espirituales a Dios y de terminar la cena*”¹³⁶, o mencionado homem disse a Brandão e aos seus companheiros:

Subid a la nave y marchad para que celebréis la santa noche del domingo de Resurrección donde la celebrasteis el año pasado, y lo mismo el día hasta la hora sexta. Después navegad hasta la isla que se llama ‘paraiso das aves’, en donde estuvisteis el año anterior desde la Pascua hasta la octava de Pentecostés, y llevad con vosotros toda la comida y toda la bebida que os sea neceseria”¹³⁷.

¹³⁴ Ibidem. p.62.

¹³⁵ Ibidem. p.63.

¹³⁶ Ibidem. p.64.

¹³⁷ Ibidem. p.64.

O homem relembra a Brandão seu percurso anual, parada por parada, e termina suas palavras afirmando que os iria visitar na ilha das aves no outro domingo. São Brandão e seus companheiros preparam todo o necessário: pães, bebida, carne e tudo quanto cabia no barco, e partem a fim de cumprir o seu itinerário. Quando se aproximam do lugar onde deveriam desembarcar, encontram com o caldeirão que haviam deixado abandonado no ano anterior. Então, São Brandão é o primeiro a descer do barco e começou a cantar “*el himno de los tres niños de principio a fin*”¹³⁸. Logo depois, Brandão diz aos frades que deveriam vigiar e orar para não cair em tentação, advertindo-os: “*pensad cómo el Señor mantiene a este horrible animal debajo de nosotros sin ningún problema*”¹³⁹. Os frades estiveram acordados, espalhados em cima daquele animal até de manhã. Depois que todos celebraram uma missa, o santo abade imolou um cordeiro imaculado e disse aos frades: “*otro año celebré aquí la Resurrección del Señor. Así quiero hacer también este año*”¹⁴⁰.

Os viajantes prosseguem seu percurso, eles partem para a ilha chamada “Paraíso das aves”. Quando se aproximavam ao porto desta ilha, todas as aves cantavam vários versículos em uníssono. As aves permaneceram por um largo tempo batendo suas asas e cantando, até que Brandão e todos que estavam com eles desembarcassem e acampassem. Quando haviam celebrado as festas da Páscoa, eis que chegou o seu provedor, assim como havia dito, ele veio no domingo da oitava de Páscoa, trazendo alimentos para Brandão e seus frades. Quando todos estavam à mesa, veio até à proa do barco a ave que no ano anterior tinha falado com São Brandão. A ave veio até o barco com as asas abertas, produzindo um grande som, como de um grande órgão. Brandão entendeu que a ave queria dizer-lhe algo, e ela falou:

*Dios os ha indicado cuatro sitios para los cuatro tiempos hasta que se acaben los siete años de vuestra peregrinación, a saber: en la Cena del Señor con vuestro intendente, que está presente todos los años; en el lomo de la ballena celebraréis la Pascua; con nosotras las fiestas pascuales hasta la octava de Pentecostés; con la comunidad de Ailbeo celebraréis la Navidad del Señor. Al cabo de siete años, pero habiendo corrido antes muchos y grandes riesgos, encontraréis ‘la tierra prometida a los santos’ que estáis buscando, y allí permaneceréis durante días, y después el Señor os volverá a conducir hasta la tierra donde hábeis nacido.*¹⁴¹

Brandão olha para a ave e se ajoelha, juntamente com seus frades, louvando e dando graças a Deus. Depois de falar com Brandão, a ave retorna para a árvore. Logo depois, quando todos terminaram a refeição, o provedor fala que com a ajuda divina iria voltar com provisões no dia da decida do Espírito Santo aos apóstolos, que é o Pentecostes. E depois de

¹³⁸ Ibidem. p.64.

¹³⁹ Ibidem. p.64.

¹⁴⁰ Ibidem. p.64.

¹⁴¹ Ibidem. p.65.

receber a bênção de Brandão e seus frades regressa à ilha das ovelhas. Porém, o santo abade e seus companheiros permanecem ali os dias prefixados.

Terminados os dias das festas da Páscoa, Brandão ordena a seus frades que aparelhem o navio e encham as vasilhas de água. Depois de tudo preparado, chega o intendente trazendo em seu barco muitos mantimentos para São Brandão e seus companheiros. Tendo carregado o barco do santo varão, o homem beijou a todos e regressou à sua ilha. Depois disto, o santo abade e seus frades continuam sua viagem. Navegaram pelo oceano, permanecendo à deriva durante quarenta dias, sem parar em nenhum lugar. Um dia apareceu longe deles um animal de enorme tamanho, este por sua vez lançava espuma pelas narinas e nadava com grande velocidade como se quisesse devorá-los. Quando os frades perceberam isto, gritavam ao Senhor e rogavam para que Deus os livrasse do ataque do animal. Brandão, por sua vez, tentava reconfortá-los, dizendo: *“No os espanteis, hombres de poquísima fe. Dios, que siempre es nuestro defensor, nos libraré de la boca de este animal y de los demás peligros”*¹⁴². Contudo, o medo dos frades aumenta cada vez mais, na medida em que o animal se aproximava do barco, levantando ondas de enorme tamanho que ameaçavam encobrir a embarcação. Neste instante, São Brandão, levantando as mãos para os céus, roga a Deus que livre suas vidas, assim como o Senhor livrara a Davi de Golias e Jonas da baleia.

Assim que São Brandão termina de dizer estas palavras, eis que surge outro animal enorme, procedente do oeste. Este animal por sua vez, não ameaça os viajantes, mas defende-os. Segundo a narrativa, este segundo animal vai ao encontro do primeiro e começa uma luta com este. O texto não descreve as características físicas destes animais, diz apenas que o primeiro lançava espuma pelas narinas, enquanto o segundo lançava fogo pela boca. Ambos são descritos como animais de enorme tamanho.

O santo abade chama atenção dos frades para as coisas maravilhosas do Redentor, referindo-se ao que estava acontecendo diante deles. Brandão diz: *“Ved la obediencia de los animales a su Creador. Ahora aguardad el desenlace final, pues a vosotros en nada os afesta esta lucha del mal, sino que será contabilizada en el haber de la gloria de Dios”*¹⁴³. Ditas destas palavras, o animal que perseguia os servos do Senhor foi esquartejado em três partes pelo outro animal, que logo depois retorna ao lugar de onde veio.

Após presenciarem este embate, os viajantes avistam outra ilha onde ficam por três meses. A ilha é descrita como povoada de árvores e muito extensa. Ao descerem nela nossos viajantes encontram uma parte do animal que queria devorá-los, e ao vê-lo Brandão diz: *“Ved*

¹⁴² Ibidem. p.66.

¹⁴³ Ibidem. p.66.

al que os quizo devorar; vosotros lo devoraréis a él. En esta isla esperaréis mucho tiempo, por consiguiente sacad más adentro de tierra vuestra navecilla y buscad en este bosque un lugar donde podais levantar vuestra tienda”¹⁴⁴. Brandão mostrou o lugar onde os frades deveriam instalar a tenda. Depois que os frades fizeram tudo segundo a ordem do santo abade, guardando todos os utensílios na tenda, Brandão lhes ordenou que pegassem da carne do animal para se alimentar durante três meses, pois durante a noite ele seria comido pelos animais. Dessa forma, os frades transportaram tanta carne quanto necessário, conforme a ordem de Brandão. Depois foram até Brandão e lhe perguntaram como poderiam viver naquele lugar sem água, e Brandão lhes respondeu dizendo: “*Acaso es más difícil para Dios suministraros agua que comida? Id hacia la zona sur de esta isla y encontraréis una fuente muy límpida, muchas verduras y raíces: coged de ellas para mi con moderación*”¹⁴⁵.

Os frades seguem as ordens de seu abade, encontrando tudo tal como ele tinha dito. Eles permaneceram durante três meses naquela ilha, pois, de acordo com o texto, o mar estava perigoso: tempestade, vento forte, com muita chuva e granizo. Na manhã que sucedeu à chegada deles na ilha, os frades foram ver se havia acontecido com o animal conforme o santo abade tinha dito. Quando chegaram onde estava um dos pedaços do corpo do animal só encontram ossos. E então voltaram onde estava Brandão e disseram a ele: “*Abad, tal como dijiste, ha sucedido*”. Brandão lhes respondeu dizendo que sabia que eles queriam comprovar se ele tinha falado a verdade ou não. E que os daria outro sinal, esta noite chegaria ali um pedaço de um peixe e de manhã eles iriam se alimentar dele. No dia seguinte os frades encontram tudo como Brandão falou e levaram até o lugar onde estavam instalados, transportando tanto peixe quanto puderam. Quando chegaram, Brandão lhes disse que deveriam ter cuidado com aquele alimento, conservando-o com sal, visto que teriam necessidade dele, “*pues el Señor serenará el tiempo hoy, mañana y pasado, y cesará el ímpeto del mar y de las olas. Mañana marcharéis de este lugar*”¹⁴⁶, afirmou Brandão.

Depois de alguns dias, Brandão e seus frades partem da ilha, levando carne, água, além de verduras e raízes para o consumo de São Brandão, que “*después de que fue ordenado sacerdote no probó nada de carne en la que hubiesse estado el espíritu de la vida*”¹⁴⁷. Dessa forma, tendo preparado tudo, partiram em direção sul, sem saber onde seria sua próxima parada. Depois de um tempo indeterminado eles viram ao longe uma nova ilha, “ilha dos Homens Fortes”. Brandão chama a atenção de seus companheiros, dizendo: “*¿Veis aquella*

¹⁴⁴ Ibidem. p.67.

¹⁴⁵ Ibidem. p.67.

¹⁴⁶ Ibidem. p.67.

¹⁴⁷ Ibidem. p.68.

isla?”. Sim, eles responderam. Brandão explica que os habitantes daquela ilha eram de três grupos de gente: um de crianças, outro de jovens e um terceiro de anciãos. Ele ainda diz que um dos frades iria ficar naquela ilha. Os frades questionaram ao santo abade sobre qual deles iria ficar na ilha, insistindo para que ele falasse. Devido à grande insistência dos frades e vendo Brandão que estavam tristes, ele diz qual dos frades ficaria ali. O frade que ficaria na ilha era um dos três que seguiram a São Brandão desde seu monastério, sobre quem o abade havia feito predições antes da viagem.

Os viajantes se aproximam da mencionada ilha e descem em sua costa. O texto descreve a ilha como uma terra de uma surpreendente largura, ao ponto de que lhes parecia igual ao mar. Na ilha não havia árvores e nem nada que o vento pudesse mover. Além de muito ampla, a ilha era completamente coberta por uma fruta branca e vermelha. Ao se aproximarem, os frades viram os três grupos de gente, tal como São Brandão havia predito a eles. Entre um grupo e outro grupo havia “*la distancia casi del tiro de una pedra con honda*”¹⁴⁸. Os grupos sempre andavam de um sítio a outro, parando em cada sítio e cantando vários Salmos. Assim que um grupo terminava de cantar, o outro começava a cantar e faziam dessa forma sem interrupção. O primeiro grupo (das crianças) estava vestido com vestes branquíssimas, o segundo (dos jovens) com vestes de cor de jacinto e o terceiro grupo (dos anciões) com túnicas púrpuras. Brandão e seus companheiros chegaram ao porto da ilha na hora quarta. Quando chegou a hora sexta (12h), todos os grupos começaram a cantar em uma só voz vários Salmos. Do mesmo modo, cantaram outros Salmos na hora nona (15h) e nas vésperas. Depois disso, sentavam e cantavam os quinze graduais (segundo a nota do texto eram os Salmos 119-133). Quando haviam completado o canto, uma nuvem muito espessa e de um maravilhoso esplendor cobriu a ilha. Por causa disso, os viajantes não conseguiam ver os grupos de gentes, apenas podiam escutá-los cantando ininterruptamente até as matinas. Logo depois, começaram a cantar mais salmos e, quando amanheceu o dia, a nuvem tinha se dissipado. Contudo, os grupos continuavam sua cantoria, marcada mais uma vez pelas horas canônicas. Depois de um dia inteiro cantando, diz o texto que os habitantes da ilha imolaram um cordeiro branco, sem mancha, e todos comungaram, dizendo: “*Tomad para vuestra vida eterna este sagrado cuerpo del Señor y la sangre del Salvador*”¹⁴⁹.

Brandão e seus frades presenciaram toda cantoria dos habitantes da ilha sem interromper suas atividades. Durante um dia inteiro, eles cantaram vários Salmos, numa espécie de celebração que culminou com o sacrifício de um cordeiro branco e sem mácula.

¹⁴⁸ Ibidem. p.68.

¹⁴⁹ Ibidem. p.70.

Quando terminaram o sacrifício, dois do grupo dos jovens levam um cesto cheio de frutas de cor vermelha e colocam no barco de Brandão, dizendo: *“Tomad el fruto de la isla de los hombres fuertes, entregadnos a nuestro Hermano y marchad en paz”*¹⁵⁰. Então, São Brandão fez vir o mencionado frade até ele e lhe disse para ele beijar a todos e ir com aqueles dois jovens, pois ele merece viver naquela comunidade. Depois de beijar a todos, inclusive ao santo abade, o frade ouve as últimas palavras de Brandão a ele: *“Hijo, recuerda cuántos beneficios te ha hecho Dios en esta vida. Ve y ruega por nosotros”*¹⁵¹. Em seguida, o frade segue os dois jovens até seu coro.

O santo abade e seus companheiros seguem seu caminho e continuam navegando. Quando chegou a hora nona (15h), Brandão ordena aos seus frades que reconfortem seus corpos com as frutas daquela ilha. Ao mesmo tempo em que dizia isto, Brandão tomou uma das frutas, ao ver o tamanho da fruta e que estava cheia de suco, ele disse: *“Nunca he visto ni he cogido frutas de este tamaño”*¹⁵². O texto diz que as frutas eram do tamanho de uma bola grande. Brandão espreme a fruta e tira dela *“una libra de jugo, que el santo abad dividió en doce onzas y dio una onza a cada uno”*¹⁵³. Durante doze dias os frades se alimentaram deste modo, cada dia com uma fruta, conservando na boca um sabor de mel.

Passados quatro dias, o santo abade ordenou um jejum de três dias. Depois disso, eles encontram uma ave muito grande que voa na mesma direção do barco. A ave tinha no bico um ramo de uma árvore desconhecido que tinha na ponta um grande cacho de uvas muito madura. Segundo o texto, a ave deixa cair o cacho de uvas no colo de São Brandão, imediatamente ele chama os frades até onde estava, dizendo: *“Ved e tomad el alimento que Dios os envió”*¹⁵⁴. A narrativa diz que aquelas uvas eram como maçãs, ou seja, elas pareciam com maçãs, talvez por seu tamanho. Brandão reparte as uvas, dando uma a cada frade durante doze dias.

Depois disso, Brandão ordena um segundo jejum de três dias. No terceiro dia eles avistam uma ilha não longe deles, ela era toda coberta de árvores muito espessa, elas estavam cheias dos mencionados cachos de uvas, graças a sua fertilidade maravilhosa. Os troncos das árvores estavam sem cultivar, o chão estava repleto dessa fruta de uma só cor. Nesta ilha não havia nenhuma árvore estéril, isto é, que não desse fruto, como também não havia outro tipo de fruta, apenas as uvas gigantes. Os viajantes atracaram o barco no porto da ilha. Apenas São

¹⁵⁰ Ibidem. p.70.

¹⁵¹ Ibidem. p.70.

¹⁵² Ibidem. p.70.

¹⁵³ Ibidem. p.70.

¹⁵⁴ Ibidem. p.71.

Brandão desce do barco e começa a percorrer a ilha, que tinha um aroma igual a uma casa cheia de pêssegos. Até este momento os frades esperam no barco, e logo Brandão retorna até eles. O ar levava até os viajantes um cheiro muito suave, de tal modo que esqueceram o jejum. Em seu reconhecimento da ilha, Brandão encontrou seis mananciais de água, com verduras verdes e raízes de diversos tipos. Ao retornar ao barco Brandão leva as primícias da ilha, e lhes diz: *“Bajad de la nave y levantad la tienda y reconfortaos con las excelentes frutas de esta tierra, que el Señor nos ha puesto delante”*¹⁵⁵. Dessa forma, eles passaram quarenta dias na ilha, comendo das frutas, verduras e raízes que estavam ao redor dos mananciais. Depois dos quarenta dias carregaram o barco com todo mantimento que a embarcação suportava e partiram da ilha.

Entraram no barco com as velas abertas e seguiram sendo guiados pelo vento. Quando já estavam navegando, lhes apareceu uma ave que se chama Grifo. A ave voava desde longe, vindo rapidamente ao encontro dos viajantes. Quando os frades viram o animal, disseram: *“Aquel animal viene a devorarnos”*¹⁵⁶. Brandão acalma seus companheiros, dizendo que não temessem, pois Deus é a ajuda deles, Deus iria defendê-los também daquele perigo. Quando a ave já estava pronta para atacar os viajantes, com as unhas para arrebatá-los, repentinamente surge outra ave, que voa depressa até eles. Esta segunda ave era a ave que tinha trazido o cacho de uvas para os viajantes. Ela luta com a ave Grifo e vence a batalha. A ave Grifo é morta, e seu corpo caiu no mar, junto ao barco de Brandão, bem diante dos frades. Quanto a ave que defende Brandão e seus companheiros, ela regressa ao lugar de onde veio.

Depois de alguns dias, eles vêm a ilha da Comunidade de Ailbeo. Ali celebraram com seus habitantes a Natividade do Senhor, como anteriormente. E após as festas, Brandão, tendo recebido a bênção do abade da comunidade e dos frades do lugar, partiu com seus companheiros e se dedicou a recorrer o oceano durante muito tempo. Segundo o relato, Brandão permaneceu navegando todo tempo, exceto nos dias das festividades mencionadas, na Páscoa e no Natal, onde tinha descanso nos lugares determinados.

Certa vez, quando celebraram no barco a festividade do apóstolo São Pedro, encontraram um mar de água muito clara, tão clara que podiam ver tudo que havia no fundo dele. Quando olharam em suas profundidades, viram diversos tipos de animais que estavam na areia e parecia que podiam tocá-los com suas mãos. Havia também uma espécie de rebanho que estavam sobre gramas. Os viajantes ficaram impressionados com a quantidade desses animais, era tal a quantidade que parecia com uma cidade. Esses animais estavam

¹⁵⁵ Ibidem. p.71.

¹⁵⁶ Ibidem. p.72.

deitados, com a cabeça dobrada para a parte posterior. Ao ver aqueles animais, os frades pediram ao santo abade que celebrasse a sua missa em silêncio, pois temiam que aqueles animais despertassem e perseguissem o barco. Brandão sorriu e disse:

*Me sorprendo mucho de vuestra necedad. ¿Por qué tenéis miedo de esos animales y no lo hábeis tenido del devorador y maestro de todos los animales del mar, sentándoos y cantando salmos muchas veces en su lombo? Más aún, cortaseis madera, Le prendisteis fuego y cocisteis carne. ¿Por qué, pues, vais a temer a éstos? ¿Acaso el Dios de todos los animales no es nuestro Señor Jesucristo, que puede humilhar a todos los animales?.*¹⁵⁷

Havendo dito estas palavras, Brandão começou a cantar mais alto possível. Enquanto aos frades, eles não tiravam os olhos dos animais. Quando os animais ouviram a voz de Brandão, se levantaram e começaram a nadar ao redor do barco, ao tal ponto que os frades não podiam ver mais nada, por causa da grande quantidade de animais de várias espécies. Porém, os animais não se aproximavam do barco, nadavam longe do barco em uma vasta extensão, e assim se mantiveram até que São Brandão terminou sua celebração. Depois disto, os animais nadaram para diversas partes do oceano, se afastando do barco dos viajantes, como se estivessem fugindo. Brandão e seus frades navegaram no mar abertamente durante oito dias, com as velas abertas e com o vento favorável.

Um dia, quando celebraram uma missa, apareceu a nossos viajantes no meio do mar uma coluna, ela parecia não estar distante deles. Porém, só depois de três dias alcançaram a coluna. Quando Brandão chegou perto dela, quis ver sua parte mais alta, mas não pode por causa de sua grande altura, pois era mais alta que o céu. Quando eles chegaram perto da coluna, ela foi coberta por uma estranha cobertura, uma espécie de véu, tão raro que o barco podia transitar pelos seus orifícios. A cobertura tinha a cor da prata e com um aspecto endurecido, parecendo ser mais duro que o mármore. A coluna era de um cristal muito transparente. São Brandão ordenou aos frades que guardassem no barco o mastro, as velas e “*que los demás mantengan mientras las trabas de la colgadura*”¹⁵⁸. A extensão dessa cobertura era grande, estendendo-se por todas as direções da coluna. Brandão pediu aos seus companheiros que passassem o barco por um dos orifícios, para que pudessem ver as grandezas do Criador. Assim, entraram na coluna de cristal, percorrendo por todas as partes. Apareceu diante seus olhos um mar transparente, de tal modo que podiam ver tudo que estava em baixo. Dessa forma, os viajantes puderam contemplar a base da coluna, percebendo que a profundidade da cobertura, que era similar a altura de fora. A luz do sol dentro da coluna era

¹⁵⁷ Ibidem. p.73.

¹⁵⁸ Ibidem. p.74.

tão clara quanto fora. Então, Brandão mediu o tamanho dos orifícios que havia nos quatro lados da coluna, e concluiu que cada lado tinha quatro côvados¹⁵⁹ por cada parte. Dessa forma, estiveram navegando todo o dia até a hora nona (15h) por um dos lados da coluna, que os protegia do calor do sol com sua sombra. Brandão andava medindo sempre um lado da coluna, que tinha 1.400 côvados nos quatro lados. Durante quatro dias estiveram navegando entre as quatro esquinas desta torre.

No quarto dia eles encontraram um cálice da classe da cobertura e também uma patena¹⁶⁰ da mesma cor da coluna, que estavam no lado sul da coluna em uma janela. São Brandão pegou estes objetos sagrados, dizendo que o Senhor Jesus Cristo colocara diante deles àquele milagre, para que mostrem a muitos e assim creiam em Brandão. O santo abade ordena aos frades que cumpram o dever divino e depois reconfortassem seus corpos com alimentos, pois, depois que tinham visto aquela coluna, eles não deveriam temer mal nenhum. Passada aquela noite, os frades começaram a navegar em direção norte. Depois de passar pelo orifício de coluna, levantaram o mastro e as velas do barco. Então, começou a soprar um vento favorável, ao ponto que não precisavam remar, apenas segurar os cabos e o leme. Deste modo, o barco foi levado pelo vento por oito dias na direção norte.

Transcorridos oito dias, avistaram uma ilha não longe deles. A ilha era muito agreste, rochosa e cheia de escória¹⁶¹, sem árvores e sem nenhuma vegetação, cheia de fábrica de artesãos. Ao ver a ilha, o santo abade disse aos frades: “*Verdaderamente, hermanos, me angustia esta isla, porque no quiero entrar en ella, y ni siquiera acercarme a ella, pero el viento nos arrastra hacia allí directamente*”¹⁶². Mesmo assim, os viajantes são conduzidos pelo vento para perto da ilha. Quando passavam na frente da ilha, a uma pequena distância, ouviram os sons de foles que sopravam como trovões, e também os golpes dos martelos contra o ferro e as bigornas. Quando Brandão ouviu esses sons, se armou com o “*trofeo del Señor en cuatro partes*”(sinal da cruz) e disse: “*! Señor Jesucristo, líbranos de esta isla!*”¹⁶³. Depois que Brandão acaba de dizer estas palavras, um dos habitantes da ilha saiu da fábrica, para realizar algum trabalho. O aspecto do habitante desta ilha era tão amedrontador quanto da própria ilha. Ele era peludo, da cor do fogo e tenebroso. Este quanto viu que Brandão e seus frades passavam junto à ilha, voltou à sua fábrica. Vendo isso, Brandão faz

¹⁵⁹ Medida de comprimento usada por vários povos antigos entre eles os babilônios, egípcios e hebreus.

¹⁶⁰ Recipiente sagrado onde o sacerdote cristão coloca o pão (hóstia) que ele, durante as celebrações, toma e parte.

¹⁶¹ Matéria vulcânica áspera e leve que se assemelha ao resíduo sólido proveniente da combustão de certas matérias como a hulha.

¹⁶² Ibidem. p.75.

¹⁶³ Ibidem. p.75.

mais uma vez o sinal da cruz e ordena aos frades que levantem mais alto as velas e remem sem parar, a fim de que fugissem daquele lugar.

Não bem havia dito estas palavras, quando o homem correu até ao encontro dos viajantes, na costa da ilha. Ele levava em suas mãos uma espécie de alicate com uma “*masa ígnea de escoria*” de grande tamanho e fervendo. O homem lança esta “bola” fervente nos viajantes, mas não conseguiu atingi-los. A massa incandescente cai além do barco, e ao cair no mar começou a ferver como se houvesse produzido ali o derrubamento de uma montanha de fogo. Porém, quando Brandão havia avançado aproximadamente a distância de uma milha mais além de onde a massa incandescente tinha caído, todos os habitantes da ilha correram até a costa, levando cada um uma “bola”. Eles lançaram as “bolas” nos viajantes, e em seguida retornavam para pegar mais “bolas” em suas fábricas. Contudo, não conseguiam atingir o barco de Brandão e seus companheiros, que conseguiram escapar incólumes deste ataque. O número dessas massas incandescentes era tão grande, que toda a ilha ardia igual a um forno e o mar fervia como um caldeirão cheio de carne quando está no fogo.

Durante todo o dia os viajantes escutaram enormes gritos de lamento vindos da ilha. Inclusive quando não podiam ver mais a ilha ainda se podia ouvir os gritos de lamento de seus habitantes, além de sentirem um enorme fedor. Então, Brandão disse aos frades: “*!Oh, soldados de Cristo, fortaleceos en la verdadera fe y en las armas espirituais, porque estamos en los limites del Infierno. Por lo tanto, vigilad y comportaos como hombres!*”¹⁶⁴.

No dia seguinte ao ataque, Brandão e seus companheiros se deparam com uma montanha elevada sobre o oceano. Ela estava coberta de tênues névoas e sua parte mais alta estava muito fumegante. Nesse mesmo instante, o vento arrastou com muita velocidade o barco até a costa da ilha, parando o barco não muito longe da terra. A costa da ilha era muito alta, de tal modo que com dificuldade se podia ver sua parte mais alta. Ela tinha uma espécie de muralha da cor de carvão, muito íngreme. O último daqueles frades que haviam seguido Brandão de seu monastério saiu do barco e começou a andar até a costa da ilha. Depois disso, ele começou a gritar dizendo: “*! Ay de mí, abad; me he escapado de vosotros y ahora no tengo posibilidad de poder regresar hasta donde estáis!*”¹⁶⁵. Ao verem a situação e o desespero do frade, os outros frades tentavam retroceder o barco e clamavam ao Senhor, dizendo: “*Apiádate de nosotros, Señor; apiádate de nuestro*”. Porém, todos apenas contemplavam como aquele infeliz era conduzido aos tormentos por uma multidão de demônios. Neste momento, Brandão diz ao mencionado frade: “*!Ay de ti, hijo, porque*

¹⁶⁴ Ibidem. p.76.

¹⁶⁵ Ibidem. p.76.

recibiste en tu vida tal final de tus merecimientos!"¹⁶⁶. Novamente aparece um vento forte, que leva o barco para sul, afastando os viajantes daquele lugar. Mas, quando eles olharam atrás deles contemplaram aquela ilha à distância, viram que a montanha estava sem fumaça, jorrando chamas no ar e atraindo-os para ilha, de tal modo que toda a montanha até o mar tinha aparência de uma pira.

Depois de navegarem por sete dias em direção sul, lhes apareceu longe deles uma estátua como se fora um homem sentado sobre uma pedra, e um véu diante dela com a extensão de uma capa. Este véu estava pendurado em dois ferros e era agitado pelas ondas do mar, assim como um barco é agitado por um redemoinho. Os frades discutiam entre si, pois alguns frades pensavam que era um pássaro, enquanto outros diziam que era uma embarcação. Quando Brandão viu que estavam discutindo advertiu-os, ordenando que eles dirigissem o barco até aquele lugar. Quando o santo abade se aproximou daquele lugar, as ondas pararam de mover-se e permaneceram imóveis, como se estivessem coaguladas. Assim, descobriram que se tratava de um homem rude e disforme sentado em uma pedra. Ondas de todas as partes batiam neste homem, golpeando-o até a sua cabeça. Com o refluxo das ondas, a pedra, em que estava sentado o infeliz, parecia estar desnuda. Além do ataque constante das ondas, este homem algumas vezes era atingido pelo véu nos olhos e no rosto, por causa da direção do vento.

Ao ver aquele homem, Brandão começou a lhe perguntar: quem era ele, qual o delito que o levara àquela situação ou que merecimento havia feito para ter tal penitência. E o homem responde ao santo abade que era Judas, o mais desgraçado e pior comerciante. Disse que não tinha aquele lugar por méritos próprios, mas pela inefável misericórdia de Jesus Cristo. Segundo o homem, aquele lugar não era atribuído a ele para cumprir sua pena, porém pela benevolência de Jesus, como um regalo de sua ressurreição. No meio da fala de Judas, a narrativa dá uma pequena pausa para afirmar que aquele dia era domingo, o que corrobora as palavras do homem. Judas continua dizendo que não permanecia ali por todo tempo, mas que ardia de dia e de noite na montanha que nossos viajantes tinham visto anteriormente. Naquela montanha morava Leviatã com seus seguidores. Ali ele estava quando os viajantes passaram por ela, quando um dos frades foi tragado, e foi por isso que o inferno estava contente e lançava grandes chamas, pois era assim que fazia sempre que devorava as almas dos ímpios. Judas ainda fala que tinha seu alívio ali todos os domingos de vésperas a vésperas, na Natividade do Senhor até a Epifania, desde a Páscoa ao Pentecostes, e na Purificação e

¹⁶⁶ Ibidem. p.76.

Assunção da mãe de Deus. Depois e antes desses dias, sofria tormentos no profundo do inferno, junto com Herodes, Pilatos, Anás e Caifás (juntamente com Judas, estes personagens estão intimamente ligados com a crucificação e morte de Jesus). Ao sentar ali, disse ele, era como estivesse no Paraíso das delícias, por causa do temor que tinha dos tormentos que padecia.

Ditas estas coisas, Judas suplica aos viajantes que intercedam ao Senhor Jesus por ele, para que possa ter a possibilidade de ficar ali até a saída do sol de manhã, a fim de que os demônios não o atormentem por causa da chegada deles, e não o levem para a desgraçada fazenda que tinha comprado a um preço mau. São Brandão lhe diz que ele não seria mordido pelos demônios até a manhã. Brandão ainda questiona a Judas sobre o significado daquele véu. Ao que ele disse que este pano ele tinha dado a um leproso quando ele foi camareiro do Senhor. Porém, o pano não era dele, senão do Senhor e de seus irmãos. Por isso, o pano não lhe dá alívio, senão mais tormento. Enquanto as travas de ferro que suspendem o véu, foram dadas por Judas aos sacerdotes do templo para suspender os caldeirões. A pedra em que estava sentado tinha sido colocada por ele em um buraco na rua, embaixo dos pés dos transeuntes, antes dele ser discípulo do Senhor.

Depois do breve diálogo entre Judas e Brandão, o texto diz que *“quando la hora vespertina había extendido sobre Tetis, he aqui que una incontable cantidad de demonios cubrió la faz de Tetis formando un círculo”*¹⁶⁷. Estes demônios disseram a Brandão: *“retírate, hombre de Dios, de nosotros, porque no podemos acercarnos a nuestro colega hasta que no te separes de El, y no nos atrevemos a ver la cara de nuestro príncipe hasta que no le devolvamos a su amigo. Tú nos quitaste nuestro bocado. No defiendas a este esta noche”*¹⁶⁸. Estes demônios tinham o objetivo de levar Judas de volta para a montanha onde morava. Contudo, como vimos, a presença do santo abade impedia que os demônios pudessem fazer qualquer coisa com Judas. Os demônios solicitam, dessa forma, que o abade deixe Judas e que não o defenda, pois não poderiam retornar ao seu príncipe, Leviatã, sem o levar. São Brandão diz aos demônios que não defendia Judas, mas que o Senhor Jesus Cristo lhe concedia que ficasse ali naquela noite até amanhã de manhã. Os demônios perguntam ao abade: *“¿Cómo invocas el nombre del Señor delante de él, cuando él mismo es el que lo entrego?”*. Brandão não se intimida com as palavras dos demônios, ele ordena em nome do Senhor Jesus Cristo, que eles e seu príncipe que não atormenteis a Judas mais que antes. Os demônios por sua vez não se apavoram, continuam com sua investida e perguntam à Brandão: *“¿Acaso tu eres el*

¹⁶⁷ Ibidem. p.78.

¹⁶⁸ Ibidem. p.78.

señor de todo para que prestemos obediencia a tus palabras?”. “Soy su siervo”, responde Brandão, “y cualquier cosa la ordeno en su nombre, pues tengo poder sobre las cosas que Él me concedió?”. Dito destas coisas, no dia seguinte Brandão e seus frades seguiram sua viagem até que não puderam mais ver a Judas. Os demônios também retornaram ao seu lugar com grande ímpeto e gritando muito alto, levando com eles Judas.

Brandão e seus companheiros continuam sua viagem, navegando para o sul e glorificando a Deus em tudo. Depois de três dias, eles avistam ao longe uma pequena ilha ao sul. No mesmo momento, os frades começaram a remar com mais energia, aproximando-se da ilha. Ao ver isso, Brandão diz aos frades:

Varones! Hermanos! No fatiguéis vuestros cuerpos inmoderadamente! Pues tenéis bastante trabajo. En esta Pascua que va llegar pronto se cumplen siete años desde que partimos de nuestra tierra. Ahora vais a ver A Pablo, el eremita espiritual que ha vivido sesenta años en esta isla sin ningún alimento corporal. Treinta años antes tomo alimento de un animal¹⁶⁹.

Ao se aproximarem da costa da ilha, não conseguiram encontrar nenhuma entrada, pois a ilha tinha falésias de enorme altura. O texto descreve a ilha como pequena e muito redonda. Na parte superior da ilha não tinha terra, mas uma pedra nua em forma de rocha. A ilha tinha mais de largura e comprimento, do que de altura. Os viajantes rodearam a ilha procurando um lugar para descer, e encontraram um porto muito estreito. O acesso do porto para a ilha era muito difícil, porém eles conseguem atracar o barco. Entretanto, Brandão adverte aos frades que não poderiam descer sem a permissão do varão de Deus que morava ali. Apenas quem poderia subir era São Brandão, enquanto os frades deveriam esperar ali até que este retorne. Ao chegar à parte mais alta da ilha, Brandão viu duas cavernas, de frente uma para outra, na parte oriental da ilha. Também viu um manancial muito pequeno e redondo, que brotava diante da porta de onde morava o soldado de Cristo, quando o manancial brotava a pedra absorvia toda a água. Neste instante em que Brandão se aproximava da entrada de uma das cavernas, o ancião saiu da outra ao seu encontro, dizendo: “*Ved cuán bueno y agradable es convivir juntos los hermanos*”. Depois disso, ordenou a Brandão que mandasse vir os frades que estavam no barco. Quando todos estavam juntos, o ancião beijou a todos e chamou cada um pelo nome. Quando todos os frades o ouviram, se surpreenderam com sua profecia e também com suas vestes, pois seu corpo estava completamente coberto por seus cabelos, a barba e os demais pelos iam até os pés. Além disso, seus cabelos eram brancos como a neve, devido à sua idade avançada. Eles só podiam

¹⁶⁹ Ibidem. p.79.

ver seu rosto e seus olhos, o resto estava coberto por seus cabelos. O ancião não tinha nenhuma outra indumentária. Ao ver isto, Brandão se entristeceu e disse: “*!Ay de mi, que llevo el hábito monacal y bajo mi autoridad se han puesto muchos con el nombre de aquella orden, cuando veo en estado angelical a un hombre aposentado todavía en la carne, intacto de los vicios del cuerpo!*”¹⁷⁰. O ancião responde a Brandão, dizendo:

*!Oh, venerable abad! ! Cuantos milagros en número y calidad te ha mostrado Dios, que no manifestó a ninguno de los santos padres! Y tu dices en tu corazón que no eres digno de llevar el hábito monacal, cuando eres mayor que un monje. El monje hace uso del trabajo de sus manos y se viste. En cambio, a ti y a tu comunidad os ha alimentado Dios con sus secretos durante siete años y os ha vestido. Yo, desgraciado, me siento en esta piedra como un ave, desnudo, si expectuamos mis cabellos.*¹⁷¹

Brandão, então, pergunta ao ancião sobre sua chegada àquela ilha, de onde era e quanto tempo havia vivido ali daquela maneira. O ancião respondeu que tinha sido oblato¹⁷² no monastério de São Patrício durante cinquenta anos, trabalhando como coveiro do cemitério dos frades. Segundo o ancião, um dia quando seu decano lhe mostrara um lugar para uma sepultura, onde seria sepultado um determinado defunto, lhe apareceu um ancião desconhecido, que lhe disse: “*no caves ahí la fosa, porque es el sepulcro de otro*”¹⁷³. Ele, então, perguntou ao ancião quem ele era. E este lhe respondeu: “*¿Cómo no me conoces? ¿Acaso no soy tu abad?*”. “*San Patricio es mi abad*”¹⁷⁴, disse ele ao ancião. Este, por sua vez, lhe disse: “*Soy yo, pues ayer salí de este mundo, y ése es, en efecto, el lugar de mi sepultura. Aquí haras la fosa de nuestro hermano, pero no le digas a nadie que yo te he dicho esto. Mañana irás a la orilla del mar y encontrarás allí una pequeña embarcación, subirás en ella y te conducirá a un lugar donde esperarás el día de tu muerte*”¹⁷⁵. Dessa forma, no dia seguinte ele foi até a costa, conforme a predição de São Patrício, e ele encontrou o barco. Depois que ele embarcou na pequena embarcação, ele remou por três dias e três noites, transcorridos estes ele deixou o barco à deriva, levado onde o vento quisera empurrar-lo. No sétimo dia ele encontrou com uma pedra e nela subiu, soltando a embarcação no mar, para que “*regrasse al lugar de donde había venido*”, disse ele.

Dessa maneira o ancião chegou àquele lugar, dentro de pequeno barco conduzido pelo vento. Segundo ele, depois de ver sua embarcação regressar sozinha e com muita velocidade

¹⁷⁰ Ibidem. p.80.

¹⁷¹ Ibidem. p.80.

¹⁷² Leigo que se oferecia para serviço de uma ordem religiosa.

¹⁷³ Ibidem. p.80.

¹⁷⁴ Ibidem. p.80.

¹⁷⁵ Ibidem. p.80.

através do mar, ele permaneceu ali naquela pedra sozinho. Ele não diz que horas teria chegado, mas, segundo ele, por volta da hora nona (15h) uma lontra lhe trouxe comida, era um peixe que trouxe em sua boca. Além do peixe, a lontra também lhe trouxe em suas patas dianteiras um punhado de lenha para fazer fogo, caminhando exclusivamente com suas patas traseiras. Depois de trazer o peixe e a lenha seca, voltou ao lugar de onde veio. Ele conta como preparou seu alimento com aquele peixe, ele pegou um ferro, golpeou com uma pedra e colocou fogo na lenha. Assim, de três em três dias, durante trinta anos, a lontra trouxe um peixe, que dava para alimentá-lo por três dias. Ele dividia o peixe em três partes e cada dia ele comia uma parte do peixe, contudo não sentia sede. Mesmo assim, aos domingos brotava um pouco de água na pedra, que ele pegava para beber e encher uma vasilha para lavar suas mãos. Ao final dos trinta anos, ele encontrou as três cavernas e o manancial, de onde retira água, seu único e exclusivo alimento há sessenta anos. Assim, ele já estava noventa anos naquela ilha, trinta anos alimentando-se exclusivamente de peixe e sessenta anos ingerindo apenas água. O ancião tinha cento e quarenta anos de idade, cinquenta vividos em sua terra, servindo no monastério, e noventa anos naquela ilha, onde esperava “*ahora en esta carne el día del Juico*”, assim como lhe foi predito por São Patrício.

Ao terminar de contar sua história, o ancião disse aos viajantes que deveriam partir e levar com eles vasilhas cheias com água do manancial, pois ela seria necessária durante os quarenta dias de viagem que eles tinham até o sábado da Páscoa. O ancião também falou com eles que deveriam celebrar o sábado santo, a Páscoa e os dias santos da Páscoa nos lugares determinados, onde haviam celebrado durante os seis anos anteriores. Depois disso, após receberam a bênção do homem que era seu intendente, marchariam até a terra prometida aos santos, onde permaneceriam durante quarenta dias. Passados estes dias, disse o ancião, “*Dios de vuestro padres os conducirá sanos y salvos hasta vuestra tierra natal*”¹⁷⁶.

Assim, Brandão e seus companheiros, após receberem a bênção, partem da ilha onde morava o ancião. Navegando em direção ao sul durante todo o tempo da quaresma, o texto diz que durante este tempo o barco era levado de lá para cá, dando a entender que estes estavam sem roteiro, levados de um canto a outro do oceano. Durante este tempo, eles se alimentavam de três em três dias com a água que tinham trazido da ilha do ancião, que era seu único alimento. Mesmo assim, permaneceram alegres, sem sentir fome e nem sede.

Depois de navegarem sem parada por quarenta dias, nossos viajantes chegam à ilha do seu provedor, a ilha das ovelhas, no sábado santo. Quando chegaram ao porto, o mencionado

¹⁷⁶ Ibidem. p.81.

provedor foi ao encontro deles com grande alegria, ajudando-os a saírem do barco. Terminado o ofício divino do dia santo, ele os serviu a ceia. Pela tarde todos subiram ao barco, inclusive o provedor, e partiram para cumprir o percurso pela última vez.

Quando estavam navegando, encontraram o jascônio no lugar de sempre, e nele cantaram louvores a Deus durante toda noite, celebrando missas de manhã. Terminada a missa, o jascônio começou seguir o barco em que estavam, e os frades gritavam ao Senhor, dizendo: “*Escúchano Dios, nuestra salvación, esperanza de todos los confines de la Tierra y do lo que está lejos en el mar*”¹⁷⁷. Ouvindo isso, São Brandão os reconfortou dizendo: “*!No tengáis miedo! Pues ningún mal os acontecerá, sino que será la ayuna para nuestro camino*”¹⁷⁸. O animal foi reto até a costa da ilha das aves, onde permaneceu até a oitava de pentecostes. Passadas todas as festividades, o provedor, que estava com eles, disse a São Brandão: “*Llenad los odres de esa fuente y subid a la nacevilla. Esta vez seré vuestro compañero de camino y vuestro guía, Sin mi no podréis encontrar la tierra prometida a los santos*”¹⁷⁹. Dito isto, subiram no barco, e todas as aves que estavam na ilha entoaram em uma só vez: “*Que el Dios de nuestra salvación alivie nuestro camino*”.

Em seguida, retornaram para a ilha do provedor, e ali permaneceram durante quarenta dias. A narrativa não diz o que eles fizeram neste período. Passados os quarenta dias, partiram e navegaram por mais quarenta dias, sendo dirigidos pelo mencionado provedor. Passados os quarenta dias de viagem, os cobriu uma grande neblina ao cair da tarde. A neblina era tal intensa que só conseguiam ver um ao outro. Neste momento, o provedor disse a São Brandão: “*¿Sabéis qué es esta calina?*”. Brandão o respondeu com outra pergunta: “*¿Qué es?*”. Demonstrando claramente que desconhecia o que via. Então, o provedor lhe disse: “*Esta calina rodea la isla que lleváis buscado siete años*”¹⁸⁰.

Depois de uma hora envoltos por uma neblina intensa, brilha uma luz deslumbrante ao redor do deles e o barco parou na costa. Embaixo do barco, viram uma terra ampla, coberta de plantas e cheia de árvores frutíferas como no outono. Os viajantes estiveram percorrendo aquela terra, mas não se fez noite. Eles colheram muitas frutas, tantas como queriam, e bebiam dos mananciais. Dessa forma, estiveram contemplando toda a terra por quarenta dias, porém não encontraram seu fim. Um dia se depararam com um rio enorme que corria no meio da ilha. Então, Brandão disse aos frades: “*Este río no podemos atravesarlo e ignoramos el tamaño de su tierra*”. Quando estavam conversando entre si, comentando estas coisas, surgiu

¹⁷⁷ Ibidem. p.82.

¹⁷⁸ Ibidem. p.82.

¹⁷⁹ Ibidem. p.82.

¹⁸⁰ Ibidem. p.83.

ao encontro deles um jovem que beijou a todos com muita alegria, chamando cada um pelo nome e saudando a todos. Em seguida, o jovem dirige-se a Brandão e lhe diz:

*He aquí la tierra que has estado buscando durante mucho tiempo. No pudiste encontrarla en seguida por esto, porque Dios quiso mostrarte distintos arcanos suyos en el inmenso océano. Regresa a tu tierra natal, llevando contigo tantos frutos de esta tierra y piedras preciosas cuantos puedan caber en tu nave, pues ya se aproximan los días de tu peregrinaje para que duermas con tus padres. Tras correr mucho tiempos, esta tierra será asignada a vuestros sucesores, cuando pase la persecución de los cristianos. Este río que estáis vendo divide esta isla. Tal como ahora se os presenta con frutos madura, así permanece siempre sin ninguna sombra de la noche, pues su luz es Cristo .*¹⁸¹

Estas palavras do jovem marcam os últimos momentos da viagem. Depois das palavras do jovem mensageiro, os viajantes colheram de todas as frutas e também de toda classe de pedras preciosas, despedindo-se do jovem e do provedor partiram de volta para seu mosteiro. Assim, Brandão e os frades subiram no barco e começaram a remar através da neblina. Quando passaram pela neblina chegaram a uma ilha que se chamava “das delícias”, onde estiveram por três dias. Ao final desses dias, Brandão “*regresó directamente a su lugar de origen*”¹⁸².

Chegando à sua terra, Brandão foi recebido com muita alegria pelos frades, que glorificavam a Deus por não ter privado-lhes de verem mais uma vez seu abade, “*por cuya ausencia estuvieron huérfanos durante tanto tiempo*”. Então, Brandão lhes contou “*todo lo que recordaba que le había sucedido en el camino y cuantos milagros el Señor se digno presentarle*”¹⁸³. A partir desse momento, o texto relata em poucas palavras as últimas ações de Brandão. Segundo o texto, após regressar e preparar tudo para seus sucessores, Brandão, “*confortado con los auxilios espirituales, emigro estando en manos de sus discípulos hacia el Señor, a quien se debe el horror y la gloria por los siglos de los siglos. Amén*”¹⁸⁴.

¹⁸¹ Ibidem. p.83.

¹⁸² Ibidem. p.83.

¹⁸³ Ibidem. p.84.

¹⁸⁴ Ibidem. p.84.

3. A NOÇÃO DO PARAÍSO

Não se pode compreender a narrativa da “Navegação de São Brandão”, sua importância e seu sentido para sociedade medieval, sem se entender precisamente que lugar ele buscava, ou seja, qual era esse Paraíso de Brandão. Não seria possível, portanto, analisar a narrativa de Brandão sem fazer, mesmo que de maneira sintética, uma reflexão sobre o tema do Paraíso. Para tanto, nossa análise será acompanhada de perto pelas reflexões do grande historiador francês Jean Delumeau em duas de suas obras: “História do Paraíso: o jardim das delícias” e “O que sobrou do Paraíso?”.

Sabemos perfeitamente a importância que teve a crença no Paraíso na Idade Média. Ela alcançou uma dimensão muito grande da sociedade, fazendo parte do cotidiano e ocupando uma posição importante da vida dos homens e mulheres. Todavia, a história desse lugar de felicidades é mais antiga e variada. Há muito tempo, afirma Delumeau, “numerosas civilizações acreditaram num Paraíso primordial onde havia reinado a perfeição, a liberdade, a abundância, a ausência de coação, de tensões e de conflitos”¹⁸⁵. Desse modo, o tema do lugar de felicidades apresenta, ao longo dos séculos, várias interpretações e diferentes leituras. Contudo, no contexto da sociedade cristã medieval, este lugar de felicidades denominado de Paraíso, constituiu-se senão no maior, pelo menos em um dos seus maiores anseios. Este Paraíso cristão foi ao longo dos tempos modificado e enriquecido com as mais diversas fontes, ganhado posteriormente dois epítetos: Paraíso terrestre, o jardim do Éden, e o Paraíso celeste, o reino dos céus.

Segundo Delumeau, “durante os primeiros séculos da Igreja, esteve-se convencido de que ‘Paraíso’ não era já o ‘reino dos céus’”¹⁸⁶. Durante muito tempo, o nome Paraíso designou apenas o Paraíso terrestre. Delumeau afirma que “na maior parte dos autores da época patrística – até o século VI ou mesmo VIII da nossa era – a palavra ‘Paraíso’ sem outro epíteto designa essencialmente o jardim das delícias, onde viveram por breve instante Adão e Eva”¹⁸⁷. Dessa forma, assim como o Judaísmo, o Cristianismo defende, com poucas exceções, o caráter histórico do Jardim do Éden descrito na narrativa do Gênesis (2: 8-17). O relato bíblico começa dizendo que: “Iahweh Deus plantou um jardim em Éden, no oriente, e aí colocou o homem que modelara”. O texto prossegue descrevendo resumidamente a criação desse jardim, falando de sua vegetação abundante e atraente (dentre esta a árvore da vida e a

¹⁸⁵ DELUMEAU, Jean. Uma História do Paraíso: o jardim das delícias. Lisboa: Terramar, 1992, pp. 12.

¹⁸⁶ DELUMEAU, Jean. O que sobrou do paraíso? São Paulo: Companhia das Letras, 2003, pp. 199.

¹⁸⁷ DELUMEAU, Jean. Uma História do Paraíso: o jardim das delícias. Lisboa: Terramar, 1992, pp. 09.

árvore do conhecimento do bem e do mal), e também de um rio que cortava o jardim e se repartia em quatro outros rios (Píson, Guíon, Tigre e Eufrates). Ainda segundo o texto, Deus decidiu instalar o homem neste belo jardim para que ele cultivasse o solo e também o guardasse. Depois de instalado, Deus deu uma única ordem a Adão: “Podes comer de todas as árvores do Jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás que morrer”. A continuação do segundo capítulo do livro de Gênesis relata, ainda, a criação de Eva e a constituição do primeiro casal.

O relato do Gênesis (2: 8-17) apresenta a base fundamental em que se desenvolveu o tema do Paraíso na tradição judaico-cristã. Essa evocação paradisíaca proposta pelo Gênesis foi, ao longo dos séculos, confirmada, precisada e também enriquecida por outros textos bíblicos que utilizaram a imagem de um jardim fértil, maravilhosamente irrigado, onde havia harmonia e felicidade suprema. Dentre estes textos, destacam-se versos do livro de Isaías e de Ezequiel. Em Isaías (51:3) o profeta fala que Deus “transformará o seu deserto em um Éden e as suas estepes em um jardim de Iahweh. Nela se encontrarão gozo e alegria, cânticos de ações de graças e som de música”. Já em Ezequiel (47:12), encontramos a seguinte descrição: “junto à torrente, em sua margem, de um lado e do outro, encontrar-se-á toda sorte de árvores de frutos comestíveis, cujas folhas não murcharão e cujos frutos não se esgotarão: produzirão novos frutos de mês em mês, porque a sua água provém do santuário, pelo que os seus frutos servirão de alimento e as suas folhas de remédio”. Delumeau demonstra como a imagem do jardim do Éden, o jardim sagrado da Bíblia, foi enriquecida através desses e outros textos bíblicos.

Outro importante foco de influência foi através do contato com outras tradições, especialmente a tradição greco-romana. Delumeau afirma que “nas mentalidades de outrora um elo quase estrutural unia felicidade e jardim: o que ressalta, neste domínio, das tradições greco-romanas com as quais se fundiram, pelo menos parcialmente, a partir da era cristã, as evocações bíblicas do pomar do Éden”¹⁸⁸. Delumeau destaca três grandes temas greco-romanos que favoreceram esta evocação de uma terra ditosa: o da idade de ouro, dos Campos Elíseos e das Ilhas Afortunadas. Em todos os três, encontramos a mesma ideia de um tempo de felicidade, um período de alegria e paz, onde existia uma natureza deslumbrante e fértil e onde os homens não tinham preocupações de nenhuma espécie. Para Delumeau, “no decurso da antiguidade greco-romana, o tema do jardim esteve pois muito naturalmente ligado aos da idade de ouro e das Ilhas Afortunadas. Enriqueceram-se reciprocamente, contribuindo assim

¹⁸⁸ DELUMEAU, Jean. Uma História do Paraíso: o jardim das delícias. Lisboa: Terramar, 1992, pp. 13.

para reforçar o imaginário paradisíaco e a descrição do Paraíso terrestre como uma ‘paisagem ideal’ e um *locus amoenus*”¹⁸⁹.

Dessa forma, o jardim do Éden do Gênesis, morada de Adão e Eva, tornou-se o Paraíso terrestre, um lugar abençoado, feito por Deus e repleto das mais diversas maravilhas. Contudo, como vimos acima, a narrativa bíblica do Gênesis diz que após instalar o homem no jardim, Deus o proíbe de comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Essa história é bastante conhecida: Adão, juntamente com Eva, come do fruto, cedendo à tentação da serpente e transgredindo a ordem divina. Como consequência desse ato, diz o texto, “abriram-se os olhos dos dois e perceberam que estavam nus”. A partir desse momento, a história do primeiro casal muda drasticamente. Segundo o texto bíblico, além de serem expulsos do jardim, Adão e Eva recebem de Deus um juízo: conheceriam o sofrimento e a morte. Disse Deus à mulher: “multiplicarei as dores de tuas gravidezes, na dor darás á luz filhos. Teu desejo te impelirá ao teu marido, e ele te dominará”. Por sua vez, ao homem Deus disse: “porque escutasse a voz de tua mulher e comeste da árvore que eu te proibira comer, maldito é o solo por causa de ti! Com sofrimento dele te nutrirás todos os dias de tua vida”. Assim, inicia-se outra história na vida desse casal, que a partir desse momento em diante estavam definitivamente fora do Paraíso e de tudo que ele oferecia.

Este relato do pecado de Adão e Eva é muito importante para a tradição cristã. Na medida em que a falta do primeiro casal acarretou consequências para toda humanidade, que juntamente com eles, estavam irremediavelmente privados da presença gloriosa de Deus, da perfeição da vida no jardim e da perspectiva de uma vida infindável. Assim, com a expulsão do primeiro casal, o Paraíso tornara-se fechado, perdido em algum lugar.

Por isso, durante muito tempo, judeus e cristãos acreditaram fortemente que o Paraíso terrestre tinha realmente existido. Esse tipo de crença acarretou no que Delumeau chama de “profunda nostalgia na consciência coletiva”, ou seja, uma profunda tristeza causada pela saudade de alguma coisa ou de algo. Neste caso, a nostalgia coletiva era a do Paraíso perdido, o jardim sagrado. E é este sentimento de nostalgia que explica o desejo profundo de reencontrá-lo.

¹⁸⁹ DELUMEAU, Jean. Uma História do Paraíso: o jardim das delícias. Lisboa: Terramar, 1992, pp. 17.

3.1 O Paraíso Reencontrado

Delumeau assinala a existência de uma concepção global que perdurou durante vários séculos: a crença de que o Paraíso terrestre teria existido e que continuava a subsistir como algum lugar de espera dos justos, antes da ressurreição e do julgamento final. Dentro dessa concepção geral, Delumeau mostra ainda duas posições diferentes sobre a localização desse Paraíso:

Para uns, o paraíso encontrava-se num lugar recuado da terra e conservado no seu estado primeiro, mas tornado inacessível, a não ser a viajantes munidos de um passaporte excepcional e de um guia angélico. Para outros, tinha sido retirado do solo depois do primeiro pecado e transportado para o céu, mais precisamente para o ‘terceiro céu’, aquele para onde foi arrebatado S. Paulo, que há que não confundir com o ‘sétimo céu’ da felicidade eterna e da visão beatífica¹⁹⁰.

Delumeau mostra como essa transformação do Paraíso terrestre em residência dos justos é passada para a escatologia cristã pela tradição hebraica, que “manteve durante muito tempo a crença num Paraíso intermediário onde as almas dos eleitos esperam a ressurreição e a entrada nos céus”¹⁹¹. Através da análise de vários livros, especialmente da literatura apócrifa judaico-cristã, Delumeau defende a existência de elos entre os livros judaicos, como o “Primeiro Livro de Henoch” e o “Quarto Livro de Esdras”, com livros cristãos, dentre eles o Apocalipse de Pedro e de Paulo. Dessa forma, o Paraíso bíblico perdido é reencontrado, surgindo como um lugar intermediário de felicidade, uma morada provisória onde os justos aguardam a entrada definitiva no reino dos céus, que acontecerá após o Juízo final.

Porém, é preciso lembrar que este Paraíso não estava apenas perdido. Com a expulsão de Adão e Eva, o acesso a ele tinha sido fechado. Como agora ele poderia ser novamente habitado? Delumeau revela a resposta a esta questão: segundo ele, “uma opinião assaz espalhada na Igreja dos primeiros séculos é que Jesus, por ocasião da promessa feita ao bom ladrão, reabriu o Paraíso terrestre, fechado depois do pecado de Adão e Eva”¹⁹². Vários religiosos e autores renomados defenderam essa convicção: Santo Atanásio, Gregório de Nissa, S. João Crisóstomo, Proclo, João Damasceno, o papa Leão, o grande, entre outros.

No entanto, Delumeau chama nossa atenção para o fato de que havia ambigüidades e flutuações em alguns textos que evocaram a geografia do além. Muitos autores mencionados acima parecem por vezes que assimilam o Paraíso do Gênesis com o reino dos céus, alguns

¹⁹⁰ DELUMEAU, Jean. Uma História do Paraíso: o jardim das delícias. Lisboa: Terramar, 1992, pp. 33.

¹⁹¹ Ibidem. p.36.

¹⁹² Ibidem. p.40.

ainda empregam indiferentemente céu e Paraíso. O próprio Santo Agostinho, que exerceu influência marcante no cristianismo ocidental, hesita em certos momentos entre várias concepções. Assim, Delumeau afirma que “nem todos os autores cristãos dos primeiros séculos estabelecem uma identificação completa entre o lugar intermédio de felicidade e o Paraíso onde viveram Adão e Eva. Porém, um número importante deles pensa como S. Jerônimo que Henoch e Elias foram acolhidos no Paraíso de onde tinham sido expulsos Adão e Eva”¹⁹³. Além disso, muitos autores “prevêm mesmo que é o jardim do Éden que terá lugar o juízo final”¹⁹⁴.

Mas, então, quem poderia ocupar essa morada provisória? Delumeau nos diz que “embora alguns rigoristas não admitam senão os mártires e raros privilegiados – Adão, o ladrão, Henoch e Elias – no lugar intermédio de felicidade, mais numerosos são os que, fundando-se na promessa de Jesus ao ladrão e na sua descida libertadora aos ‘infernos’, fazem entrar no Paraíso a corte dos justos”¹⁹⁵. Desse modo, vários autores importantes (como Irineu, Clemente de Alexandria, Cassiodoro, Isidoro de Sevilha e Beda, o venerável) garantem que os justos serão acolhidos num lugar de felicidade, no Paraíso, até recuperarem os seus corpos para enfim ascenderem ao reino dos céus.

Delumeau utiliza-se de alguns excertos tomados de autores gregos, siríacos e latinos para constatar que na Igreja dos primeiros séculos, “o Paraíso não é ainda o reino dos céus”. É verdade que logo ele se tornou, mas, até este momento ele não é mais que uma morada provisória onde as almas dos justos aguardam a ressurreição escatológica. Delumeau afirma que “esta crença neste lugar de espera encontrava-se evidentemente ligada à convicção de que a parusia – o regresso de Jesus – não se faria esperar por muito tempo”¹⁹⁶. Somado a isso, Delumeau ressalta que nos primeiros tempos do cristianismo “subsistiu uma certa vaporosidade no espírito dos fiéis e até da Igreja docente a propósito do percurso dos eleitos nas regiões da além-morte”¹⁹⁷. Portanto, nos primeiros séculos do cristianismo não estava claro para a Igreja e nem tampouco para seus fiéis o destino da alma após a morte. Delumeau diz ainda que nesse período os termos “Paraíso” e “céu” eram escassos e que a iconografia paradisíaca não era abundante. Todavia, as inscrições referentes aos defuntos falam frequentemente de um lugar de repouso, onde as almas gozam de delícias enquanto esperam a momento que alcançaram a beatitude completa. Deste modo, “os cristãos dos primeiros

¹⁹³ Ibidem. p.41.

¹⁹⁴ Ibidem. p.41.

¹⁹⁵ Ibidem. p.42.

¹⁹⁶ Ibidem. p.44.

¹⁹⁷ Ibidem. p.45.

séculos oram em primeiro lugar a que os mortos acedam ao lugar de ‘repouso’, etapa normal antes da ressurreição geral”¹⁹⁸.

Delumeau mostra como a crença num lugar de espera marcou a sociedade medieval fortemente até o século XIII: “em 1240, a Universidade de Paris tinha condenado como herética a doutrina do lugar de espera dos justos”¹⁹⁹. Porém, ainda há de se esperar o século XIV, quando João XXII rejeita oficialmente a noção de *refrigerium*. Dessa forma, “o lugar de espera contraíra-se num purgatório onde se sofre – esperando ao mesmo modo”²⁰⁰.

Mas, antes disso, há que se ressaltar que, durante toda uma parte da Idade Média, o lugar de espera dos justos esteve muito presente, especialmente nos escritos monásticos. Delumeau comenta algumas narrativas monásticas que descrevem as visões com que tinham sido agraciados alguns privilegiados que tiveram a oportunidade de viajar para o além. Das narrativas mencionadas por Delumeau destaca-se a obra intitulada *O Purgatório de São Patrício*, uma narrativa bastante conhecida em seu tempo. Essas narrativas descrevem com mais ou menos detalhes a visita de certos homens aos espaços do além. Com algumas variações, elas apresentam a crença em uma espécie de antecâmara do reino do céu, um lugar de repouso onde as almas esperam a beatitude definitiva.

Na Navegação de São Brandão, o Paraíso pelo qual Brandão busca é denominado de “terra prometida aos santos”. Na narrativa vimos que Brandão recebe a visita de um abade chamado Barinto que relata sua visita ao Paraíso em companhia de Mernoc, seu filho espiritual. Depois da visita e do relato de Barinto, diz o texto que Brandão tem apenas um único desejo e pensamento: “*buscar la ‘tierra prometida a los santos’, de la que habló el abad Barinto*”²⁰¹. Brandão não dá mais informações sobre esta terra, fala apenas que é a terra prometida aos santos, a que falou o abade Barinto. Contudo, no relato de Barinto, este diz que seu filho Mernoc teria lhe dito: “*Abad, sube a la nave y naveguemos en dirección a la zona occidental hasta la isla que se llama ‘la tierra prometida a los santos’, que Dios ha de otorgar a nuestros sucesores el día del Juicio*”²⁰². Ainda no relato de Barinto, encontramos mais uma importante informação. Segundo Barinto, quando estava na dita ilha aparece-lhe um homem com grande esplendor, que lhe diz que aquela terra “*tal como la ves ahora, así ha permanecido desde el origen del mundo*”²⁰³. Essas palavras indicam que o Paraíso buscado por Brandão e seus frades é um lugar muito antigo, que foi criado nos primórdios do mundo,

¹⁹⁸ Ibidem. p.45.

¹⁹⁹ Ibidem. p.50.

²⁰⁰ Ibidem. p.50.

²⁰¹ GONZÁLEZ, Fremiot Hernández. Navegación de San Brendán. Madrid: AKAL, 2006, pp.44.

²⁰² Ibidem. p.42.

²⁰³ Ibidem. p.43.

permanecendo durante todos estes séculos intocado, sem nenhuma mudança. Essa afirmação poderia nos fazer acreditar que a terra em que Brandão estava se tratava do famoso jardim do Éden, o Paraíso terrestre perdido há muito tempo. Porém, não encontramos no texto nenhuma indicação que mostre este Paraíso como um lugar de espera, uma morada provisória. Ao contrário, o tom da narrativa nos mostra que para Brandão e seus frades esta terra prometida aos santos é o Paraíso definitivo dos santos.

Não há, no texto, muitas informações que nos ajudem a entender um pouco mais sobre o caráter desse Paraíso. Além das menções citadas acima, encontramos apenas mais outras três vezes o nome “*tierra prometida a los santos*”, contudo, sem qualquer outra informação adicional: na ilha das aves, a ave que conversa com Brandão fala que “*al cabo de siete años, pero habiendo corrido antes muchos e grandes riesgos, encontraréis ‘la tierra prometida a los santos’*”²⁰⁴; na ilha de Paulo, o eremita, ele fala para Brandão “*marcharéis a la tierra prometida a los santos*”²⁰⁵; por último, o homem que ajuda Brandão durante toda a viagem lhe diz que “*sin mi no podréis encontrar la tierra prometida a los santos*”²⁰⁶.

Mesmo quando Brandão chega à chamada “terra prometida aos santos”, o texto não traz nenhum outro dado ou mesmo uma indicação deste Paraíso. Porém, isto não significa que as informações dadas não deem conta da questão. Na verdade, o próprio nome da terra revela seu caráter. Brandão e seus frades buscam a “terra prometida aos santos”. A expressão “terra prometida” não era nova à tradição judaico-cristã. Ela vem claramente da história dos Judeus, o povo de Deus. Segundo o livro de Gênesis (12:1-2), Deus diz Abraão: “Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que te mostrarei. Eu te farei de ti um grande povo, eu te abençoarei, engrandecerei teu nome; sê tu uma bênção”. Estas palavras marcam o início da história dos hebreus, denominados posteriormente de judeus. A promessa feita primeiramente a Abraão foi então renovada ao seu filho Isaque (Gênesis 26:3-4), ao seu neto Jacó (Gênesis 28:13) e a todos os seus descendentes ao longo dos séculos. A história é longa, e não é meu propósito recuperá-la completamente. Antes, quero recuperar a força da expressão “terra prometida” e sua continuidade na tradição judaico-cristã.

Vemos que a “terra prometida” é primeiramente um lugar, um território específico. Mas, não um lugar qualquer, era um lugar preparado por Deus onde Ele estabeleceria seu povo. Em Deuteronômio (8:7-10) encontramos a seguinte descrição:

²⁰⁴ Ibidem. p.65.

²⁰⁵ Ibidem. p.81.

²⁰⁶ Ibidem. p.82.

Eis que Iahweh teu Deus vai te introduzir numa terra boa: terra de trigo e cevada, de vinhas, figueiras e romãzeiras, terra de oliveiras, de azeite e mel; terra onde vais comer pão sem escassez – nela nada te faltará! – terra cujas pedras são de ferro e de cujas montanhas extrairás o cobre. Comerás e ficarás saciado, e bendirás a Iahweh teu Deus na terra que ele te dará.

Este texto revela que a imagem da “terra prometida” era de um lugar extremamente abundante. Outra descrição importante dessa terra é encontrada no livro de Números (13:27), quando os espias enviados por Moisés para explorar a terra, dão o seguinte relatório: “fomos à terra à qual nos enviastes. Na verdade é terra onde mana leite e mel; eis os seus produtos”. Diz o texto que eles haviam trazido os frutos da terra, dentre estes um cacho de uvas tão grande que precisou ser carregado por dois homens. Assim, a imagem da “terra prometida” aparece em vários outros textos do Antigo Testamento, persistindo mesmo depois dele.

Com o advento do cristianismo, essa “terra prometida” foi entendida como o lugar preparado por Deus para que seus filhos vivessem após a morte. No evangelho de João (14:2-3), Jesus diz aos apóstolos: “na casa de meu Pai há muitas moradas. Se não fosse assim, eu vos teria dito, pois vou preparar-vos lugar, e quando eu for e vos tiver preparado um lugar, virei novamente e vos levarei comigo, a fim de que, onde eu estiver, estejais vós também”. Estas palavras de Jesus revelam a existência de um lugar onde seus seguidores iriam morar juntamente com ele. Além disso, temos aqui a promessa do retorno de Jesus, que conduzia os seus discípulos à morada eterna, a “terra prometida” dos cristãos. É verdade que não encontramos no Novo Testamento a expressão “terra prometida” para designar o lugar preparado por Deus para seus filhos. Contudo, no decorrer dos séculos, a morada prometida por Jesus aos seus seguidores será relacionada com a terra prometida dos judeus. Assim, fala-se em nova Canaã, em referencia à primeira Canã do Antigo Testamento.

Em todo o Novo Testamento há, entretanto, muitas informações sobre o Reino de Deus ou Reino dos Céus, que designa o governo ou o domínio de Deus, o novo céu e a nova terra que serão estabelecidos depois do Juízo Final, com a conseqüente derrota dos inimigos de Deus. Jesus falou muito sobre este reino, utilizando-se na maioria das vezes de parábolas. Quanto à palavra “paraíso”, ela aparece apenas três vezes no Novo Testamento: no evangelho de Lucas (23:43), quando Jesus na cruz diz a um dos ladrões: “hoje estarás comigo no Paraíso”; depois na segunda carta do apóstolo Paulo aos Coríntios (12:4), onde o apóstolo relata que “foi arrebatado até o Paraíso”; por último, no livro de Apocalipse (2:7) fala no final da carta à Igreja em Éfeso que “ao vencedor, conceder-lhe-ei comer da árvore da vida que está no Paraíso de Deus”. Portanto, vemos que o Paraíso é relacionado com um lugar localizado no

mundo do porvir, onde permanecem as almas dos bem-aventurados, um lugar de recompensa após a morte. Já o Reino de Deus, ele não é um lugar, mas, um novo período.

Da mesma forma, o Paraíso que Brandão buscou durante sete anos é apresentado como a “terra prometida aos santos”, não com a dimensão de um lugar de espera ou como uma morada intermediária dos bem-aventurados. Na verdade, o Paraíso de Brandão não apresenta o aspecto de um lugar de repouso, de um lugar provisório. Pelo contrário, as indicações do texto dão a entender, assim como no Novo Testamento, de que se tratava do Paraíso definitivo, o lugar de recompensa dos justos.

Todavia, é preciso lembrar a advertência de Delumeau sobre as ambigüidades e flutuações encontradas em certos textos dos primeiros séculos do cristianismo. Além disso, lembremos que nem todos os autores cristãos desse período estabeleciam uma identificação completa entre o lugar intermediário e o Paraíso onde viveram o primeiro casal. Nos primeiros anos do cristianismo, até meados do século VIII, vários autores, especialmente da arte cristã, utilizaram “as paisagens paradisíacas para significar a felicidade eterna”²⁰⁷, assinalando desse modo a eternidade bem-aventurada à vida em um jardim abençoado. Com isso, afirma Delumeau, eles “acostumaram os cristãos a imaginar esse reino como um campo eternamente verde, florido e perfumado”²⁰⁸.

É o caso do Paraíso, a “terra prometida aos santos”, descrito na Navegação de São Brandão. Este é descrito como um lugar de extrema beleza e abundante natureza, uma ilha de uma riqueza maravilhosa. Contudo, este Paraíso não é visto como um lugar provisório, ele é a morada prometida aos santos, “*que Dios ha de otorgar a nuestros sucesores el día do Juicio*”, quando enfim o Reino de Deus será estabelecido.

3.2 O Lugar do Paraíso na Geografia Medieval

É preciso falar rapidamente sobre o lugar do Paraíso na geografia medieval. Já afirmamos que este Paraíso foi, a princípio e por muitos séculos, o Paraíso terrestre, que se manteve vivo, porém interdito.

Vimos acima que este Paraíso foi concebido por alguns como um lugar de espera, uma espécie de antessala do céu. Ao longo da alta Idade Média, “a morada intermediária onde os justos aguardariam a ressurreição apagou-se progressivamente do imaginário cristão”²⁰⁹.

²⁰⁷ DELUMEAU, Jean. O que sobrou do paraíso? op. cit. pp. 128.

²⁰⁸ Ibidem. p.128.

²⁰⁹ DELUMEAU, Jean. Uma história do paraíso: o jardim das delícias. op.cit. pp.51.

Porém, mesmo perdendo este significado, o Paraíso terrestre continuou a existir. Essa ideia é mesmo anterior a era cristã, sendo encontrada na literatura judaica. Segundo Delumeau, “toda uma literatura cristã, na qual encontramos já S. Teófilo, Santo Irineu, Santo Hipólito e Santo Epifânio, se colocou em seguida desta esteira”²¹⁰.

Mas, se o Paraíso continua a existir, quais seriam as atribuições físicas do lugar em que ele estava? E qual era a sua localização? Vários autores escreveram textos sobre o assunto: Efrém, o sírio, o capadócio Filostorgo, Cosmo Indicopleusto, João Damasceno e Moses Bar Cefas. Delumeau assinala a existência de uma geografia comum nesses textos, mesmo que nem sempre sejam coerentes entre si. Delumeau simplifica esta geografia da seguinte forma:

O paraíso terrestre está agora fora do alcance dos homens, seja porque fica alcandorado num cume inacessível, seja porque está situado além de um oceano intransponível. Mas não deixa de estar ligado à nossa terra. Alimenta-a de água, sendo para uns a nascente do oceano, para outros a origem verdadeira, ainda que misteriosa, dos grandes rios que possibilitam a vida da nossa ecúmena²¹¹.

Esta geografia revela as crenças tradicionais sobre o Paraíso: ele existe, o acesso a ele está interdito, ele é a fonte da água do mundo e está localizado em alguma região longínqua e remota. A estas crenças a respeito do Paraíso terrestre, acrescentaram-se outras, como a abundância de sua natureza e a presença de clima sempre ameno. Quanto à sua localização várias hipóteses foram defendidas. Contudo, de maneira geral, a geografia medieval acredita que “o Paraíso terrestre subsiste no Oriente. Foi poupado do dilúvio. Mas passou a estar fora do alcance por causa da sua altitude e em razão das terras ou dos mares que se interpõem entre ele e nós”²¹². Dessa forma, durante muitos séculos, a cartografia medieval cedeu espaço ao Paraíso terrestre nas suas representações do mundo. De acordo com Delumeau, esta cartografia “foi durante muito tempo produzida por oficinas monásticas, onde não se punha em dúvida a ciência geográfica de Santo Agostinho, de Santo Ambrósio ou de Isidoro de Sevilha”²¹³. De maneira geral, diz Delumeau, “*Cosmographiae e Mappae Mundi* refletiam a convicção geral de que o Paraíso terrestre subsistia algures ao longe”²¹⁴.

Dessa forma, a história sagrada comandou as representações geográficas até meados do século XV. Vários mapas situavam o Paraíso terrestre no cume da representação, no início

²¹⁰ Ibidem. p.52.

²¹¹ Ibidem. p.56.

²¹² Ibidem. p.59.

²¹³ Ibidem. p.71.

²¹⁴ Ibidem. p.71.

da aventura humana. Ou ainda localizavam Jerusalém ou a Judeia no centro da representação. Alguns mapas do século XII e XIII representam a terra rodeada em toda sua circunferência pelo oceano, sendo que o Paraíso terrestre está situado numa ilha. Delumeau analisa detalhadamente vários mapas-múndi, afirmando que “é espantoso constatar que no século XV a narrativa do Gênesis investe ainda fortemente as representações geográficas apesar da multiplicação das viagens a regiões distantes, da intensificação das relações marítimas e de uma vontade crescente de precisão na confecção dos mapas”²¹⁵. A situação muda a partir do século XVI, quando “cartas e mapas-múndi são, na sua maioria, orientados para o norte e deixam de dar a crer que o Paraíso terrestre existisse ainda em nossa terra, algures no Oriente”²¹⁶. No curso dos séculos XVI e XVII, a ciência do tempo não apenas abandonou as localizações medievais para o Paraíso terrestre, mas, também criou suas próprias hipóteses. Para Delumeau, essas “hipóteses geográficas, antigas, reatualizadas ou recentes”, surgiram em contradição com a letra do texto sagrado e com o novo conhecimento oriundo das grandes descobertas. Contudo, progressivamente, o Paraíso terrestre tornou-se “um lugar utópico digno dos mais melancólicos e uma ocasião para evocar um extraordinário irreal do passado”²¹⁷. O que se viu com o século XVIII em diante, foi o desaparecimento do jardim do Éden, o jardim encantado.

Entretanto, a crença na existência do Paraíso terrestre foi muito importante. Ela enriqueceu o imaginário paradisíaco durante séculos. Além disso, esta crença também fomentou outra: de que subsistiam, mais ou menos próximas ao Paraíso terrestre, “regiões ditosas e maravilhosas que podiam ser alcançadas por homens audaciosos e que lhes trariam riquezas fabulosas”²¹⁸. Dentre estas regiões, destaca-se a o reino de Prestes João, que ocupou o imaginário paradisíaco medieval por muito tempo. Além disso, a crença neste Paraíso perdido também levou a busca em várias partes do globo.

Na Navegação, vemos que tanto Barinto como Brandão dizem ter chegado ao Paraíso, caracterizado em ambos por uma ilha distante e repleta de uma natureza exuberante. O percurso que levou Barinto e Brandão ao Paraíso é diferente. O texto diz que Barinto navegou por três dias até chegar na ilha das delícias, onde morava Mernoc, de lá até o Paraíso ele navegou apenas por uma hora. Já a viagem de Brandão levou sete anos, devido ao itinerário que ele deveria cumprir. Contudo, ambos os abades chegam até o Paraíso pelo mar.

²¹⁵ Ibidem. p.82.

²¹⁶ Ibidem. p.85.

²¹⁷ Ibidem. p.255.

²¹⁸ Ibidem. p.51.

Quanto à localização do Paraíso, a narrativa de Brandão diz apenas que ele viajou em direção ao Ocidente. O texto não dá qualquer outra indicação sobre esse assunto. Não obstante, “a cartografia deu naturalmente lugar à ilha de São Brandão, mas a mais das vezes deportando para o sul este Paraíso de origem nórdica”²¹⁹. Assim, muitas representações geográficas associaram à ilha de Brandão com as Ilhas Afortunadas da tradição poética greco-romana. Delumeau evidencia o que ele chama de “cristianização dos mitos grego-romanos”. Segundo ele, “na época cristã, Isidoro de Sevilha deu novo ímpeto a esta crença, dando-lhe um lugar na sua geografia que influenciou a seguir de maneira duradoura a cultura do ocidente”. Isidoro acreditava na existência do Paraíso terrestre no Oriente, porém, para ele não se deveria confundir o Paraíso terrestre com estas ilhas abençoadas, mesmo que concordasse com a imagem de riqueza e abundância naturais vinculadas a elas. Até meados do século XIV, inúmeros mapas, baseados em Isidoro, continuaram confirmando a existência a oeste de ilhas paradisíacas, lugares abundantes de todos os bens imagináveis.

Essas representações começam a mudar a partir do século XV, porém, não bastante “o sonho de uma ilha ou de um arquipélago paradisíaco era resistente. Tomou expressão, na Idade Média e mais tarde ainda, quer por outras localizações quer por outros nomes”²²⁰, afirma Delumeau.

3.3 O Paraíso de Brandão e suas Características

Até agora examinamos sinteticamente alguns aspectos a cerca do Paraíso. Não pretendo, e nem poderia no espaço deste capítulo, recuperar em detalhes a longa história do Paraíso no Ocidente. Antes de tudo, procurei ressaltar especialmente os pontos que possam esclarecer qual era exatamente o lugar que Brandão esteve procurando durante sete anos.

Resumidamente, podemos dizer, através do texto, que Brandão acreditava na existência de um lugar chamado “terra prometida aos santos” que, por sua vez, foi identificado com o Paraíso. Dessa forma, o Paraíso de Brandão é apresentado como a morada dos bem-aventurados, onde todos os justos poderão gozar das recompensas após o Juízo final. É preciso ainda repetir que a Navegação não nos fornece indícios de que este Paraíso fosse um lugar de espera, isto é, a morada provisória das almas que aguardavam a ressurreição. Assim, a “terra prometida aos santos”, o Paraíso de Brandão e seus companheiros, deve ser

²¹⁹ Ibidem. p.127.

²²⁰ Ibidem. p.126.

entendido como a morada definitiva dos santos, preparada por Deus desde a fundação da terra. Mesmo que Brandão alcance-a através de um percurso marítimo.

Daí entende-se a ligação entre esta “terra prometida aos santos” com o jardim do Éden perdido. Lembremos que Deus tinha feito este jardim para que o homem vivesse nele, porém a falta do primeiro casal afastou toda a humanidade deste lugar. Com o advento de Jesus e seu sacrifício salvífico, toda a humanidade poderia, enfim, ser restituída a este lugar abençoado, vivendo em paz e desfrutando de uma felicidade extraordinária. O Novo Testamento não utiliza muito a palavra “paraíso”, e o próprio Jesus preferiu falar em Reino de Deus. Porém, às vezes que a palavra Paraíso aparece é para designar claramente o lugar que os justos viveram. O que explica o fato de que as palavras céu e Paraíso designem por muito tempo um único lugar. Apenas posteriormente, com o desenvolvimento do cristianismo, o jardim do Éden, o Paraíso terrestre, e do Reino dos céus, o Paraíso celeste, foram separados em dois lugares distintos. O Paraíso celeste, a morada de Deus, era o lugar onde os justos entrariam depois do Juízo Final, quando receberiam um novo corpo. Já o Paraíso terrestre, o jardim do Éden, foi concebido primeiramente como uma morada intermediária dos bem-aventurados à espera da ressurreição. Depois, a partir do século XIII, a crença no Paraíso terrestre como um lugar de espera não é aceita oficialmente. O Paraíso terrestre pouco a pouco vai desaparecendo da terra e reaparecendo posteriormente nos céus.

Desse modo, vemos que a história do Paraíso apresenta várias etapas que revelam as inúmeras mudanças e transformações que o tema do Paraíso passou ao longo dos séculos. A imagem do Paraíso encontrada na narrativa da Navegação de São Brandão apresenta o Paraíso sob a ótica dos primeiros séculos do cristianismo: que concebia um único Paraíso, evocado como um jardim de felicidades, onde os bem-aventurados viveriam eternamente.

Neste momento, então, é importante sublinhar algumas características dos lugares visitados por São Brandão e seus frades, especialmente as que são atribuídas ao Paraíso. A análise dessas características mostra dados importantes sobre a evocação paradisíaca cristã, revelando algumas de suas influências.

A aventura de Brandão acontece em um oceano repleto de ilhas maravilhosas. Ao todo, a navegação menciona quatorze ilhas, sendo que apenas treze fazem parte do percurso dos viajantes até o Paraíso. Dessas treze ilhas, eles visitam doze, pois a ilha rochosa, o inferno, eles apenas passam por perto. A maioria das doze ilhas visitadas por eles apresentam uma natureza rica e abundante: árvores frutíferas, muitos animais, além de rios e fontes. Como mostra a descrição da ilha das ovelhas, onde “*vieron que brotaban larguísimas*

corrientes de agua de distintas fuentes llenas de peces”²²¹, e onde encontraram “*diversos rebaños de ovejas de un solo color, es decir, blanco, de modo que no podían ver más allá la tierra por la gran cantidad de ovejas*”²²². A “ilha das aves” é descrita como “*muy cubierta de hierba y de bosque*”, nela eles encontram “*un árbol de sorprendente anchura*” que estava “*cubierto de aves blanquísimas*”²²³. Em outra ilha, eles encontram uvas que “*eran como manzanas*”. O tamanho dessa fruta é explicado pelo solo daquele lugar, que “*gracias a su maravillosa fertilidad, hasta tal punto que todas las cepas estaban sin cultivar inclinadas hacia la tierra, con un solo fruto de un solo color*”²²⁴. Em alguns casos, além da riqueza natural, soma-se a presença de algum elemento de valor econômico: como na primeira ilha, a ilha sem habitantes, onde eles encontram uma casa cheia de “*vasos colgantes de metal de diverso tipo, también collares y con cuernos de plata*”²²⁵.

Além de abundância natural e riqueza, algumas ilhas apresentavam algum elemento mágico. Como é o caso da “ilha sonífera”, onde os eles encontram uma fonte cujas águas, consumidas indevidamente, provocavam sono. Outro exemplo, é a luz misteriosa que surge na ilha da comunidade de Ailbeo. Esta luz espiritual é descrita como “uma flecha de fogo” que acendia todas as lâmpadas da igreja.

A descrição da “ilha dos homens fortes” é bastante interessante: “*aquela isla era de una sorprendente llanura, tanto que a ellos les parecía igual al mar, sin árboles ni nada que el viento pudiese mover. Era, en efecto, muy amplia, sin embargo estaba cubierta de una fruta blanca y bermeja*”²²⁶. Como vemos nesta ilha não havia uma vegetação rica como as outras. O que chama a atenção neste lugar é sua surpreendente largura, ao ponto deles compararem ela ao mar. Porém, mesmo não tendo árvores ou qualquer outra vegetação, a ilha estava cheia e coberta por uma fruta branca e vermelha.

Outras características importantes relacionadas a algumas dessas ilhas é a longevidade e a ausência de doenças. Encontramos duas referências à vida longa: na “ilha da Comunidade de Ailbeo”, os habitantes dizem desconhecer a origem do pão que é deixado todos os dias no mosteiro, afirmando que “*Cristo nos ha alimentado de esta manera desde la época de san Patricio y de san Ailbeo, nuestro padre, hasta ahora, durante ochenta años*”²²⁷. Além disso, afirmam que nem “*la vejez y la debilidad no se apodera de nuestros miembros en*

²²¹ GONZÁLEZ, Fremiot Hernández (edição). Navegación de San Brendán. Madrid: AKAL, 2006, p.50.

²²² Ibidem. p.50.

²²³ Ibidem. p.53.

²²⁴ Ibidem. p.71.

²²⁵ Ibidem. p.47.

²²⁶ Ibidem. p.68.

²²⁷ Ibidem. p.58.

absoluto”²²⁸. A segunda referência é na “ilha de Paulo”, o eremita, que diz o seguinte a Brandão: “*Soy, en efecto, nonagenario en esta isla, durante treinta años me alimenté de pescado y sesenta del agua de este manantial; y, además, estuve cincuenta años en mi tierra. Todos los años de mi vida hasta ahora suman la cantidad de ciento cuarenta*”²²⁹.

Todas estas características encontradas nestas ilhas eram as mesmas características atribuídas aos lugares de felicidade. Entendo que a presença dessas características nestas ilhas pode ser explicada por sua localização. Delumeau revela que junto com a convicção de que o Paraíso terrestre subsiste, ainda, no nosso planeta num lugar tornado inacessível, veio a juntar-se, ao longo do tempo, duas certezas: primeiro, que este Paraíso estava ao alcance dos homens, e segundo, que existiam junto ao Paraíso terras abençoadas, que “por razões de proximidade com ele, ou de insularidade, ou por ambas as coisas, conservavam vários atrativos e privilégios do jardim do Paraíso”²³⁰. Assim, duas razões explicam a incidência dessas características paradisíacas presentes na maioria das ilhas mencionadas por Brandão.

Depois de sete anos conhecendo várias ilhas, Brandão e seus companheiros chegam, enfim, à “terra prometida aos santos”. Mas, para isso, eles precisaram ser guiados por um homem, que durante toda a viagem fornece alimentos a eles. Este homem acompanha os viajantes, pois, segundo ele, “*sin mi no podréis encontrar la tierra prometida a los santos*”²³¹.

Depois de quarenta dias de viagem, eles se deparam com “*una gran calina al caer la tarde, de tal modo que apenas uno podia ver al otro*”²³². De repente surge uma luz que dissipou toda a neblina, revelando diante de seus olhos uma terra “*ampla, cubierta de plantas y llena de árboles frutales como en otoño*”²³³. Descem do barco e percorrem a terra, porém “*no se les hizo noche*”²³⁴, pois “*su luz es Cristo*”. Além disso, “*cogían tanta fruta como querían y bebían de los manantiales, y de este modo durante quarenta días estuvieron contemplando toda la tierra, pero no podían encontrar su fin*”²³⁵. Encontram também “*un enorme río que corría por medio de la isla*”. Neste rio, eles param e lhes aparece um jovem que revela que não podiam atravessar o rio que dividia a terra. O jovem afirma que Brandão tinha chegado à terra pela qual tinha buscado durante tanto tempo. Mas, que ele deveria

²²⁸ Ibidem. p.58.

²²⁹ Ibidem. p.81.

²³⁰ DELUMEAU, Jean. Uma história do paraíso: o jardim das delícias. op. cit. p. 89.

²³¹ GONZÁLEZ, Fremiot Hernández (edição). Navegación de San Brendán. Madrid: AKAL, 2006, p.82.

²³² Ibidem. p.82.

²³³ Ibidem. p.83.

²³⁴ Ibidem. p.83.

²³⁵ Ibidem. p.83.

regressar à sua terra natal, levando “*tantos frutos de esta tierra y piedras preciosas cuantos puedan caber en tu nave*”²³⁶.

Assim, o Paraíso é descrito como lugar com uma vegetação abundante, repleta de árvores frutíferas, que dão fruto ininterruptamente. Um lugar de claridade, onde não há noite, ou seja, trevas. Esta terra ampla é dividida por um rio e tem uma grande quantidade de pedras preciosas. Além disso, neste lugar os homens não sentem fome, sede ou sono. No relato de Barinto, o mensageiro diz que eles estavam “*un año en esta isla y no ha probado comida ni bebida. Nunca fuiste vencido por el sueño ni la noche te cubrió, pues aqui siempre es de día, sin la ceguera que producen las tinieblas. Nuestro Señor Jesucristo es su luz*”²³⁷. Desse modo, o Paraíso era um lugar de claridade, isso porque sua luz era Cristo. Um lugar onde todas as necessidades básicas do homem não existiam. Essas são características bastante conhecidas e difundidas no imaginário paradisíaco medieval: estabilidade, primavera perpétua, fertilidade sem fim das árvores, claridade e serenidade, fazem parte um topos paradisíaco repetido durante séculos.

Assim, a busca do Paraíso, tema central da Navegação de São Brandão, exprime um dos maiores anseios da história da humanidade: a existência de um lugar de felicidade. Esse lugar foi interpretado e reinterpretado ao longo dos séculos. Contudo, a imagem do Paraíso como um jardim de natureza abundante, onde os moradores gozam de uma vida feliz e sem necessidades, permaneceu forte durante muito tempo. No período medieval, o tema do Paraíso constituiu-se um dos mais importantes da literatura de viagem, reais ou fictícias.

²³⁶ Ibidem, p.83.

²³⁷ Ibidem, p.43.

4. O CAMINHO DO PARAÍSO: O CAMINHO DA SALVAÇÃO

A busca do Paraíso de São Brandão realiza um dos maiores anseios da sociedade medieval: alcançar a salvação, concretizada com a entrada no Paraíso, o lugar onde todos os justos poderiam, enfim, gozar de uma felicidade plena e desfrutar das recompensas de uma vida virtuosa. Como vimos no capítulo anterior, o Paraíso medieval foi muito mais que um sonho, ele era a esperança de toda sociedade. O alvo final de todo cristão em seu caminho até a salvação.

Na Idade Média, a lógica cristã da salvação destinava o Paraíso para os bons, e o inferno para os maus, regulando, assim, cada comportamento neste mundo, visto como um campo de batalha. Neste mundo, o homem era apenas um peregrino caminhando até alcançar sua morada eterna. Nessa perspectiva, acredito que a viagem ao Paraíso de Brandão serve de modelo para os cristãos medievais, pois ela representa a viagem de cada ser humano até o Paraíso, sua morada eterna e onde se concretiza a salvação.

No relato da Navegação, encontramos a descrição dos vários episódios vividos por Brandão e seus frades. Primeiramente, veremos como estes episódios se sucedem em uma cadeia de eventos interligados, que dão andamento e sentido à narrativa. Assim, desde o início do texto, cada registro, cada acontecimento nos conduz para um momento especial: a chegada ao Paraíso. Depois, veremos a estrutura da narrativa. Entendo que o texto apresenta uma estrutura fundamental baseada em seis pontos: tempo, espaço, liturgia, eucaristia, elementos simbólicos e peregrinação. A análise de cada elemento revela como o seu significado vem de padrões e de símbolos da sociedade medieval.

A narrativa começa com uma breve apresentação de Brandão: “*San Brendán, hijo de Findlug, que era nieto de Alta, de la familia de Eogen, era oriundo de la región pantanosa de Munster. Fue un hombre muy comedido y famoso por sus virtudes; llegó a ser abad de casi tres mil monjes*”²³⁸. O texto não faz uma apresentação detalhada sobre a vida de Brandão. Como vemos, a apresentação menciona brevemente sua origem genealógica (filho de Findlug, neto de Alta, da família de Eogen), sua origem geográfica (da região pantanosa de Munster), e também sua posição na sociedade (abade). Além disso, o narrador também menciona que Brandão era um homem muito conhecido e famoso por suas virtudes, o que pode explicar, parcialmente, as poucas informações fornecidas no texto sobre ele. Muito provavelmente,

²³⁸ GONZÁLEZ, Fremiot Hernández (edição). *Navegación de San Brendán*. Madrid: AKAL, 2006, p.41.

Brandão seria um personagem conhecido dos leitores do texto, que teriam ouvido falar sobre ele, seja através das histórias que contavam sua vida, seja por sua fama de monge missionário. Quanto às virtudes de São Brandão, que o fizeram tão conhecido e famoso, o narrador não menciona quais seriam estas virtudes. Entretanto, como se tratava de um abade, um monge considerado um homem santo, certamente eram virtudes relacionadas a uma vida cristã (fé, paciência, humildade, entre outras).

Depois dessa breve apresentação, a narrativa não fornece mais informações sobre a vida de Brandão, nem mesmo fala sobre sua vida no mosteiro ou seu trabalho como missionário. A partir do segundo parágrafo, encontramos o relato da viagem do abade São Brandão ao Paraíso, a “terra prometida aos santos”, um lugar que fazia parte do Além. Aqui, quero ressaltar uma característica peculiar do modelo cristão referente ao Aqui e o Além. Segundo este modelo, mesmo coexistindo simultaneamente o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, não existia entre eles uma continuidade indistinta. Na verdade, o Aqui e o Além estão separados pela fronteira da morte, que restringe o acesso entre eles. Contudo, a existência dessa fronteira não impossibilita as trocas (preces dos vivos pelos mortos, intercessões dos mortos, etc.), nem a diversas formas de comunicação e de passagem entre os dois mundos (mortos que retornam aqui embaixo ou aparecem para os vivos para reclamar ou advertir sobre o destino do além-túmulo; e as visões do além dos clérigos). Portanto, a *Navegação de São Brandão* foi uma forma de comunicação entre o Além e o Aqui; todavia, diferente de outras visões do além, onde as almas, provisoriamente separadas do corpo (seja por uma doença ou durante o leito de morte), atravessaram o mundo dos mortos, trazendo após um testemunho aos vivos, a *Navegação* descreve a viagem física de um homem ao Paraíso. A *Navegação de São Brandão* coloca em cena “vivos que se aventuram em paragens longínquas, nas quais as paisagens terrestres se misturam aos lugares do outro mundo”²³⁹. Estes meios de comunicação com o além (visões e narrativas de viagens), que os clérigos registram por escrito ao longo de toda a Idade Média, supõem, segundo Jérôme Baschet, “uma continuidade parcial entre o mundo dos vivos e o além-túmulo”²⁴⁰. Acredito que esta continuidade parcial atenua a rígida separação do modelo cristão (aqui e além), na medida em que aproxima os dois mundos e abre espaço para uma interação ainda mais intensa entre eles. Dentro dessa lógica, a sociedade medieval pôde perfeitamente aceitar a viagem de Brandão ao Paraíso como uma viagem verdadeira, pois ela era compreensível. A forma como os medievos concebiam o mundo, e sua própria existência nele, tornava tal discurso inteligível para eles.

²³⁹ BASCHET, Jérôme. op. cit. pp.391.

²⁴⁰ Ibidem. p.391.

Já dissemos que quem empreende esta viagem ao Paraíso é o monge irlandês chamado São Brandão. Portanto, integrante do grupo dos *oratores*, aqueles que tinham a função de orar, responsáveis por garantir a salvação ao conjunto da população. Mesmo que o movimento monástico ocidental tenha permanecido como um movimento marginal (o que começou a mudar com o papa Gregório, que enviou uma missão de evangelização formada por monges à Inglaterra), os monges sempre tiveram uma função importante: destaca-se o papel dos monges missionários vindos principalmente da Irlanda, que contribuíram para a evangelização dos territórios germânicos e para a formação de um novo monasticismo (dentre eles o monge irlandês Colombano, no século VI, e Bonifácio, no século VIII).

São Brandão era abade, líder de um mosteiro, um homem dedicado à vida monástica de contemplação, que tinha sob sua autoridade vários monges. Além disso, somado as suas atividades de abade, Brandão era conhecido, principalmente, por suas viagens missionárias (onde teria fundado vários mosteiros em diversos lugares: na Irlanda, Grã-Bretanha, Escócia, País de Gales, etc). Deste modo, não é um homem comum (um leigo) que empreende a viagem ao Paraíso; mas, um monge, que tinha como característica essencial a “fuga do mundo” (porém, na prática concreta esse ideal tomou várias formas, podendo ser o retiro em lugares isolados ou uma ruptura mais figurada). Por essência, o monge vivia em companhia de seus semelhantes em comunidades religiosas, consagrando-se ao serviço de Deus pela prece, estudo, e, em alguns casos, pelo trabalho manual. Dessa forma, o monge era um exemplo de vida cristã, uma vida separada dos vícios e na prática das virtudes. Se a vida aqui é o campo de batalha onde acontece a luta pela salvação, onde o destino de cada cristão dependia de sua vida terrena, os monges demonstravam com sua vida o que cada cristão deveria fazer para alcançar sua salvação. Deste modo, a viagem de Brandão em busca do Paraíso torna-se ainda mais significativa, pois é realizada por um monge, que deveria ser um modelo para cada cristão.

O contexto narrativo que dá início à viagem do abade Brandão é bastante significativo. A narrativa diz que um dia ele “*se encontraba en una lucha consigo mismo en un lugar que se llama ‘el bosque de la virtud’, sucedió que a la hora de vísperas vino a donde él estaba un abad, de nombre Barinto, nieto de Neil*”²⁴¹. O narrador nos diz que Brandão encontrava-se em um momento de luta interior no lugar chamado “bosque da virtude”. Porém, o motivo ou os motivos que levaram o santo abade a esta luta interior não são ditos, pelo menos não explicitamente. O que sabemos é que ele estava em um momento de introspecção. Um dado

²⁴¹ GONZÁLEZ, Fremiot Hernández (edição). Navegación de San Brendán. Madrid: AKAL, 2006, p.41.

interessante é o nome do lugar onde se dava a luta interior de Brandão, “bosque da virtude”. O texto não oferece informações sobre este lugar, nem mesmo podemos afirmar se ele existia de fato. O narrador apenas diz que Brandão estava em um lugar chamado “bosque da virtude”; entretanto, o significado deste tipo de lugar (bosque, floresta) dentro da cultura medieval nos possibilita ir além do texto. Jacques Le Goff ²⁴² chama nossa atenção para o tema da floresta, mostrando como no Ocidente ele foi concebido com o deserto, um lugar de solidão. Dentre outras funções, é neste “deserto-floresta” que muitos religiosos buscaram uma vida isolada de contemplação. Não nos alongaremos sobre o assunto, por hora, basta-nos perceber que a historiografia possibilita interpretar a palavra “bosque” no sentido alegórico, como um estado da alma, um momento interior do personagem; e não só no sentido geográfico, como um lugar determinado. Provavelmente, não é em vão que a luta interior vivida por Brandão aconteça em um bosque.

Durante este momento de luta interior e de profunda reflexão São Brandão recebe uma visita, trata-se de outro abade chamado Barinto. Ao que parece, Brandão não estava esperando a visita de Barinto; este, por sua vez, surge em um momento muito importante da narrativa. Segundo o texto, Barinto vai ao encontro de Brandão, que lhe faz uma série de perguntas. Não sabemos o conteúdo das questões feitas por Brandão e as respectivas respostas de Barinto. O texto diz apenas que Barinto “*depués de haber sido interrogado con muchas preguntas por este santo abad (Brandão), comenzó a llorar, a postrarse en tierra y a permanecer largo tiempo en oración*” ²⁴³. A atitude do visitante perante Brandão parece refletir o momento vivido pelo anfitrião, na medida em que, depois de encontrar-se com São Brandão e de ser interrogado por este, Barinto chora, prostra-se em terra e ora por um longo tempo, atitudes comuns a um momento de profunda reflexão espiritual. Depois disso, Brandão levanta Barinto do chão, beija-o e diz: “*Abad, ¿por qué tenemos que estar tristes en tu llegada? ¿Acaso no viniste para nuestro consuelo? Tú debes proporcionar más alegría a tus hermanos. Indícanos la palabra de Dios y reconforta nuestras almas con las diversas maravillas que viste en el oceano*” ²⁴⁴. Estas palavras de Brandão deixam claro que a visita de Barinto tinha um propósito, ele tem uma missão específica no texto: ele deveria mostrar a “Palavra de Deus”, alimentando seus ouvintes com o alimento divino e reconfortando suas almas com suas palavras.

²⁴² LE GOFF, Jacques. “O deserto-floresta no Ocidente medieval”. in: LE GOFF, Jacques. O imaginário medieval. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

²⁴³ GONZÁLEZ, Fremiot Hernández (edição). Navegación de San Brendán. Madrid: AKAL, 2006, p. 41.

²⁴⁴ Ibidem. p. 41.

Como vimos no segundo capítulo, Barinto relata com detalhes sua viagem ao Paraíso. Segundo o relato, Barinto viaja para visitar Mernoc, seu filho espiritual, que vivia juntamente com outros monges em uma ilha chamada “Deliciosa”. Após três dias de viagem no mar, Barinto foi surpreendido no meio do caminho por Mernoc, que o conduziu até a ilha em que residia. Barinto fala rapidamente sobre os frades que moravam na ilha, mencionando seu modo de vida e também seus hábitos alimentares (não comiam nada além de frutas, nozes, raízes e outras classes de verdura). Depois de três dias e três noites na ilha, Barinto diz que foi convidado por Mernoc para outra viagem: “*Abad, sube a la nave y naveguemos en dirección a la zona occidental hasta la isla que se llama ‘la tierra prometida a los santos’, que Dios ha de otorgar a nuestros sucesores el día del juicio*”²⁴⁵. Dessa forma, eles partem juntos, navegando por uma hora em meio a uma neblina intensa, que cobria todo o barco. De repente, surgiu uma luz muito forte, que dissipou toda a neblina, revelando “*una tierra amplia, cubierta de plantas y llena de muchas frutas*”²⁴⁶. Barinto e Mernoc percorrem a ilha por 15 dias, sem poder encontrar o seu fim. O Paraíso é descrito como um terra ampla, coberta por uma natureza muito bela e rica (muitas frutas e flores), além disso, ainda tinha muitas pedras preciosas. Segundo o relato de Barinto, durante sua estada no Paraíso nem ele e nem Mernoc sentiram fome, sede e nem sono, pois não havia noite (sempre era dia). No décimo quinto dia, os viajantes se deparam com um rio e decidem parar diante dele e esperar pelo conselho divino. Enquanto esperam, repentinamente surge um homem de grande resplendor, que os adverte que deveriam regressar, pois eles não poderiam atravessar o rio. Barinto inicia um diálogo com o mensageiro; nesta conversa o homem fala, dentre outras coisas, que a terra em que estavam permanecia daquela mesma forma desde a origem do mundo. Estas palavras ratificam para os ouvintes que o lugar em que estava Barinto, era realmente o Paraíso terrestre, criado desde a origem do mundo. Ditas estas coisas, o mensageiro conduziu Barinto e Mernoc até o barco, e eles retornaram à ilha das Delicias. Ao chegar à ilha, Barinto explica aos frades que estavam próximos ao Paraíso, a terra prometida aos santos, e que seu abade se ausentava para estar neste lugar. Depois de mais quarenta dias, Barinto retorna para seu mosteiro, e, neste regresso, acontece seu encontro com Brandão.

Este relato de Barinto é muito importante para a viagem de Brandão. Não é sem motivo que a visita de Barinto aconteça em um momento muito significativo, durante a luta interior de São Brandão. Vemos claramente que esta visita modifica o estado de Brandão, impulsionando-o para o novo momento da narrativa: a viagem. As palavras de Barinto foram

²⁴⁵ Ibidem. p.42.

²⁴⁶ Ibidem. p.42.

como alimento espiritual para Brandão (“*porque hoy nos ha alimentado con tal comida espiritual*”²⁴⁷), que depois de ouvir a experiência de Barinto, deixa seu estado inicial. Assim, logo depois da partida de Barinto, Brandão se reúne com quatorze frades de sua congregação e lhes diz : “*mi corazón y todos mis pensamientos se fundem en un solo deseo: me he propuesto en mi corazón, pero sólo si es la voluntad de Dios, buscar ‘la tierra prometida a los santos’, de la que habló el abad Barinto.*”²⁴⁸. As palavras de Brandão comprovam que a visita de Barinto foi realmente determinante para a viagem que ele viria a empreender. O relato da experiência de Barinto semeia no coração de Brandão o desejo de ir ao Paraíso.

Assim, os fatos que antecipam a viagem de São Brandão e seus quatorze monges revelam um importante paralelo entre Brandão e os homens medievais. O desejo de Brandão de conhecer o Paraíso demonstra não só o interesse marcante da sociedade medieval pelo além, mas, também a esperança de cada cristão: a salvação de sua alma no Paraíso. Já assinalamos que, para a Idade Média, o mundo era um campo de batalha entre os vícios e as virtudes, entre o bem e mal (oposição essencial para o cristianismo medieval). Neste campo, o destino de cada homem no além seria, então, consequência das suas ações: se fossem boas, seu destino era o Paraíso; todavia, se fossem más, o inferno. Dessa forma, existe uma estreita ligação entre as palavras virtude, salvação e Paraíso, pois a prática das virtudes garantem a salvação, representada pela entrada no Paraíso (assim como, a prática dos vícios levavam ao castigo no inferno). Assim, para o cristianismo, salvação e Paraíso são sinônimos, na medida em que a salvação se dá no Paraíso, e este por sua vez representa a salvação. Neste contexto, acredito que o caminho percorrido por Brandão em busca do Paraíso ilustra, portanto, o percurso de cada cristão no caminho da salvação. E o fato de Brandão ser um monge, mediador entre os homens e Deus, torna o seu exemplo ainda mais relevante.

4.1 O Percurso de Brandão

Depois de todos os preparativos, que incluíram um jejum de quarenta dias, Brandão partiu em direção ao Ocidente até a ilha de um abade chamado Enda, onde permanece, juntamente com seus frades, durante três dias e três noites no mosteiro do referido abade. O texto não diz o que Brandão teria feito durante sua permanência ali, mas, fica evidente a importância da visita para Brandão. Passados os três dias, eles recebem a bênção do abade Enda; Brandão e seus frades partem para sua comarca natal, onde moravam seus pais. Neste

²⁴⁷ Ibidem. p.44.

²⁴⁸ Ibidem. p.44.

lugar, eles estabelecem-se em uma tenda em uma montanha, onde constroem o barco que utilizam na viagem. Não sabemos quanto tempo eles passaram ali. Sabemos apenas que tendo preparado a embarcação e pegado todo o material necessário para viagem, Brandão convoca seus quatorze companheiros e parte para sua busca.

É neste momento que acontece algo muito importante: a chegada de mais três frades. Quando já estavam prontos para partir, aparecem três frades vindos do mosteiro de Brandão, e eles pedem para acompanhar Brandão em sua viagem. Brandão permite a entrada deles no grupo, mas, advertindo-os de que para cada um deles o Senhor tinha preparado um destino específico. Mesmo assim, os três frades partem com Brandão, sem saber qual seria ao certo seu final e nem se retornariam. Como vimos anteriormente, cada um deles encontra seu destino: o primeiro morre na primeira ilha, na ilha sem habitantes; o segundo fixa morada na ilha dos homens fortes; e o último é conduzido por demônios ao inferno. Não sabemos exatamente porque estes três frades recebem seus respectivos destinos. Mas, é interessante lembrar que eles não foram eleitos por Brandão, e nem participam dos preparativos da viagem. Contudo, o destino desses três frades não foi determinado por esses motivos. Na verdade, o próprio Brandão nos fornece uma explicação parcial do motivo real. Quando os frades pedem a Brandão para segui-lo, ele lhes responde o seguinte: *“Sé cómo hábeis venido. Este fraile ha hecho un buen trabajo. Dios, en efecto, ha preparado para él un lugar muy apropiado, en cambio para vosotros preparará un juicio muy horroroso”*²⁴⁹. Brandão afirma categoricamente que o frade que tinha feito um bom trabalho, receberia de Deus um lugar muito apropriado. Enquanto, para os outros dois, Deus preparou um juízo muito horroroso. Fica implícito que estes últimos teriam feito um mau trabalho. No entanto, não sabemos ao certo qual seria esse bom trabalho realizado pelo primeiro frade, nem tampouco o que os outros dois fizeram para receber sua punição. Vemos claramente que o texto atribui o destino desses três frades no além às suas ações no aqui. Dessa forma, o destino desses frades é ilustrativo para o conjunto da população (clérigos, senhores e leigos).

Os primeiros quinze dias de viagem são tranquilos, pois, durante este tempo os viajantes não precisaram fazer nenhum esforço físico, já que o vento conduzia a embarcação. Porém, de repente, o vento cessou e tiveram que remar até que faltaram suas forças. Brandão, vendo o esgotamento de seus frades, os reconforta, ordenando que guardassem os remos e despregassem a vela, pois o Senhor era seu auxílio e faria sua vontade. Depois de quarenta dias à deriva, sem direção e sem alimento, nossos viajantes avistam, enfim, a sua primeira

²⁴⁹ Ibidem. p.46.

parada: a ilha sem habitantes. Entretanto, não conseguem entrar imediatamente na ilha, pois não achavam lugar para atracar o barco. Os frades tentam pegar água para beber, mas são advertidos por São Brandão a não fazerem isso, pois dentro de três dias o Senhor lhes mostraria um porto. E aconteceu exatamente como Brandão previu. Este tipo de situação repete-se várias vezes ao longo da narrativa: dificuldade (ficam à deriva, o vento cessa, cansaço ou fome, não encontram lugar para atracar o barco, ou mesmo são atacados por animais gigantes), atitude negativa dos frades (medo, falta de fé ou imprudência), admoestação de Brandão, pedido de socorro (oração, suplica ou cumprimento de um jejum) e resposta ou auxílio divino.

A narrativa da Navegação não é escrita como um diário de viagem, onde o autor relata os acontecimentos respeitando do começo ao fim a sequência temporal da viagem. A descrição dos sete anos de viagem de Brandão não é igual. A sequência dos acontecimentos dos dois primeiros anos segue pontualmente o percurso anual estabelecido (ilha das ovelhas, Jascônio, ilhas das aves e ilha da Comunidade de Ailbeo), inserindo outros lugares antes e depois das paradas fixas. Porém, do terceiro ao sexto ano, os episódios são descritos em um conjunto como tivessem acontecido em um único ano. No sétimo ano, a narrativa retorna ao procedimento dos dois primeiros.

O primeiro ano é fundamental para a narrativa. Neste ano, Brandão e seus companheiros visitam cinco ilhas: a “ilha sem habitantes”, “ilha das ovelhas”, a “ilha-baleia (Jascônio)”, a “ilha das aves” e a “ilha da comunidade de Ailbeo”. Quatro dessas cinco ilhas formam o percurso fixo, que os viajantes cumpriram anualmente: a ilha das ovelhas, a ilha-baleia (o Jascônio), a ilha das aves, e a ilha da Comunidade de Ailbeo, onde celebraram respectivamente: a Ceia do Senhor, o domingo de Páscoa, o Pentecostes e o Natal. Apenas a primeira, a ilha sem habitantes, não faz parte do percurso fixo de Brandão. Porém, nela acontece um episódio que é muito significativo, pois revela o maior perigo para todos aqueles que percorrem o caminho da salvação: o diabo e seus demônios. Durante a primeira noite naquela ilha, Brandão tem uma visão: ele vê um menino negro colocando um colar frente a um dos três frades novatos. Prontamente, ele começa a orar passando toda noite em oração. No terceiro e último dia na ilha, Brandão revela a todos sua visão, mostrando quem era o frade que tinha o dito colar. O frade confessa e se arrepende de seu pecado, enquanto os demais frades passam a orar por sua vida. Neste exato momento, todos presenciam sair do frade transgressor um menino negro, um demônio, que disse que vivia há sete anos no corpo do frade. Brandão ordena ao demônio que não moleste a nenhum homem até o dia do Juízo. Quanto ao frade, depois de receber a eucaristia, sua alma saiu do seu corpo, e foi acolhida por

anhos de luz. Já seu corpo foi sepultado por São Brandão naquele mesmo lugar. O episódio desse frade é uma advertência sobre os perigos que podem colocar em risco o destino de cada homem no além.

No segundo ano de viagem, além de percorrem as quatro paradas fixas, realizando seu percurso obrigatório, os viajantes conhecem quatro novas ilhas: “ilha da fonte sonífera”, a “ilha sem nome”, a “ilha dos homens fortes” e a “ilha das uvas”. A “ilha da fonte sonífera” marca o início do segundo ano de viagem. Nesta ilha, Brandão e seus frades encontraram uma fonte com propriedades mágicas, uma água sonífera. Mais uma vez, os frades são alertados pelo santo abade a procederem adequadamente, consumindo moderadamente aquela água. Os frades acabam desobedecendo ao conselho de Brandão e, como consequência, acabam dormindo um, dois ou três dias seguidos. Da mesma forma que na ilha sem habitantes, no primeiro ano da viagem, nossos viajantes se deparam com um perigo, mas, dessa vez todos os frades acabam transgredindo a advertência de seu abade (certamente, trata-se de uma falta leve, se comparada com o caso do frade que se dá à tentação do diabo). Neste ano, também o mar foi palco de dois combates fantásticos: o primeiro, entre dois peixes gigantes, e o segundo, entre duas aves gigantes. As duas lutas apresentam o mesmo enredo: um animal muito grande e ameaçador tenta atacar os viajantes, porém, no exato momento que este se aproxima do barco, surge outro animal, também de grande porte, que aparece para defendê-los do ataque iminente do primeiro animal. Nenhum dos dois ataques acontece de fato, pois antes disso surge providencialmente um protetor, de origem desconhecida, que os defende da ameaça iminente. Por último, neste segundo ano de viagem se cumpre o destino de mais um dos três frades novatos, que estabelece sua morada na “ilha dos homens fortes”.

Como dissemos acima, o relato do terceiro ao sexto ano de viagem é diferente dos dois primeiros anos. As visitas aos quatro lugares do percurso anual obrigatório não são descritivas. Ao final do segundo ano, o narrador diz apenas que Brandão passou a percorrer o oceano durante muito tempo, exceto nas festividades mencionadas (Ceia do Senhor, Domingo de Páscoa, Pentecostes e Natal), pois durante estas tinha descanso nos mencionados lugares. Assim, não sabemos em que ano exatamente acontece a passagem pelo mar translúcido, o encontro com uma coluna de cristal, a passagem pelos limites do inferno e pelo inferno, ou ainda o encontro com Judas, todos esses momentos descritos na narrativa acontecem durante entre o terceiro e o sexto ano (em todos estes momentos os viajantes não descem no barco). A única exceção é a visita à “ilha de Paulo, o eremita”, que acontece nesse período, mas que graças às palavras do eremita (o homem diz a Brandão que restava apenas um ano para o fim de sua viagem), podemos saber que a visita acontece no final do sexto ano de viagem. O

modo como o narrador descreve esses quatro anos de viagem (do terceiro ao sexto) dá impressão que todos os acontecimentos se dão um após o outro, mas, na verdade, eles acontecem ao longo de quatro anos. No entanto, não podemos saber em que ano cada um deles aconteceu.

A descrição do sétimo ano de viagem também apresenta diferenças em relação à exposição dos dois primeiros anos. A primeira é o fato de que no sétimo ano o percurso anual obrigatório não é completo, pois Brandão chega ao Paraíso antes da celebração do Natal. A segunda diferença é que a descrição de cada parada é mais rápida, com menos detalhes. O narrador nos conduz claramente para o momento da chegada de Brandão ao Paraíso; assim, toda ênfase recai na descrição desse lugar.

Durante estes sete anos de viagem, Brandão e seus monges visitam ao todo doze ilhas (incluindo o Paraíso). Porém, em quatro delas eles retornam, anualmente, durante sete anos. Além disso, os viajantes avistam mais outra ilha, a “ilha Rochosa”, mas, não a visitam. Além das ilhas, eles também conhecem outros lugares do oceano (o mar translúcido e a coluna de cristal, por exemplo), passando também um bom tempo navegando no mar. Em todo o percurso os viajantes passam por inúmeros perigos; porém, a narrativa demonstra como em diversos momentos eles contaram com a ajuda divina, que intervinha em várias circunstâncias. Dessa forma, Brandão e seus companheiros não estavam sozinhos diante dos perigos que aparecem no percurso ao Paraíso. Da mesma forma, a sociedade medieval também não estava sozinha na luta entre vícios e virtudes. Para tanto, cada cristão contava com “o socorro insubstituível das instituições, e, em primeiro lugar, da Igreja; apenas a mediação desta pode atrair sobre ela a graça divina e lhe permitir evitar as emboscadas que semeiam o caminho da salvação”²⁵⁰.

4.2 A Estrutura da Narrativa

A análise do percurso de Brandão e seus frades ao Paraíso revelam dados importantes sobre a narrativa e o período medieval. Existe, contudo, seis elementos importantes que estruturam o relato da viagem de São Brandão ao Paraíso: tempo, espaço, liturgia, eucaristia, elementos simbólicos e peregrinação.

Logo acima dissemos que no primeiro ano da viagem se estabelece o percurso fixo anual que nossos viajantes deveriam cumprir. Este percurso era composto por quatro ilhas: a

²⁵⁰ BASCHET, Jérôme. op. cit. pp. 376.

ilha das ovelhas, a ilha-baleia (o Jascônio), a ilha das aves e a ilha da Comunidade de Ailbeo. Nestas ilhas, os viajantes celebraram respectivamente: a Ceia do Senhor, o domingo de Páscoa, o Pentecostes e o Natal, cumprindo o mesmo percurso por sete anos. Dessa forma, Brandão e seus frades cumpriam o ciclo litúrgico durante sete anos, revivendo anualmente a vida de Cristo (seu nascimento, morte e ressurreição), mais a descida do Espírito Santo, da mesma forma, que todo cristão revivia todos os anos.

Juntamente com este tempo cíclico, temos o tempo da duração da viagem, que é linear, no sentido de que se desenrola desde um início (contexto da viagem) até um fim (morte de Brandão). Este tempo é apenas um recorte menor do tempo da história humana, um tempo linear e irreversível, que se desenrola desde a Criação do Mundo e no Pecado Original até o Juízo final.

Desse modo, a narrativa apresenta as duas percepções do tempo histórico presentes na Idade Média, uma cíclica (que retorna) e outra linear (irreversível). A combinação dessas duas percepções formou, segundo Baschet, “um tempo semi-histórico, que combina, aqui embaixo, um pouco de tempo irreversível e muito de tempo repetitivo”²⁵¹. Dessa forma, a busca de Brandão ao Paraíso acontece em um tempo híbrido que mistura o tempo irreversível da história sagrada, com o tempo cíclico da liturgia (um tempo semi-histórico), que retorna incessantemente. É neste tempo semi-histórico que cada cristão percorre o caminho da salvação.

Somada a esta noção tempo, o relato também apresenta a importante noção de espaço. Para entender melhor a narrativa precisamos analisar um pouco mais o espaço onde acontece a viagem: o além.

Durante toda a Idade Média, as concepções do além conheceram várias adaptações e evoluções. Pouco a pouco, uma preocupação com o além e com o destino das almas no além se tornou mais presente na vida dos homens e mulheres medievais. A preocupação com a salvação das almas, muito importante para o Cristianismo, tornou-se, gradativamente, o objetivo fundamental da sociedade cristã e o princípio de seu ordenamento. Entretanto, desde o início, um atributo fundamental do modelo cristão do além continuou o mesmo: a separação entre o aqui embaixo e o além. Mesmo que faça parte do cotidiano da sociedade medieval, o além é um lugar afastado e distante, localizado fora dos limites do mundo conhecido. As representações medievais do mundo seguiram, em sua maioria, o modelo circular e vertical, com a terra ocupando o centro do eixo. Em vários mapas medievais “a terra é um círculo no

²⁵¹ BASCHET, Jérôme. op. cit. pp. 326.

qual se inscreve o T, representação geométrica dos três mares: o Mediterrâneo, designado pela haste do T; o Helesponto e o ‘mare indicum’, que compartilham sua barra”²⁵². Nesses chamados “mapas T.O”, o mundo aparece dotado de um eixo vertical, onde o Paraíso celeste ocupava o ponto mais elevado, separado do espaço terrestre. Neste universo medieval, onde tudo se ordena “numa geometria simbólica e segundo uma escala de valores que atribui um lugar a cada elemento, tanto espiritual quanto material”²⁵³, o além ocupará os limites do conhecido, enquanto, a terra e o homem ocupavam o meio do mundo físico conhecido.

Outras partes do globo, que eram totalmente desconhecidas e consideradas como regiões inabitadas, tornaram-se o território do imaginário, que por sua natureza e por sua situação no universo, estava predestinado a uma função mítica, a uma germinação maravilhosa. A Idade Média encontrou várias maneiras de acessar as realidades desse mundo desconhecido do além: as visões e outras práticas religiosas, e também as viagens ao além, que estabeleciam uma profunda comunicação entre o aqui embaixo e o além, demonstrando um profundo intercâmbio medieval entre vivos e mortos. Assim, se o além medieval é mundo separado, ele não era totalmente inacessível. A verdade é que desde a antiguidade vários homens, mesmo em vida, puderam conhecer ao menos parte desse outro mundo.

A aventura de São Brandão pelo além se passa em dois lugares significativos: as ilhas e o mar. Na narrativa encontramos a descrição de quatorze ilhas (a ilha sem habitantes, a ilha das ovelhas, a ilha-baleia, a ilha das aves, a ilha da Comunidade de Ailbeo, a ilha da fonte sonífera, a ilha sem nome, a ilha dos homens fortes, a ilha das uvas, ilha rochosa, a ilha do inferno, a ilha de Paulo eremita, a ilha do Paraíso e a ilha das delícias), incluindo a ilha-baleia, o Jascônio, que mesmo sendo um animal cumpre a função de uma ilha, podendo ser considerado uma espécie de “semi-ilha”. Durante os sete anos de viagem, Brandão e seus frades desceram em doze dessas ilhas, sendo que em quatro delas voltavam anualmente (ilha das ovelhas, ilha-baleia, ilha das aves e ilha da comunidade de Ailbeo). Em sua maioria, as ilhas serviam de descanso para os viajantes, um lugar agradável, com uma natureza rica e abundante, onde se alimentavam e pegavam mais provisões para viagem. As ilhas também aparecem como o palco privilegiado, onde os viajantes presenciavam maravilhas divinas (milagres), naturais (animais que falam e frutas enormes) e mágico/diabólico (águas com poderes mágicos).

²⁵² KAPPLER, Claude. Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média. São Paulo: Martins Fontes, 1993, pp. 24.

²⁵³ Ibidem. p.15.

Jacques Le Goff²⁵⁴ destaca que as ilhas são geralmente relacionadas a maravilhas positivas e admiráveis, sempre vinculadas a muita riqueza. Segundo ele, “ilhas como a Irlanda e a Sicília, na Cristandade, e o Ceilão (Taprobana), no Oriente pagão, são, na tradição da Antiguidade, ilhas ‘afortunadas’ repletas de metais preciosos, de riquezas animais e naturais”²⁵⁵. Claude Kappler também chama nossa atenção para a predileção especial das ilhas no imaginário. De acordo com Kappler, por ser um universo fechado, dobrado em si mesmo, a ilha é “um lugar onde o maravilhoso existe por si mesmo, fora das leis comuns e num regime próprio: é o lugar do arbitrário”²⁵⁶. Assim, por natureza, as ilhas aparecem, desde a antiguidade, como um lugar “fora da lei”, ou seja, um lugar que não obedece às regras comuns do continente, e por isso, elas se tornaram “os lugares prediletos para as aventuras humanas e divinas mais notáveis”²⁵⁷. Além da riqueza e abundância natural e maravilha das ilhas, o relato de Brandão apresenta a ilha como o lugar da liturgia, onde são celebradas as principais festas litúrgicas (Páscoa, Pentecostes e Natal). Como já vimos os elementos simbólicos de cada uma das quatro ilhas que faziam parte do percurso obrigatório estavam relacionados à comemoração realizada na ilha: na ilha das ovelhas, celebravam a Ceia do Senhor; na ilha-baleia, o domingo da ressurreição; nas ilhas das aves, o Pentecostes; e na comunidade de Ailbeo, o Natal. No entanto, o texto não fornece apenas referências positivas das ilhas, nele também encontramos descrições negativas: a ilha rochosa, localizada próximo ao inferno, e o próprio inferno, que é descrito como uma ilha. Na descrição de ambas encontramos aspectos ligados a pobreza, seja do solo ou da vegetação, e ao sofrimento, um lugar com muito barulho, fogo, onde são ouvidos choro e gritos.

O mar é outro lugar relevante na viagem de Brandão e seus companheiros. Nos sete anos que levaram até chegarem ao Paraíso, eles passavam muito tempo navegando no mar, muitas vezes sem direção certa, levados pelo vento de um lado para outro. Assim como as ilhas, o mar também é um território privilegiado do imaginário medieval. O mar é o lugar do desconhecido, e por isso, suscitava antes de tudo medo, medo das viagens e de monstros, mas, não apenas isso, também é o lugar do refúgio, o deserto, onde o eremita encontra sua morada. Jacques Le Goff, em “O Imaginário Medieval”²⁵⁸, mostra como no Ocidente, um mundo temperado e ausente de grandes extensões áridas, o deserto, ou seja, a solidão foi vivenciada

²⁵⁴ LE GOFF, Jacques. “Maravilhoso”. In: LE GOFF, Jacques; SCHMIT, Jean-Claude (coordenação). Dicionário Temático do Ocidente Medieval. v. 2. Bauru, SP: EDUSC, 2006. pp.

²⁵⁵ LE GOFF, Jacques. “Maravilhoso”. in: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (coord).v. 1. op.cit. pp.115.

²⁵⁶ KAPPLER, Claude. op.cit. pp. 36.

²⁵⁷ KAPPLER, Claude. op.cit. pp. 37.

²⁵⁸ LE GOFF, Jacques. O Imaginário Medieval. Editorial Estampa: Lisboa, 1994. p. 85

em lugares selvagens, isto é, lugares que estavam nas margens da atividade humana: o mar e a floresta, os equivalentes ocidentais do deserto oriental. Dessa forma, vários monges, especialmente celtas e nórdicos, se aventuraram no mar, fazendo dele o lugar de uma vida ascética. Não é por acaso, que a *Navegação de São Brandão* aconteça no mar, que por natureza é o lugar de aventura e provações. Em vários momentos da viagem, Brandão e seus frades, passam por perigos (ataque de animais monstruosos e dos demônios) e privações (fome, sede e cansaço físico) quando estão navegando no mar. Além disso, podemos notar que em todas as vezes que estavam no mar, Brandão e seus frades ficavam um longo período à deriva, sem ver nada além do céu e do mar, ou são levados pelo vento de um canto para outro do oceano. Vemos na narrativa, que é a presença ou a ausência do vento, que determina o ritmo e o percurso da viagem. O vento aparece então como um elemento importante, pois ele representa a vontade divina que conduzia o percurso dos viajantes até o Paraíso. Isto revela outra característica do deserto-mar: ele é o lugar de todas as Teofanias, da manifestação divina, seja através de seres ou de fenômenos impressionantes da natureza.

Portanto, vemos que a imagem do deserto-mar presente na *Navegação de São Brandão* revela a forte influência do Oriente nos modelos culturais do Ocidente. Em primeiro lugar da Bíblia, onde encontramos duas imagens do deserto: no Antigo Testamento, encontramos uma complexa e evolutiva imagem do deserto, que vai desde o deserto da Gênese (deserto do caos original) até o deserto do Sinai de Moisés e do Êxodo do povo judaico, lugar da vida errante e de desprendimento; no Novo Testamento, a imagem do deserto bíblico se modifica, “deserto era no Antigo Testamento tanto um lugar como uma época”²⁵⁹, uma época da história sagrada, onde Deus educou seu povo, “para Jesus, o deserto da Judéia, onde vivia João Batista era um lugar perigoso, um lugar mais de tentações que de provações”²⁶⁰. A imagem do deserto no Ocidente também tem uma influência relevante de obras orientais como a *Vida de Antão*, que alcançou muito sucesso no Ocidente. O êxito dessas “epopéias do deserto” ajudou a fundar os grandes temas da hagiografia e também da espiritualidade do deserto. Nesses textos, o deserto pode ser um monte, uma gruta ou mesmo uma palmeira, onde geralmente o eremita se alimenta dos frutos das árvores ou do alimento trazido por algum animal. Além disso, o deserto também é o lugar do maravilhoso, onde monstros aparecem e temíveis demônios assaltam.

O relato também revela uma forte ligação entre tempo e espaço. O percurso fixo anual era composto por quatro celebrações (tempo), e por quatro ilhas (espaço): a Ceia do Senhor,

²⁵⁹ Ibidem. p.85.

²⁶⁰ LE GOFF, Jacques. O Imaginário Medieval. op.cit. pp. 85.

representação do sacrifício salvífico de Cristo, é celebrada na ilha das ovelhas, onde os viajantes sacrificam uma ovelha e um cordeiro, reconstituindo a morte de Cristo, o cordeiro de Deus; o Domingo de Páscoa (Domingo de Ramos), dia da ressurreição de Cristo, é celebrado em cima de um grande peixe (Jascônio), numa clara analogia entre Jonas e Cristo (ao escapar do ventre da baleia, Jonas pré-figura a ressurreição do Jesus); o Pentecostes, festa onde os cristãos comemoram a descida do Espírito Santo, é celebrado numa ilha habitada por muitas aves, justamente o animal que, na tradição cristã, representa o Espírito Santo (representado por uma pomba); por último, o Natal, data onde se celebra o nascimento de Jesus, a luz de Deus, é comemorado na ilha da Comunidade de Ailbeo, onde Brandão presencia uma luz espiritual que aparece no mosteiro. Vê-se, claramente, que a comemoração de cada festa num determinado lugar não era aleatória ou sem propósito, as características de cada lugar relacionavam-se com o significado da celebração.

Outro elemento é a liturgia. Em sua origem, a palavra liturgia vem do grego (*leitourgía*), que significa obra ou dever público. Segundo a Enciclopédia Católica²⁶¹, em Atenas, liturgia era uma ação, um serviço público prestado pelos cidadãos mais ricos aos necessitados. Semelhantemente, na liturgia cristã, temos: Deus (todo-poderoso) concedendo graças aos homens (eternos dependentes dele). Na tradição cristã, a liturgia é celebração, um culto oficial e público prestado a Deus. No seio dessa liturgia cristã oficial destacam-se a missa (ou celebração eucarística), onde se revive a Última Ceia e a Crucificação de Cristo, e a liturgia das horas (ou Ofício Divino), que é a oração pública e comunitária oficial da Igreja, ela consiste basicamente na oração quotidiana em diversos momentos do dia, através de Salmos e cânticos, da leitura de passagens bíblicas e da elevação de preces a Deus. Desse modo, liturgia significa também todo o complexo de serviços oficiais, todos os ritos (dentre eles a Missa), cerimônias, orações e sacramentos da Igreja.

Durante toda a viagem, Brandão e seus frades celebram missas, rezam o Ofício Divino (liturgia das horas) ou mesmo fazem orações. Existem várias menções sobre estas atividades no texto, como por exemplo, quando passam a noite em cima do Jascônio, diz o relato que “*cada uno celebra una misa*”, ou ainda, as inúmeras referências a celebração do Ofício Divino (na ilha sem habitantes, na ilha das ovelhas, na ilha das aves, entre outras). Dessa forma, a viagem é cheia dessas atividades, que fazem parte do dia a dia de Brandão e seus companheiros. É preciso ressaltar a presença marcante da liturgia das horas na narrativa, ela

²⁶¹ The Catholic Encyclopedia. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/cathen/09306a.htm>>. Acesso em 10 maio de 2012.

aparece principalmente em dois momentos: na ilha das aves e na ilha dos homens fortes; nestas duas ilhas fica clara como ela marca a atividade diária de seus habitantes. A importância das horas canônicas está no fato de que elas servem de referência para os acontecimentos narrados, pois diversas vezes o narrador diz que tal coisa aconteceu na hora nona ou na terça ou nas vésperas.

Entretanto, acima de qualquer coisa, a liturgia cristã é uma celebração do mistério de Cristo, particularmente de seu mistério pascal, ou seja, a ressurreição de Cristo. Daí entende-se a primazia do tempo litúrgico na sociedade medieval, um tempo cíclico, que torna incessantemente um passado fundador em presente na mente de cada cristão. Este tempo litúrgico é marcado pelas principais festas que estruturam o calendário cristão: o ciclo da Páscoa, que é precedido pela Quaresma, culmina na Semana Santa (do Dia de Ramos à Ressurreição) e vai até a Ascensão e Pentecostes; e o ciclo do Natal, que começa com o Advento (que ocorre em quarenta dias antes da Natividade) e vai até os doze dias da Epifania. O sucesso do calendário litúrgico demonstra o poder do tempo litúrgico, que determina vários aspectos da vida dos homens e mulheres (os ritmos do trabalho e do repouso; a alimentação, por exemplo, a abstinência da Quaresma; e também a atividade sexual, proibida aos domingos e nas festas importantes). Já vimos como esse tempo litúrgico, cíclico, aparece na narrativa da viagem de Brandão. Vistas em conjunto, as festas revividas, todo ano, por Brandão em seu percurso obrigatório, são uma celebração memorial dos eventos fundadores da vida de Cristo. Essa liturgia anual tem uma função muito especial e extremamente relevante: ela atualiza o sacrifício de Cristo, tornando-o sempre presente. Dessa forma, ao reviver anualmente os principais eventos da vida de Cristo, Brandão e seus frades celebram o mistério de Cristo.

A eucaristia também é um elemento relevante na viagem do abade Brandão em busca do Paraíso. A eucaristia, principal sacramento da Igreja, tornou-se ao longo do tempo sinônimo de Ceia do Senhor. Todavia, a origem grega da palavra eucaristia (*eucharistia*) significa agradecimento. Por muito tempo, o termo foi usado para indicar as ações de graça antes das refeições. Outro sentido relacionado à eucaristia é o de comunhão. É verdade, que este sentido só será forte a partir do século XII, graças às certas práticas reformadas (que culmina com a configuração da tríade pregação-confissão-comunhão). Porém, não obstante, a palavra eucaristia esteve sempre ligada à refeição ou alimento, que tem uma correspondência simbólica com comunhão.

Portanto, eucaristia significa alimento. E, nesse sentido, a Navegação de São Brandão é particularmente rica. Durante seu percurso ao Paraíso, Brandão e seus companheiros precisavam de alimento. As provisões alimentícias, tão importantes para qualquer viagem, são

necessárias para a continuidade da própria viagem e para a saúde do ser humano, pois necessita se alimentar para viver. Exceto em períodos de Jejum, forçado ou voluntário, não é natural ficar sem se alimentar. Dessa forma, são inúmeras as referências a refeições no relato de Brandão (tanto nas ilhas, como no mar) como também diversas vezes eles recebem provisões para a viagem. Em todas as dez ilhas que visitam antes de chegarem ao Paraíso, os viajantes comem ou bebem alguma coisa: água, raízes, verduras, frutas, pão ou carne. A dieta dos viajantes é variada, indo de acordo com o alimento que cada ilha oferecia: na ilha das ovelhas e na ilha das aves, alimentam-se de comidas e bebidas diversas; mas, na ilha de Paulo, o eremita, eles só se alimentam com água. Para poder se alimentar, os viajantes algumas vezes precisam fazer alguma coisa (colher ou preparar): na ilha sem nome, Brandão e os frades montam uma tenda e precisam pegar e preparar o seu próprio alimento. Entretanto, na maioria das vezes, o alimento aparece ou é trazido para eles sem que eles façam nada: na ilha sem habitantes, o alimento surge na mesa sem que ninguém o leve; na ilha da Comunidade de Ailbeo, o pão é levado aos monges por alguém desconhecido; quando navegavam no meio do mar veio até uma ave gigante, que trazia em seu bico um cacho de uvas enorme; ou ainda, um homem reaparece várias vezes com alimentos para os viajantes. Do primeiro ao sexto ano da viagem, este provedor servirá ao santo abade, aparecendo anualmente em dois lugares específicos: na ilha das ovelhas, no dia da Ceia do Senhor, e na ilha das aves, no dia de Pentecostes. Todas as duas aparições estão relacionadas com alimento, apenas no último ano da viagem, ele revela outra função: a de guia, conduzindo São Brandão, juntamente com seus frades, ao Paraíso. Alguns alimentos tinham alguma característica surpreendente: as frutas gigantes da ilha dos homens fortes ou água com poderes mágicos da ilha da fonte sonífera.

Somado ao sentido material do alimento, existe também um sentido espiritual. Numa viagem espiritual, você precisa de um alimento espiritual. No início da narrativa, quando Barinto termina de relatar sua viagem ao Paraíso, Brandão diz: *“El Señor es justo en todos sus caminos y piadoso en todas sus obras, porque revelo a sus siervos tan grandes y tales maravillas, y bendito en sus dones, porque hoy nos ha alimentado con tal comida espiritual”*²⁶². Brandão recebe as palavras de Barinto como alimento espiritual, um alimento que supre a necessidade da alma. Na celebração eucarística, ou seja, na Ceia do Senhor, o pão e o vinho têm duplo significado, eles são ao mesmo tempo alimento material e espiritual: corpo e sangue de Cristo. Como vimos, os viajantes comemoram a Ceia do Senhor nos sete anos da viagem na ilha das ovelhas. É significativo que eles celebrem a Ceia do Senhor,

²⁶² GONZÁLEZ, Fremiot Hernández (edição). Navegación de San Brendán. Madrid: AKAL, 2006, p.44.

representação do sacrifício de Cristo, nesta ilha, que era povoada por cordeiros e ovelhas, dois animais que representam o próprio Cristo. Na interpretação cristã ao livro de Isaías, Cristo é comparado tanto a um cordeiro, que é levado ao matadouro, como a uma ovelha muda, que permanece calada diante de seus torturadores. Interessante que, quando chegam à ilha das ovelhas, no primeiro ano de viagem, Brandão diz aos frades: “*Hagamos el sacrificio a Dios de la hostia inmaculada, porque hoy es la Cena del Señor*”²⁶³. Depois disso, Brandão ordena aos frades que peguem do rebanho o necessário para o dia da festa. E eles pegaram uma ovelha e um cordeiro imaculado. Nenhum dos dois animais demonstrou resistência, seguindo docilmente o frade até o lugar onde estava Brandão. A atitude dos animais demonstra, assim, a atitude de Cristo, o cordeiro de Deus. A única vez que a Ceia é celebrada fora da ilha das ovelhas, foi na ilha sem habitantes, quando Brandão ministra a eucaristia para o frade que está prestes a morrer.

É preciso ainda ressaltar a presença de três importantes elementos simbólicos na narrativa: os animais, as cores e os números. Antes de analisar separadamente cada um deles, precisamos que “na simbólica medieval os elementos significantes (animais, cores, números, etc) não têm, como as palavras, sentido neles mesmos, apenas nos usos”²⁶⁴.

Não é possível ler a *Navegação de São Brandão* sem notar a presença de vários animais. Em vários momentos, nos deparamos com animais relacionando-se com os viajantes. Encontramos cachorro, ovelha, peixes, aves, e também animais monstruosos, como o Jascônio e o Grifo. Todos esses animais, domésticos, selvagens ou maravilhosos estavam presentes no cotidiano e no imaginário da sociedade medieval. Na maioria das vezes, estes animais têm uma atitude de submissão diante de Brandão e seus frades: na ilha sem habitantes, os viajantes são surpreendidos por um cachorro, que vai até os pés de São Brandão, “*tal como suelen venir los perros hasta los pies de su amo*”²⁶⁵; na ilha das ovelhas, quando os frades pegam uma ovelha e um cordeiro, ambos não oferecem resistência; os viajantes celebraram o domingo de páscoa em cima do Jascônio, que não oferece resistência, permanecendo imóvel durante toda noite até a manhã do dia seguinte; na ilhadas aves, uma das aves conversa com Brandão, relatando o percurso e a duração de sua viagem; um animal gigante defende-os do ataque de outro animal; e, por último, dois animais maravilhosos que os defendem do ataque de outros animais (uma ave gigante, que também traz comida para os viajantes, e outro animal não

²⁶³ Ibidem. p.50.

²⁶⁴ PASTOUREAU. Michel. op.cit., pp. 506.

²⁶⁵ GONZÁLEZ, Fremiot Hernández (edição). Navegación de San Brendán. Madrid: AKAL, 2006, p.47

identificado). Em todos estes momentos, a atitude dos animais revela a posição superior dos homens diante dos animais. Esta relação entre homens e animais estava baseada no relato da Criação do mundo descrito no livro de Gênesis. Segundo o texto sagrado, depois de criar a natureza (mundo físico) e os animais irracionais (peixes, aves e toda espécie de animais terrestres), Deus criou o homem, colocou-o acima de todos os animais. Assim, a relação hierárquica de dominação dos homens para os animais é estabelecida pelo próprio Deus.

Contudo, nem todos os animais têm uma atitude submissa diante dos viajantes. Brandão e seus companheiros foram duas vezes ameaçados por animais, que tentaram atacá-los. Essas situações revelam que, apesar de serem considerados superiores aos animais, os homens não deixam de temê-los. Dessa forma, vemos que a atitude do homem diante de alguns animais era de desconfiança e medo: os dois animais monstruosos que ameaçam os viajantes causam pavor nos frades; os frades demonstram também certo medo de estar em cima do Jascônio; quando passam pelo mar translúcido, ficam apavorados com os animais que estão no fundo do mar. Dessa maneira, sempre que estavam diante de animais monstruosos, os viajantes sentiam medo, mesmo se estes animais não os ameaçassem. Por último, quero salientar a importância dos animais para a alimentação de Brandão e aqueles que estão com ele, seja fornecendo o alimento (como a lontra que alimenta Paulo, o eremita, e a ave que leva comida para Brandão), seja sendo o próprio alimento (como é o caso dos peixes e do animal esquartejado na primeira luta).

A categoria de elementos simbólicos são as cores, especialmente, o branco, que tem uma grande incidência no texto. Algumas cores ganham um significado especial na sociedade medieval. O caráter fortemente simbólico do pensamento medieval confere às cores um sentido que ultrapassa a própria cor, podendo exprimir sentimentos e anseios. Assim, no percurso de sua viagem, Brandão encontra-se com animais (aves, ovelhas e cordeiro), alimentos (pão e frutas), objetos (vestes), parte do corpo (cabelos) e elementos naturais (nuvem), todos eles descritos como branquíssimos. Esta presença constante do branco em diversos momentos do texto, possivelmente revela o caráter maravilhoso dos espaços visitados por Brandão. Mas, também podemos analisar o sentido particular de cada um desses objetos ou elementos: os animais brancos significam pureza e perfeição; o alimento branco denota sua origem divina; os objetos e os cabelos brancos estão relacionados com a idade (a veste branca representa a infância, e os cabelos brancos, a velhice); e, por último, os elementos naturais brancos (ou mesmo reluzentes), aparecem ligados à glória ou a outros atributos do próprio Deus. Assim, o conjunto desses vários seres, objetos e elementos naturais indicam a pureza e a perfeição constantes no caminho que leva ao Paraíso.

Além do branco, temos na narrativa: o preto (menino negro), que representa o diabo e seus demônios; o vermelho, (na ilha dos homens fortes, temos dois elementos com essa cor: frutas e as vestes dos anciãos) que normalmente é vista como sinal de prestígio; e o jacinto (vestes dos jovens que moram na ilha dos homens fortes). É preciso dizer, ainda, que de acordo com o uso e a interpretação, as cores podiam ter vários sentidos e significados. Na viagem de Brandão, assim como no mundo medieval, as cores só podem ser interpretadas através de sua relação com outros elementos. Nunca é demais lembrar que “na simbólica medieval, como em qualquer outro sistema de valores ou de correspondências, nada funciona fora do contexto”²⁶⁶.

Os números são a terceira categoria de elementos. A quantidade dos números presente no relato é muito grande. Eles estão em todo o relato, marcando principalmente o tempo (dias e horas) percorrido de um lugar para outro. Contudo, o que nos interessa é o significado simbólico, e mesmo ontológico, de alguns números presentes na narrativa da *Navegação de São Brandão*. Falaremos sobre quatro números: 3, 40, 4 e 7. Os dois primeiros, 3 e 40, foram escolhidos, pois aparecem muitas vezes no texto, enquanto, os números 4 e 7, por representarem respectivamente o percurso anual da viagem e a duração da mesma.

O número 3, desde muito cedo, é considerado um número perfeito. Aristóteles defendia que começo, meio e fim constituem o todo. Esse raciocínio, contudo, era de ordem biológica, insistindo na capacidade de todo ser humano de crescer, desenvolver-se e reproduzir-se. Assim, a vida seria uma logo uma sucessão de três fases: crescimento, estabilidade e declínio. Agostinho Paravicini Bagliani afirma que “a tradição cristã apossou-se bem cedo do esquema antigo das três idades da vida. Essa tripartição via-se corroborada pelo trio agostiniano de nascimento, trabalho e morte”²⁶⁷. Esse esquema foi retomado por vários autores medievais, como Gregório Magno que identificou as três vigílias mencionadas por Cristo (Lucas 12,38) com as idades da vida: infância, adolescência e velhice (todos os grandes autores da Alta Idade Média retomam este esquema, entre eles: Beda, Smaragde, Honório Augustodunensis). Na *Navegação*, o número 3 também aparece relacionado com a ideia de fases da vida: na “ilha dos homens fortes”, Brandão encontra três grupos de indivíduos: o primeiro é composto por crianças (com vestes brancas), o segundo por jovens (vestidos de jacinto), e o terceiro de anciãos (com vestes púrpuras). Como vimos, há uma relação simbólica entre cada coisa/objeto e sua cor, dessa forma, as cores das vestes de cada grupo

²⁶⁶ PASTOUREAU, Michel. Símbolo. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (coord). Dicionário Temático do Ocidente Medieval. V. 2. São Paulo: EDUSC, 2006, pp. 505.

²⁶⁷ BACLIANI, Agostino Paravicini. Idades da Vida. In: LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude (coord) Dicionário Temático do Ocidente Medieval. v.1. São Paulo: EDUSC, 2006, pp. 554.

“exprimem os sentimentos inspirados na sociedade medieval pelas três idades da vida: vermelho, branco ou preto, cores prestigiosas, para a maturidade e a velhice; ruivo e verde, cores suspeitas, para juventude. O branco (inocência) pode também ser atribuído à infância, e o azul-violeta (jacinto) à juventude”²⁶⁸. Além desse sentido, o número três aparece relacionado com períodos de espera ou preparação: antes de viajarem, Brandão e seus frades passam três dias na ilha do Abade Enda; no primeiro ano de viagem, para poder entrar na ilha sem habitantes e na ilha da Comunidade de Ailbeo, os viajantes precisam rodeá-las por três dias; no segundo ano, Brandão passa três dias na ilha sonífera, esperando seus frades acordarem; neste mesmo ano, eles ficam três meses em uma ilha (ilha sem nome), esperando melhores condições para a navegação (porque no mar havia tempestade, vento muito forte, instabilidade do ar e granizo); eles também passam três dias na ilha das ovelhas, onde celebram a Ceia de Cristo. Essa associação do número três com períodos de espera ou preparação aparece na Bíblia: no livro de Jonas, o profeta passa três dias dentro do ventre da baleia para depois cumprir a sua missão (pregar para os moradores de Nínive); outro exemplo é o de Jesus, que depois de sua morte passa três dias no seio da terra. As circunstâncias das histórias de Jonas e de Jesus são diferentes, pois Jonas acabou no ventre do peixe por causa de sua desobediência, enquanto Jesus passou pela morte, ficando três dias no seio da terra antes de sua ressurreição, por obediência. Porém, não obstante isso, as duas histórias marcam o número três como um período de tempo de espera, um momento de preparação para um determinado acontecimento. Jonas, depois de três dias no ventre do peixe, ora a Deus e pôde sair daquela situação. Do mesmo jeito, Brandão e seus frades, depois de três dias com alguma dificuldade (sem lugar para ficar, sem comida ou bebida), oram a Deus e recebem o que precisam.

Outro número bastante mencionado na narrativa de Brandão é 40, relacionado com períodos de dificuldades e de penitência: Brandão e seus frades fazem um jejum de quarenta dias antes de começar a viagem; rodeiam por quarenta dias a ilha da comunidade de Ailbeo; e também, por três vezes, navegam por quarenta dias, sem rumo certo e com pouca comida. Da mesma forma que o número três, encontramos no texto bíblico o número 40 marcando períodos de dificuldades ou privações: depois de sua saída do Egito, Israel passa quarenta anos no deserto até chegar a Canaã, sua terra prometida; contudo, o principal exemplo é o de Jesus, que passa quarenta dias no deserto, sem comer nada e sendo tentado pelo diabo. Assim, o número 40 terá sentido simbólico muito forte no Cristianismo, representando um período de

²⁶⁸ BACLIANI, Agostino Paravicini. op.cit. pp.554.

privações materiais, mas, de também de busca de Deus. Assim, a Quaresma entendida como um período de reflexão, oração e jejum, onde o cristão deve se preparar para a Páscoa. Da mesma forma, depois de sete anos viajando em busca do Paraíso, Brandão precisou navegar quarenta dias antes de alcançar seu alvo.

Os dois últimos números que iremos analisar são o 4 e o 7. Como dissemos anteriormente, ambos os números estão ligados ao percurso da viagem de Brandão: o número 4 representa o percurso anual obrigatório da viagem, composto por quatro celebrações (Ceia do Senhor, Domingo de Páscoa, Pentecostes e Natal) em quatro lugares distintos (ilha das ovelhas, em cima do Jascônio, na ilha das aves e na ilha da comunidade de Ailbeo); o número sete representa a quantidade de anos que levaram navegando até chegar ao Paraíso. Entretanto, para entendermos o sentido desses números para a narrativa, precisamos antes recuperar seu significado para o Cristianismo, e conseqüentemente, para sociedade medieval. O número 4 aparece inúmeras vezes na Bíblia: as quatro estações criadas por Deus no quarto dia da criação, os quatro rios do Paraíso, as quatro gerações de povos (de Adão a Noé, de Noé a Abraão, de Abraão a Moisés, de Moisés ao Cristo), os quatro evangelhos e as quatro criaturas diante do trono de Deus (Apocalipse 4:6). A combinação do simbolismo cristão do número 4, com alguns elementos antigos, possibilitou uma série de relações de grande sucesso. Dentre elas, destacamos a combinação entre as quatro estações e o famoso esquema das quatro idades da vida (*pueritia, iuventus, senectus e senium*), que criava uma relação entre o mundo físico e homem. Assim, “o número 4 permitia então a mais perfeita combinação com o próprio fundamento da antropologia antiga e medieval, segundo a qual o homem é um microcosmo, ou seja, um cosmo em miniatura. O homem, inclusive o ritmo de sua vida, faz parte da ordem da natureza e de Deus”²⁶⁹. A adoção deste esquema quaternário por inúmeros autores cristãos acabou acrescentando novos elementos: Ambrósio acrescentou os quatro pontos cardeais; em Marciano Capela, “às quatro estações e às quatro idades da vida correspondem as quatro regiões do céu, e aqui embaixo os quatro vícios e as quatro virtudes”²⁷⁰. Na *Navegação de São Brandão*, os viajantes precisavam cumprir o mesmo percurso durante todos os anos da viagem: quatro celebrações em quatro lugares distintos. Este percurso obrigatório divide cada ano em quatro paradas (ilha das ovelhas, Jascônio, ilha das aves e ilha da comunidade de Ailbeo) em quatro tempos (Ceia do Senhor, domingo de páscoa, pentecostes e Natal).

Somado a isto, também podemos ver a ligação entre as celebrações, os lugares e os quatro elementos naturais (água, ar, terra e fogo): a Ceia do Senhor, que ilustra o sacrifício do

²⁶⁹ BACLIANI, Agostino Paravicini. op.cit. p.557.

²⁷⁰ BACLIANI, Agostino Paravicini. op.cit. p.557.

cordeiro de Deus, é comemorada na ilha das ovelhas, animal que vive na terra; o Domingo de Páscoa, marca a ressurreição de Cristo, que como Jonas escapa da morte, é celebrado em cima de um grande peixe, animal que vive na água; a Pentecostes, dia da descida do Espírito Santo (pomba), é celebrado na ilha das aves, animal que vive no ar; e o Natal, dia do nascimento de Jesus, a luz de Deus, é comemorado na ilha da comunidade de Ailbeo, onde uma luz espiritual surge iluminando o lugar, assim como o fogo. Dessa forma, a narrativa da Navegação mistura o simbolismo cristão do número 4, com elementos antigos, relacionando quatro festas litúrgicas, quatro lugares maravilhosos e os quatro elementos naturais.

O simbolismo cristão do número 7 é mais conhecido. Segundo o livro de Gênesis, Deus criou a terra e tudo que nela há, em seis dias, descansando no último dia. Este relato servirá de ilustração para o homem, que, à semelhança de seu criador, também deve dedicar seis dias ao trabalho e um ao descanso. A introdução da semana, calcada no modelo bíblico dos sete dias da Criação do mundo, foi uma inovação decisiva e muito importante, “ela constitui a base do tempo litúrgico, pois é adotada, então, a regra de uma comemoração hebdomadária do sacrifício do Cristo”²⁷¹. O sétimo dia era então o “dia do Senhor”, um elemento determinante do ritmo da vida. A Idade Média vive então uma dualidade entre seis dias de atividades, que correspondem aos seis dias da criação, e o sétimo dia de repouso, que deve ser consagrado ao culto divino, e também à sociabilidade (festas e reuniões). Neste dia também estavam vetadas as atividades guerreiras e o trabalho era apenas liberado em poucas exceções (por exemplo, em períodos de colheita). Na Navegação, a viagem de Brandão ao Paraíso dura sete anos. Durante seis anos, os viajantes navegam pelo oceano percorrendo seu percurso obrigatório, conhecendo muitas ilhas e presenciando várias maravilhas, apenas no sétimo ano, eles podem enfim alcançar seu objetivo, chegando ao Paraíso. Este fato é muito significativo, pois revela uma analogia entre os sete dias da Criação, os sete dias da semana e os sete anos de viagem de Paraíso. Assim como Deus, após completar seu trabalho, descansou no sétimo dia, cada cristão deveria cumprir suas atividades em seis dias, dedicando o sétimo dia para culto divino. Da mesma forma, Brandão e seus frades, passam seis anos navegando, encontrando o Paraíso no sétimo ano. Dessa forma, o número 7 está ligado à ideia de perfeição, de completude e inteireza.

É importante dizer que, assim como outros elementos simbólicos, os animais, as cores e os números que analisamos, ganham mais força simbólica quando analisados em conjunto. Segundo Pastoureau, “em todo sistema simbólico, a estrutura sempre predomina sobre a

²⁷¹ BASCHET, Jérôme. op. cit, p. 304.

forma, e o conjunto das relações que os diferentes elementos estabelecem entre si é sempre mais rico de significados do que a soma das significações isoladas que tem cada um desses elementos ”²⁷². Dessa forma, o conjunto dos elementos (animal, cor e número, etc.) revela um simbolismo ainda mais rico. Na *Navegação de São Brandão* temos bons exemplos disso, em vários momentos da narrativa, encontramos dois ou mais elementos simbólicos associados, seja ele um animal, uma cor, um número ou mesmo outros signos: na ilha das ovelhas, eles encontram um rebanho enorme de ovelhas gigantes e branquíssimas; a ilha das aves, eles encontram um grande rebanho de aves brancas que cantam e recitam Salmos durante todo dia; os cabelos de Paulo, eremita, eram longos e branquíssimos. Contudo, é preciso dizer que não pretendemos fazer uma extensa análise de cada elemento simbólico, mas, antes de qualquer coisa, nossa exposição tem o objetivo de mostrar como cada elemento aparece na narrativa, isto é, como alguns animais, cores e números são usados, e como cada um desses elementos simbólicos corresponde a elementos da cultura medieval.

Não podemos esquecer que a viagem de São Brandão é realizada no além, terreno privilegiado do imaginário. Como qualquer espaço medieval, o além é concebido como um lugar, um “recipiente das coisas que se encontram nele ”²⁷³. Para o pensamento medieval existe uma ligação muito importante entre cada lugar e as coisas existentes neles. Essa característica é muito relevante, pois liga cada lugar e sua coisa de maneira impressionante: assim como o lugar é determinado pelas coisas existentes (objeto, ser, etc.), da mesma forma que cada coisa existente encontra sua razão no lugar em que está contida. Dessa forma, a presença dos elementos simbólicos no além é determinante para a existência dele, assim como é o além que dá sentido a cada elemento (que abriga em si as qualidades do próprio além). Dessa forma, cada elemento simbólico presente na *Navegação* é ao mesmo tempo, ele mesmo e parte do além, pois entre o além e ele há relações de correspondências e de afinidades.

Até agora mostramos como a viagem de São Brandão ao Paraíso serve de modelo para a sociedade medieval, na medida em que ela concretiza o maior anseio de todo cristão: alcançar a salvação, ou seja, entrar no Paraíso. Já ressaltamos a presença de cinco elementos importantes na narrativa: tempo, espaço, liturgia, eucaristia e três elementos simbólicos (cores, animais e números). Em conjunto, todos eles ajudam a conferir ao relato um caráter sagrado. Entretanto, ainda falta analisar o sexto elemento que aparece na estrutura da narrativa: a peregrinação.

²⁷² PASTOUREAU, Michel. op.cit. p.506.

²⁷³ BASCHET, Jérôme. op. cit. p.339.

No mundo medieval, a peregrinação era considerada uma experiência importante, embora não fosse obrigatória, já que apenas uma pequena porção da população medieval empreendeu efetivamente alguma viagem. Isto não invalida de maneira alguma a importância da peregrinação para sociedade medieval, que continuou por muito tempo a considerá-la uma experiência prática excepcional. A peregrinação tem na Idade Média um significado muito importante, na medida em que representa a metáfora da vida terrestre: “o homem na terra é um peregrino caminhado em meio às provações mundanas e desejando atingir sua pátria celeste a fim de gozar da ‘estabilidade da morada eterna’”²⁷⁴. Esta noção do homem como peregrino é reforçada por duas outras concepções presentes na antropologia cristã medieval: a do homem penitente, que precisa assegurar sua salvação pela penitência, e a do homem em marcha (*homo viator*), que está em permanente viagem nesta terra. De acordo com Le Goff, estas duas concepções do homem, “no decorrer da Idade Média, revelaram uma tendência para se transformarem numa concepção propriamente dita”²⁷⁵. Portanto, todo homem medieval, clérigo ou não, era fundamentalmente penitente, viajante e peregrino. No entanto, dentre todos os homens, os monges ilustravam bem a imagem do homem. Vivendo “fora do mundo”, o monge precisava romper com seu mundo cotidiano, com o quadro familiar da vida normal para dedica-se a uma vida ascética, na esperança de um dia alcançar sua salvação. Dessa forma, o monge representava o peregrino por excelência, um estrangeiro nesta terra.

No início da narrativa, Brandão estava em um momento de luta interior, pois algo lhe inquietava. Com a visita de Barinto, este estado inicial é mudado, com a decisão de viajar em busca do Paraíso. É interessante, que antes de iniciar a viagem, Brandão primeiro deixa seu monastério, depois vai até a comunidade do abade Enda (que teria sido seu tutor espiritual) e por último estala-se em sua terra natal. Esses três lugares representam o mundo cotidiano e familiar de Brandão: o monastério representa sua função social, o abade Enda representa sua história e sua terra natal representa sua origem. Assim, após romper com seu mundo e com seu quadro familiar, Brandão pôde então iniciar sua viagem, a sua peregrinação até o Paraíso, lugar da concretização da salvação de todo cristão. O que indica que não se tratava de uma entre tantas peregrinações; a viagem de Brandão ao Paraíso representa a peregrinação maior de todo cristão: a peregrinação da alma até sua salvação.

Portanto, quando dizemos que a viagem de Brandão é uma peregrinação, utilizamos a ideia original de *peregrinatio*, como um deslocamento de pessoas a lugares sagrados. Esta prática supõe, assim, uma viagem, uma prova física do espaço, que “faz com que o peregrino

²⁷⁴ BASCHET, Jérôme. op. cit. p. 358.

²⁷⁵ LE GOFF, Jacques (coordenação). O Homem Medieval. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p.12.

seja estrangeiro por onde passe”²⁷⁶. A peregrinação também supõe uma prova espiritual, uma caminhada que tem um fim específico, que confere ainda mais sentido à prova física e espiritual da viagem. Além disso, a peregrinação é um tempo privilegiado, “um tempo de festa e celebração”, durante o qual o peregrino pode, então, entrar em contato com lugares desconhecidos. No Ocidente medieval, esta peregrinação apresenta uma característica importante: a ênfase na rota em detrimento do lugar de destino. A peregrinação de Brandão segue essa característica; nela os percalços, o esforço físico do caminho, o distanciamento de um cotidiano confortável e o tempo necessário para a conclusão da viagem tem mais destaque que o próprio Paraíso. No relato, Brandão leva sete anos para chegar ao Paraíso, onde permanece apenas por quarenta dias. O papel essencial da rota revela a importância dos percalços para o sucesso da viagem. Brandão precisava cumprir o itinerário pré-estabelecido durante sete anos, o cumprimento dessa prova física e espiritual garantia o êxito de sua peregrinação. É interessante que, à medida que os anos passavam, os perigos e os sofrimentos também se tornam maiores. Nos últimos anos de viagem, Brandão e seus frades passam por um mar translúcido e por uma coluna de cristal, são atacados pelos habitantes da ilha rochosa, assistem a um frade ser levado ao inferno e se encontram com Judas, onde ficam mais uma vez frente aos sequazes do diabo. Todos estes acontecimentos culminam com o último ano de viagem, quando, enfim, eles alcançam seu objetivo. A austeridade da rota, renovada e intensificada a cada ano, mostra que a peregrinação de Brandão “inscreve-se numa intenção geral de sacrifício, de oferenda a Deus, aproximando o peregrino do sacrifício que é fonte de salvação – o do Cristo no calvário”²⁷⁷.

Uma característica peculiar da viagem do abade São Brandão ao Paraíso é a presença de uma dualidade interior/exterior. Ao longo de todo o percurso, os acontecimentos vividos, ou seja, cada ação revela um movimento duplo: à medida que Brandão vive cada momento, cumprindo anualmente seu percurso, ele se aproxima tanto exteriormente como interiormente do Paraíso. Assim, no início da Navegação, Brandão passava por um momento de luta interior, um momento de solidão. A partir da visita de Barinto, ele decide viajar, rompendo com seu mundo e penetrar no outro mundo. Em seu regresso do Paraíso, Brandão não é mais o mesmo, pois não pertencia mais ao mundo que deixou antes da viagem. Dessa forma, a viagem de Brandão pode ser vista como uma peregrinação tanto externa (do corpo) como interna (da alma).

²⁷⁶ SOT, Michel. Peregrinação. in: LE GOFF, Jacques, SCHIMITT, Jean-Claude (coord). Dicionário Temático do Ocidente Medieval. vol.2. São Paulo: EDUSC, 2006, pp. 353.

²⁷⁷ SOT, Michel. Peregrinação. op. cit. pp. 354.

Depois de passarem por lugares inóspitos, Brandão e seus companheiros se encontram com uma figurava especial: Paulo, o eremita. Este encontro marca um momento importante da peregrinação: marca o final do sexto ano e início do sétimo e último ano da viagem, quando, enfim, chegariam ao Paraíso. Brandão e seus frades passam apenas um dia na ilha do eremita Paulo, tempo suficiente para descansarem dos últimos acontecimentos. Durante sua estada na ilha, Brandão conversa com o eremita sobre sua vida na ilha, e o eremita disse a Brandão que vivia há noventa anos na ilha. Durante os trinta primeiros anos alimentou-se dos peixes trazidos a cada três dias por uma lontra, e há sessenta anos alimentava-se da água que brotava do manancial. O eremita tinha cento e quarenta anos e não tinha outra indumentária, senão o próprio cabelo do corpo. Brandão fica fascinado pelo o modo de vida do eremita Paulo, que diferente dele vivia “*en estado angelical*”, aposentado da carne e intacto dos vícios do corpo. O eremita, por sua vez, chama atenção de Brandão dizendo que Deus tinha reservado para ele uma experiência sem igual: presenciar inúmeros milagres. O eremita revela, pela primeira vez, a existência de um propósito divino no longo percurso da peregrinação de Brandão e seus frades. Depois disso, o ritmo da narrativa muda, e tudo culmina com o momento da chegada ao Paraíso: na ilha das ovelhas, eles se encontram com o provedor, que segue viagem com eles; na ilha-baleia, o Jascônio os acompanha até a próxima parada; na ilha das aves, todas as aves que estavam na ilha se despedem e entoam um salmo em uníssono. Essa sequência é interessante, pois ela nos dá a impressão de que em cada parada os viajantes estavam mais próximos do fim.

Brandão e seus frades seguem acompanhados do provedor, o homem que durante os seis anos da viagem, levou provisões para os viajantes. Agora, este provedor torna-se guia, aquele sem o qual eles não poderiam chegar até o Paraíso, a terra prometida aos santos. Depois de uma hora envoltos por uma neblina intensa, uma luz deslumbrante aparece, revelando-lhes uma terra ampla, coberta de plantas e cheia de árvores frutíferas. Durante os quarenta dias, os viajantes estiveram dando voltas na terra, porém não encontraram seu fim. O texto não traz uma descrição longa da terra, só diz que era uma terra muito grande, cheia de plantas e árvores frutíferas. Algumas características do Paraíso não são novas no texto, elas já tinham sido encontradas em outras ilhas, que também eram amplas ou tinham uma vegetação rica. Mas, percebe-se que aqui, as elas ganham mais destaque. Tudo nesta ilha, seu tamanho, sua vegetação, as pedras preciosas, demonstrava fartura e riqueza. Além dessas características, havia outra muito importante e única: na ilha não tinha noite, ou seja, sempre era dia. A total ausência de trevas indica que o Paraíso era um lugar de luz, porque era o lugar da luz, que é Cristo.

Após quarenta dias percorrendo a terra, eles se depararam com um rio enorme que corria no meio da ilha. Quando os viajantes param diante do rio, surge um jovem dizendo:

*He aqui la tierra que has estado buscado durante mucho tiempo. No pudiste encontrarla en seguida por esto, porque Dios quiso mostrarte distintos arcanos suyos en el inmenso oceano. Regresa a tu tierra natal, llevando contigo tantos frutos de esta tierra y piedras preciosas cuantos puedan caber en tu nave, pues ya se aproximan los días de tu peregrinaje para que duermas con tus padres.*²⁷⁸

As palavras do jovem mensageiro confirmam que, enfim, Brandão havia alcançado o alvo de sua viagem. Ele também afirma que havia um propósito especial no longo percurso de sete anos percorrido por Brandão: Deus quis mostrar a ele seus distintos segredos no imenso oceano. Assim, segundo o jovem, foi da vontade de Deus que Brandão percorresse esse trajeto, a fim de que fosse testemunha ocular de todos os seus feitos. Por último, o mensageiro diz a Brandão que ele deveria retornar à sua terra natal, levando com ele tudo que quisesse.

Dessa forma, Brandão e seus frades se preparam para partir do Paraíso. Eles não poderiam prosseguir dali, pois o rio, que dividia na metade aquela ilha, marcava também o final da viagem de São Brandão, o limite até onde ele poderia ir naquele momento. O rio representava a passagem definitiva para o além, que só poderia ser realizada com a morte. Dessa forma, o rio simbolizava a própria morte, que é a separação da alma e do corpo. Só com a morte, a alma, imaterial e imortal, pode se desligar do corpo, material e mortal, e, então, alcançar seu destino no além.

A chegada de São Brandão à terra da promessa, o Paraíso terrestre, completa apenas uma parte de sua peregrinação, a peregrinação do corpo, que depois de inúmeras provas físicas e espirituais chega ao seu alvo. Porém, a peregrinação de sua alma ainda continua até o momento em que ela, com a morte, poderá adentrar definitivamente o Paraíso celeste. Assim, os viajantes partem do Paraíso, levando muitas frutas e toda classe de pedras preciosas. Ficam mais três dias na ilha que se chamava “de las delicias”, ao final dos quais, regressam para sua terra natal. Quando chegam à sua comunidade, Brandão conta “*todo lo que recordaba que le había sucedido en el camino y cuantos milagros el Señor se digno presentarle*”²⁷⁹. Após seu encontro festivo com seus frades, o texto diz que Brandão “notó, debido a cierto testimonio, la inminencia de su muerte conforme a la predicción del joven en la tierra prometida a los santos”²⁸⁰. As palavras do jovem se confirmaram, pois pouco de tempo depois de preparar tudo adequadamente para seus sucessores Brandão “*confortado con los auxilios espirituales,*

²⁷⁸ GONZÁLEZ, Fremiot Hernández (edição). Navegación de San Brendán. Madrid: AKAL, 2006, p.83.

²⁷⁹ Ibidem. p.84.

²⁸⁰ Ibidem. p.84.

*emigro estando en manos de sus discípulos hacia el Señor, a quien se debe el horror y la gloria por los siglos de los siglos. Amén*²⁸¹.

Não há informações detalhadas sobre a viagem de volta de Brandão e seus frades, nem também sabemos quais teriam sido os preparativos feitos por Brandão antes de sua morte, o destino dos quatorze frades que o acompanharam e nem tampouco sabemos quanto tempo se passou de seu retorno ao monastério até seu óbito. O que sabemos é que pouco tempo depois de regressar de sua peregrinação São Brandão “*emigro estando en manos de sus discípulos hacia el Señor*”. É interessante que a edição espanhola da Navegação utiliza a palavra “emigró”, referindo-se à morte de Brandão. O que dá um sentido peculiar e muito significante, na medida em que a morte de Brandão marca a conclusão definitiva de sua peregrinação na terra. Com a morte, ele deixa de existir corporalmente neste mundo físico, para habitar definitivamente o Além.

A busca de São Brandão do Paraíso representa a busca de todo cristão pela salvação. Em seu percurso, Brandão passou por múltiplos perigos, provações, sofrimentos e ameaças do diabo e seus demônios. Contudo, venceu todas as dificuldades e ameaças, pois não estava sozinho, contava sempre com a provisão e a proteção divinas. Da mesma forma, o percurso de cada cristão até a salvação é longo e penoso, cheio de dificuldades e provações. Mas, assim como Brandão, ele não está sozinho. Neste campo de batalha do mundo, ele tem necessidade de ajuda, pois não poderia sozinho alcançar a salvação. Dessa forma, ele contará com “socorro insubstituível das instituições e, em primeiro lugar da Igreja, apenas a mediação desta pode atrair sobre ele a graça divina e lhe permitir evitar as emboscadas que semeiam o caminho da salvação”²⁸². Ao final de sua peregrinação, Brandão pôde realizar seu desejo, chegando até o Paraíso e podendo desfrutar de todas suas maravilhas. Da mesma forma, na religiosidade medieval, todos aqueles que mantêm uma vida virtuosa na terra alcançaram após a morte sua recompensa no Paraíso.

²⁸¹ Ibidem. p.84.

²⁸² BASCHET, Jérôme. op. cit. pp. 376.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Navegação de São Brandão apresenta uma dimensão importante e essencial da sociedade medieval: a ideia de que a vida terrestre era uma viagem. Nesta perspectiva, a busca de São Brandão pelo Paraíso revela muito mais que uma esperança, ela ilustra a viagem de toda a sociedade medieval até o lugar onde alcançariam sua tão desejada salvação, o Paraíso do Além ou Paraíso Celeste.

A crença no Além cristão conferiu à vida terrestre uma dimensão passageira, mas, também determinante, na medida em que, o destino dos cristãos medievais no Além era determinado por suas ações aqui. A narrativa da viagem de São Brandão ilustra essa ideia, quando mostra o destino dos três frades novatos, que recebem no Além a punição ou as recompensas por suas ações durante a vida. Assim, o relato serve de exemplo para a sociedade medieval, demonstrando as recompensas de uma vida virtuosa e as punições que poderiam acontecer a todos que vivem nos vícios. Dessa forma, a Navegação ressalta ainda mais a trama escatológica vivida pela sociedade cristã medieval no fim dos tempos, um julgamento final presidido por Cristo, definitivamente e para toda a eternidade, os bons para o Paraíso e os maus para o Inferno.

O importante papel do Além nesta sociedade explica o grande interesse e o profundo desejo que os medievais tiveram em conhecê-lo. Durante todo período medieval, existiram diversas formas de comunicação e de passagem para este “Outro Mundo”. Dentre essas formas e práticas, destacam-se as narrativas de viagens ao Além, que descrevem em detalhes as paisagens do além (seja o Paraíso ou o inferno).

Na Navegação, Brandão e seus companheiros viajam durante sete anos num espaço maravilhoso, onde conhecem várias ilhas maravilhosas (dentre elas: o inferno e o Paraíso). Durante a viagem, eles festejam as principais festas do calendário litúrgico (Páscoa e Natal), revivendo anualmente a vida e morte de Jesus. Eles também encontram inúmeras maravilhas e passam por vários perigos e percalços, estes, por sua vez, conferem dificuldade à rota de Brandão.

Dessa forma, a narrativa apresenta uma estrutura fundamental baseada em seis pontos: tempo, espaço, liturgia, eucaristia, elementos simbólicos (cores, números e animais) e peregrinação. O conjunto desses elementos é muito importante para o sentido do texto, conferindo um sentido sagrado ao percurso de Brandão. Assim, esta estrutura foi importante para a assimilação do cenário descrito na narrativa, pois o significado de cada um desses elementos vem principalmente dos padrões e dos símbolos da sociedade medieval. Desse

modo, desde o início do texto, cada registro, cada acontecimento nos conduz para um momento especial: a chegada ao Paraíso.

Como vimos, a narrativa descreve o Paraíso como um lugar de natureza abundante, uma terra ampla e cheia de árvores frutíferas e pedras preciosas. Assim, a imagem do Paraíso presente no texto nos remete ao Jardim do Éden, o Paraíso de delícias criado por Deus nos primórdios dos tempos. Porém, a narrativa não concebe este lugar como uma morada provisória, na qual os justos aguardam por momento do Juízo final. O Paraíso de Brandão é apresentado como um lugar definitivo, a terra onde os bem-aventurados moraram pela eternidade. O que nos mostra uma ambiguidade na imagem do Paraíso de Brandão. As características do Paraíso descritas no texto são compatíveis com a ideia de Paraíso terrestre, o jardim do Éden perdido e transformado em sala de espera dos justos; entretanto, o texto diz claramente que este Paraíso, a “terra prometida dos santos”, é a terra que será outorgada por Deus aos bem-aventurados, ou seja, o Paraíso celeste. Dessa forma, mesmo que o Paraíso de Brandão seja descrito como o Paraíso terrestre, ele não é entendido como um lugar de espera. A “terra prometida aos santos” que Brandão visita é a morada definitiva, o Paraíso celeste. Contudo, como Brandão poderia ter chegado ao Paraíso celeste por via marítima? Isso não é um problema para o texto. Ao que parece, a narrativa não distingue Paraíso terrestre e Paraíso celeste. O que explica o fato de que o Paraíso de Brandão, mesmo tendo as características de um Paraíso terrestre, seja entendido como o Paraíso do Além ou o Paraíso Celeste. Entretanto, esta pretensa ambiguidade da imagem do Paraíso descrito na Navegação é uma questão que ficará para outro estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES PRIMÁRIAS

Agostinho, *Confissões*. trad. Pietro Nasseti, São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.

BENEDEIT. *Le Voyage de Saint Brendan: édition bilingue*. Paris: Champion Classiques, 2006.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1985.

GONZÁLEZ, Fremiot Hernández (edição). *Navegación de San Brendán*. Madrid: AKAL, 2006.

NUNES, Carlos Alberto (edição). *Platão Diálogos: Timeu, Critíás, o Segundo Alcebíades, Hípias Menor*. 3ª Ed. Pará: EUFPA, 2001.

OBRAS DE REFERÊNCIAS

ASFORA, Wanessa C. A ideia de *Peregrinatio* na *Navigatio Sacti Brendani Abbatis*. in: ASFORA, Wanessa. *Navigatio Sancti Brendani Abbatis: tempo, espaço, outro mundo e peregrinação no relato de São Brandão à terra repromissis*. 2002. Dissertação (mestrado em História Social). FFLCH – USP, São Paulo.

BACLIANI, Agostino Paravicini. “Idades da Vida”. In: LE GOFF, Jacques, SCHIMITT, Jean-Claude (coord). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. vol.1. São Paulo: EDUSC, 2006, pp. 553-565.

BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal: do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006.

BROWN, Peter. *Ascensão do Cristianismo no Ocidente*. Lisboa: Presença, 1999.

DELUMEAU, Jean. *O que sobrou do paraíso?* São Paulo: Companhia das Letras. 2003.

_____. *Uma História do Paraíso: o jardim das delícias*. Lisboa: Terramar, 1992

DONNARD, Ana. O Outro Mundo dos celtas atlânticos e a mítica Brasil, ilha dos afortunados: primeiras abordagens. *Nuntius antiquus: Belo Horizonte*, n. 3, Agosto de 2009, p.14-28. Disponível em: <
<http://www.misteriosantigos.com/acervo/Outro%20Mundo%20dos%20celtas.pdf>>. Acesso em 10 maio 2011.

GONZÁLEZ, Fremiot Hernández. Algunas diferencias entre La Vita Sancti Brendani y la Navigatuio Sancti Brendani. *Fortunatae: Revista canaria de filología, cultura y humanidades clásicas*, nº3, 1992, pp.287-304. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=163847>>. Acesso em 21 maio 2011.

KAPPLER, Claude. Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LE GOFF, Jacques (coordenação). O Homem Medieval. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

LE GOFF, Jacques. O Imaginário Medieval. Lisboa: Estampa, 1994.

_____. A Civilização do Ocidente Medieval. São Paulo: EDUSC, 2005.

_____. Para um Novo Conceito da Idade Média: tempo, trabalho e cultura no ocidente. Lisboa: Estampa, 1993.

LOPES, Rodolfo Pais Nunes. O Timeu de Platão: mito e texto. Estudo teórico sobre o papel do mito-narrativa fundacional e tradução anotada do texto. 2009. Dissertação (Mestrado em Cultura Clássica). Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal.

Navigatio Sancti Brendani Abbatis. Textus: Vita sanctissimi confessoris Christi Brendani (Transcription du manuscrit d'Alençon à la bibliothèque municipale d'Alençon, Codex 14, f° 1 r à 11 v., XIème siècle). Disponível em: <http://www2.fh-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost10/Brendanus/bre_navi.html>. Acesso em 15 abril 2011

Ó CRÓÍNIN, Daíbhí. Early Medieval Ireland. Londres: Grupo Longman, 1995.

PASTOUREAU, Michel. Una Historia Simbólica de la Edad Media Occidental. Bueno Aires: Katz, 2006.

_____. “Símbolo”. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (coord.). Dicionário Temático do Ocidente Medieval. Vol 2. São Paulo: EDUSC, 2006, pp. 495-510.

ROBINSON, Thomas. A Psicologia de Platão. São Paulo: Editora Loyola, 2007.

SILVA, Lilian S. Souza e. A atuação dos Monges Irlandeses na Gália Merovíngia 590-650 d.C: uma comparação entre a *Vita Amandi* e a *Vita Columbani*. Dissertação em História Social. Curso de Pós-graduação em História da UFF. Niterói: 2010.

SOT, Michel. “Peregrinação”. “Peregrinação”. In: LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude (coord.) Dicionário Temático do Ocidente Medieval. vol.2. São Paulo: EDUSC, 2006, pp. 353-366.

The Catholic Encyclopedia. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/cathen/09306a.htm>>. Acesso em 10 maio de 2012.

ZIERER, Adriana. Paraíso versus Inferno: a Visão de Túndalo e a Viagem Medieval em busca da salvação da alma (século XII). In: Mirabilia: Revista Eletrônica de História Antiga e Medieval, ISSN 1676-5818, N° 2, 2002.

ZUMTHOR, Paul. La Medida del Mundo. Madrid: Catedra, 1994.

APÊNDICE A – Quadro do Percurso da Viagem

LUGAR (ESPAÇO)	TEMPO	ELEMENTOS
BOSQUE DA VIRTUDE	1 DIA	• LUTA INTERIOR; • VISITA DO ABADE BARINTO E RELATO DA VIAGEM DE BARINTO.
COMUNIDADE DE SÃO BRANDÃO	40 DIAS	• BRANDÃO ELEGE 14 FRADES DE SUA COMUNIDADE E SE REÚNE COM ELES; • BRANDÃO RELATA SEU DESEJO DE IR AO PARAÍSO; OS FRADES ACHAM; • INÍCIO DOS PREPARATIVOS PARA VIAGEM; JEJUM DE 40 DIAS.
ILHA DO ABADE ENDA	3 DIAS	• NÃO HÁ DESCRIÇÃO DETALHADA; • DEPOIS DOS 3 DIAS RECEBEM A BENÇÃO DO ABADE ENDA E PARTEM.
EXTREMO DA COMARCA (ILHA DO ABADE ENDA)	INDETERMINADO	• LUGAR ONDE VIVIAM OS PAIS DE BRANDÃO (O TEXTO DIZ QUE ELE NÃO QUIS VÊ-LOS); • ARMAM UMA TENDA EM UMA MONTANHA, ONDE CONSTRÓEM UM BARCO • COM MADEIRA, COBERTA COM COURO DE BOI; • LEVAM MATERIAL PARA MAIS DOIS BARCOS E PROVISÕES PARA 40 DIAS; • CHEGAM 3 FRADES NOVATOS.
INÍCIO DA VIAGEM AO PARAÍSO		
NAVEGANDO NO MAR	40 DIAS	• DURANTE 15 DIAS FORAM CONDUZIDOS PELO VENTO; • COMIAM UMA VEZ POR DIA;
ILHA SEM HABITANTES	3 DIAS	• PASSAM 3 DIAS RODEANDO A ILHA; DESCEM NA ILHA E ENCONTRAM UM CÃO QUE OS CONDUZ A UMA CIDADE; • AO ENTRAR NA CIDADE VEEM UMA CASA GRANDE, CHEIA DE ALMOFADAS, CAMAS E MUITOS VASOS DE DIVERSOS METAIS, ALEM DE COLARES E CHIFRES DE PRATA PENDURADOS; • COMIAM O OFÍCIO DIVINO; • A COMIDA APARECE PARA ELLES DURANTE OS 3 DIAS; • UM DOS 3 FRADES NOVATOS MORRE; O CASO DO « NIÑO PRETO»; • QUANDO ESTAVAM PARTINDO APARECE UM JOVEM COM COMIDA SUFICIENTE ATÉ A PASCOA.
NAVEGANDO NO MAR	INDETERMINADO	• COMIAM A CADA 2 DIAS; • A EMBARCAÇÃO ERA LEVADO POR DIVERSOS LUGARES;
ILHA DAS OVELHAS	3 DIAS	• CHEGAM NA QUINTA-FEIRA, NO DIA DA CEIA DO SENHOR E FICAM ATÉ O DOMINGO DE MANHÃ; • REZAM O OFÍCIO DIVINO; • GRANDE REBANHO DE OVELHAS (BRANÇAS) GIGANTES (OVELHA DOMESTICADA); • APARECE UM HOMEM COM ALIMENTOS; ELE EXPLICA A BRANDÃO SUAS PROXIMAS PARADAS.
ILHA-BALEIA JASCÓNIO	1 DIA	• CHEGAM NO DOMINGO DE PASCOA E PASSAM A NOITE CELEBRANDO AS VIGÍLIAS E MISSAS DA RESSURREIÇÃO (CADA FRADE CELEBROU UMA MISSA); • BRANDÃO NÃO DESCE E OS FRADES ESTRANHAM O ASPECTO DA ILHA; • QUANDO OS FRADES ESTAVAM PREPARANDO O FOGO, A ILHA SE MOVE E TODOS FOGEM ASSUSTADOS; • OS DEPOIS BRANDÃO EXPLICA QUE SE TRATAVA DE UM PEIXE
ILHA DAS AVES	40 DIAS	• CHEGAM NA SEGUNDA-FEIRA APÓS SAÍREM DO JASCÓNIO; • ENTRAM NA ILHA POR UM RIO E ENCONTRAM UMA ÁRVORE MUITO ALTA, CHEIA DE AVES BRANÇAS, QUE CANTAM TODO O TEMPO; UMA DAS AVES FALA COM BRANDÃO E EXPLICA SEU ITINERÁRIO; • CELEBRAM O OFÍCIO DIVINO E RECEBEM A VISITA DO PROVIDOR NO DIA DE PENTECOSTES; • FICAM ATÉ A OITAVA DE PENTECOSTES.
NAVEGANDO NO MAR	8 MESES	• LEVADOS DE UM CANTO PARA OUTRO DURANTE 3 MESES, SEM VER NADA ALEM DO CÉU E DO MAR; • COMIAM SEMPRE A CADA 2 OU 3 DIAS; • A AVE FALOU PARA BRANDÃO QUE ENCONTRARIAM UMA ILHA EM OITO MESES E O NARRADOR TRÊS MESES..
ILHA DA COMUNIDADE DE AILBEO	40 DIAS	• PASSAM 40 DIAS RODEANDO A ILHA SEM PODER ENCONTRAR O PORTO; • DEPOIS DE MAIS 3 DIAS DE JEJUM CONSEGUEM ENTRAR NA ILHA; • CELEBRAM O NATAL E FICAM NA ILHA ATÉ A OITAVA DE EPIFANIA; • ENCONTRAM UM ANJO COM CABELOS BRANÇOS E TAMBÉM O PAO BRANCO; • ENCONTRAM DUAS FONTES UMA DE ÁGUA TURVA (QUENTE) E OUTRA CLARA; • BRANDÃO FALA DE UMA LUZ ESPIRITUAL.
NAVEGANDO NO MAR	INDETERMINADO	• ALGUMAS VEZES REMAVAM, OUTRAS ERAM LEVADOS PELO VENTO; • O BARCO FOI LEVADO POR DIVERSOS LUGARES ATÉ O COMEÇO DA QUARESMA.
SEGUNDO ANO DE VIAGEM		
ILHA DA FONTE SONÍFERA	3 DIAS	• QUANDO AVISTARAM A ILHA REMARAM RAPIDAMENTE, POIS ESTAVAM 3 DIAS SEM COMIDA E BEBIDA; • QUANDO DESCERAM, ENCONTRARAM UMA FONTE MUITO TRANSPARENTE, COM DIVERSAS FRUTAS, VERDURAS E PEIXES; • BRANDÃO ALERTADO POR UM DOS FRADES SOBRE A ÁGUA DA FONTE, MAS TODOS BEBEM E ADMORCEM LEVAM ALIMENTOS PARA 3 DIAS DE VIAGEM.
NAVEGANDO NO MAR	23 DIAS	• 3 DIAS DEPOIS DE PARTIREM O VENTO PAROU E FICARAM A DERIVA POR 20 DIAS; • DEPOIS O VENTO VOLTOU; • COMIAM A CADA 3 DIAS.
ILHA DAS OVELHAS	3 DIAS	• REENCONTRAM O PROVIDOR, QUE OS SERVIU NOS TRÊS DIAS (VESTINDO NOVAS VESTES NELES); • CELEBRAM A OITAVA DE PENTECOSTES NO DOMINGO DE MANHÃ; • LEVAM ALIMENTOS.
ILHA-BALEIA JASCÓNIO	1 DIA	• ENCONTRAM O CALDEIRO QUE DEIXARAM NO ANO PASSADO; • FICAM ADMIRADOS COM O ANIMAL OBEDECE, FICANDO QUIETO SEM OFERECER PERIGO A ELES; • CELEBRAM A NOITE INTEIRA.
ILHA DAS AVES	58 DIAS	• RECEBEM NOVAMENTE A VISITA DO PROVIDOR, QUE LEVA ALIMENTOS PARA ELAS, OITO DIAS DEPOIS DA PASCOA; • A AVE FALA MAIS UMA VEZ COM BRANDÃO, REVELANDO O TEMPO DE SUA PEREGRINAÇÃO (7 ANOS) E QUE O SENHOR PREPARA A ILHA PARA OS BRANÇOS E TAMBÉM O PAO BRANCO; • RECEBEM PELA SEGUNDA VEZ O PROVIDOR NO DIA DE PENTECOSTES.
NAVEGANDO NO MAR	40 DIAS	• FALA APENAS QUE ESTAVAM A DERIVA;
LUTA ENTRE ANIMAIS MOSTRUOSOS	1 DIA	• ESTAVAM NO MAR E AVISTAM UM GRANDE ANIMAL QUE ESPUMAVA PELAS NARINAS E QUER ATACÁ-LOS; • OS FRADES FICAM APAVORADOS E BRANDÃO OS RECONFORTA, PREPARENDO SUA POUCA FEI; • BRANDÃO SUPLICA A DEUS POR SOCORRO E SURTE UM OUTRO ANIMAL DE GRANDE FORTE QUE OS DEFENDE.
ILHA SEM NOME	3 MESES	• ELAS ARMAM UMA TENDA E COMEM DA CARNE DO ANIMAL MORTO; • OS FRADES QUEREM COMPROVAR AS PALAVRAS DE BRANDÃO; • PASSAM 3 MESES AQUI PARA SE PROTEGER, POIS NO MAR HAVIA TEMPESTADE, VENTO FORTE, INSTABILIDADE DO AR E DA CHUVA DE GRANIZO; • LEVAM ALIMENTOS PARA VIAGEM.
NAVEGANDO NO MAR	INDETERMINADO	SEM DESCRIÇÃO
ILHA DOS HOMENS FORTES	1 DIA	• UMA ILHA MUITA LARGA, SEM ÁRVORES E NENHUMA OUTRA VEGETAÇÃO; • ESTAVAM COBERTA POR TRÊS BRANÇOS E VERMELHAS; • HABITAVAM A ILHA 3 GRUPOS: CRIANÇAS (BRANCO), JOVENS (JACINTO) E ANCIOS (PURPURA); • UM DOS FRADES NOVATOS FICA NA ILHA, NO GRUPO DOS JOVENS; • LEVAM AS FRUTAS DA ILHA PARA VIAGEM.
NAVEGANDO NO MAR	30 DIAS	• ALIMENTARAM-SE 12 IAS DAS FRUTAS DA ILHA DOS HOMENS FORTES; • DEPOIS FIZERAM UM JEJUM DE 3 DIAS, DEPOIS UMA AVE VEIO ATÉ ELAS COM UM CACHO DE UVAS PARA ELAS; • ALIMENTARAM MAIS 12 DIAS COM ESSAS UVAS GIGANTES; • FIZERAM MAIS UM JEJUM DE 3 DIAS E DEPOIS ENCONTRAM OUTRA ILHA.
LUTA ENTRE ANIMAIS MOSTRUOSOS	1 DIA	• OS FRADES FICAM MEDO E BRANDÃO OS REPREENDE; • PARACE OUTRA AVE QUE OS DEFENDE.
ILHA DAS UVAS	40 DIAS	• TERRA FÉRTIL, COM FRUTAS GIGANTES; • A ILHA TINHA CHEIRO DE PESSIGO; • ALIMENTARAM-SE NA ILHA POR 40 DIAS E LAVARAM COMIDA PARA VIAGEM.
NAVEGANDO NO MAR	INDETERMINADO	• LEVADOS PELO VENTO; • ENCONTRAM COM A AVE GRIFO, QUE TENTA ATACÁ-LOS
ILHA DA COMUNIDADE DE AILBEO	9 DIAS	• CELEBRAM O NATAL ATÉ A OITAVA DE EPIFANIA; • DESCRIÇÃO RÁPIDA E SEM DETALHES.
FIM DO SEGUNDO ANO DE VIAGEM RECORRER O OCEANO DURANTE MUITO TEMPO, EXCETO NAS FESTIVIDADES)		
O MAR TRANSLÚCIDO	8 DIAS	• ENCONTRAM O MAR ENQUANTO CELEBRARAM A FESTIVIDADES DO APOSTOLO PEDRO; • VIRAM MUITOS ANIMAIS DEBAIXO DO MAR E OS FRADES FICAM COM MEDO, MAS BRANDÃO OS REPREENDE; • NÃO FALA DE ALIMENTAÇÃO DURANTE ESTE TEMPO.
COLUNA DE CRISTAL	7 DIAS	• ESTAVAM CELEBRANDO UMA MISSA E ENCONTRAM UMA COLUNA DE CRISTAL MUITO ALTA ATÉ O CÉU; • PASSAM 4 DIAS PARA CHEGAR À COLUNA, QUE ERA FEITA DE CRISTAL TRANSPARENTE; • ENCONTRAM UM CÁLICE E UM PRATO E ALIMENTAM-SE DENTRO DA COLUNA
NAVEGANDO NO MAR	8 DIAS	• VENTO FAVORÁVEL; • NÃO FALA DA ALIMENTAÇÃO.
ILHA ROCHOSA LIMITES DO INFERNO	1 DIA	• ILHA ROCHOSA, AGRESTE, CHEIA DE ESCORIA, SEM VEGETAÇÃO E COM FÁBRICAS DE ARTESÃOS; • O VENTO OS LEVA PARA PERTO DA ILHA, MAS NÃO DESCEM; • SÃO ATACADOS PELOS HABITANTES DA ILHA.
INFERNO	1 DIA	• DEPARAM-SE COM UMA MONTANHA ALTA, MUITO FUMEGANTE; • SÃO ARRASTADOS PELO VENTO PARA PERTO DA ILHA; • O ÚLTIMO FRADE NOVATO DESCE DO BARCO E É CONDUZIDO PARA A ILHA; • O VENTO OS LEVA PARA LONGE DA ILHA.
NAVEGANDO NO MAR	7 DIAS	SEM DESCRIÇÃO
ENCONTRAM COM JUDAS	1 DIA	• ENCONTRAM JUDAS SENTADO NUMA PEDRA NO MEIO DO MAR, BRANDÃO CONVERSA COM ELE; • APARECEM UM GRUPO DE DEMÔNIOS PARA LEVAR JUDAS; BRANDÃO NÃO PERMITE QUE O LEVEM PRONTAMENTE; • PASSAM A NOITE E VÃO EMBORA NO DIA SEGUINTE, JUDAS É LEVADO PELOS DEMÔNIOS.
NAVEGANDO NO MAR	3 DIAS	• GLORIFICAM A DEUS POR TUDO.
ILHA DE PAULO EREMITA	1 DIA	• TEM DIFICULDADE PARA ENCONTRAR O PORTO; • BRANDÃO DESCE PRIMEIRO E ENCONTRA O ANCIÃO (COBERTO APENAS PELOS CABELOS BRANÇOS), QUE MANDA CHAMA OS OUTROS; • LEVAM ÁGUA DO MANANCIAL.
NAVEGANDO NO MAR	40 DIAS	• ALIMENTARAM-SE APENAS DE ÁGUA A CADA 3 DIAS E NÃO SENTIAM FOME E NEM SEDE.
ÚLTIMO ANO DE VIAGEM		
ILHA DAS OVELHAS	3 DIAS	• CELEBRAM A CEIA • DESCRIÇÃO CURTA E RÁPIDA; • ENCONTRAM O PROVIDOR, QUE SEGUE VIAGEM COM ELES.
ILHA-BALEIA JASCÓNIO	1 DIA	• PASSAM A NOITE; • DESCRIÇÃO CURTA E RÁPIDA; • AO FINAL, O JASCÓNIO SEGUE-OS ATÉ A ILHA DAS AVES.
ILHA DAS AVES	58 DIAS	• DESCRIÇÃO CURTA E RÁPIDA; • O PROVIDOR FALA COM ELES E PRECISO QUE ELE OS GUIE ATÉ O PARAÍSO; • ELAS ENCHEM OS ODRES PARA VIAGEM; • AS AVES SE DESPEDEM CANTANDO.
ILHAS DAS OVELHAS	40 DIAS	SEM DESCRIÇÃO
NAVEGAM NO MAR	40 DIAS	• GUIADOS PELO PROVIDOR; • NÃO FALA SOBRE ALIMENTAÇÃO.
PARAÍSO: A TERRA PROMETIDA AOS SANTOS	40 DIAS	• ENCONTRAM UMA NÉVOA MUITO DENSA; • DEPOIS DE 1 HORA DE FALTA DE VISIBILIDADE SURTE UMA LUZ INTENSA QUE DISSIPA A NÉVOA • A TERRA ERA AMPLA, CHEIA DE VEGETAÇÃO E ÁRVORES FRUTIFERAS; • NÃO HAVIA NOITE E O DIA DURAVA O DIA INTEIRO; • SE DEPARAM COM UM RIO, QUE CORTAVA A TERRA E NELLE ENCONTRAM UM JOVEM MENSAGEIRO; • RECOLHEM DE TODAS AS FRUTAS DA TERRA E DAS PEDRAS PRECIOSAS • SÃO CONDUZIDOS A MARGEM DA ILHA PELO JOVEM E PELO PROVIDOR E PARTEM DA TERRA.
ILHA DAS DELÍCIAS	3 DIAS	SEM DESCRIÇÃO
NAVEGAM NO MAR (RETORNO)	INDETERMINADO	SEM DESCRIÇÃO
COMUNIDADE DE BRANDÃO	INDETERMINADO	• SÃO RECEBIDOS COM ALEGRIA; • RELATAM A VIAGEM E TUDO QUE PASSARAM NA VIAGEM; • BRANDÃO SABE DA SUA MORTE IMINENTE E PREPARA TUDO PARA SEUS SUCESSORES; • MORTE DE SÃO BRANDÃO.

APÊNDICE B – Percurso Fixo-Anual

